

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

ELIAS DA SILVA SPÓSITO

Repetição e Correção no Facebook: uma análise

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

São Paulo

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

ELIAS DA SILVA SPÓSITO

Repetição e Correção no Facebook: uma análise

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa sob a orientação da Professora Doutora Vanda Maria da Silva Elias.

São Paulo

2013

BANCA EXAMINADORA

À Claudia Bernacki Spósito pela paciência, amor, incentivo e dedicação a mim,
para que eu pudesse atravessar esta jornada acadêmica.

Agradecimentos

À Professora Doutora Vanda Maria da Silva Elias, eu agradeço pela dedicação e incentivo nos momentos em que já me mostrava desanimado e ainda mais pela paciência e sabedoria com as quais me orientou de forma magistral.

Ao Professor Livre Docente Dino Preti e ao Professor Rivaldo Capistrano de Souza Junior pela leitura cuidadosa e pelas contribuições dadas a este trabalho no exame de qualificação.

À Lourdes, secretária do Programa de Pós Graduação em Língua Portuguesa, pelo sempre gentil atendimento.

À minha família pelo estímulo.

RESUMO

Este trabalho objetiva investigar casos de repetição e correção em textos na rede social Facebook, tendo como base teórica estudos do texto na perspectiva sociocognitiva e interacional. Para a análise pretendida, foi selecionado um *corpus* composto por mensagens no Facebook produzidas por usuários nativos e não nativos digitais. Os resultados indicam que, em ambos os grupos, os sujeitos recorrem à repetição e à correção, em variadas formas e funções, na manifestação de seu cotidiano aos amigos da rede. Além disso, destaca-se o papel das repetições e das correções como estratégias que contribuem para a interação entre sujeitos usuários do Facebook.

Palavras chaves: escrita digital, repetição, correção, interação, Facebook.

ABSTRACT

This job has the purpose of investigate cases of repetition and amendment in texts from the social network Facebook, using as theoretical base studies of these texts with an outlook in socio cognition and interaction. For the purpose sought, it was selected a *corpus* of messages from Facebook, written by Digital Natives users and not Digital Natives users. The results show that in both groups the users resort to the repetition and to the amendment, in many forms and functions, to externalize their everyday life to their friends in the social network. Moreover, the use of repetitions and amendments is highlighted as a strategy to contribute to the interaction between Facebook users.

Key words: digital writing, repetition, amendment, interaction, Facebook.

SUMÁRIO

Introdução	10
1. Facebook.....	12
1.1. Produção de um perfil.....	14
2. Corpus da pesquisa.....	21
2.1. Contextualização	21
2.1.1 Sobre a noção de sujeito.....	21
2.1.2 Sobre a noção de domínios discursivos.....	23
2.1.3 Sobre a noção de cotidiano.....	25
2.2 Os sujeitos da pesquisa	26
2.2.1 Os nativos digitais.....	27
2.2.2 Os não nativos digitais.....	35
2.3 As mensagens selecionadas.....	46
3. Considerações Teóricas.....	48
3.1. Concepção de texto.....	48
3.2. Estratégias Textuais: A formulação e a reformulação.....	52
3.2.1 Reformulação.....	53
3.2.1.1 Repetição.....	55
3.2.1.1.1 Funções da repetição.....	58
3.2.1.2 Correção.....	71
3.2.1.2.1 Funções da correção	74
3.3 Contexto.....	80
3.3.1. Funções do Contexto.....	84

3.4 Texto nas Mídias Digitais.....	85
3.4.1 O Internetês.....	90
3.4.2 Escrita no Facebook.....	91
4. Análise das estratégias de reformulação nos posts e nos comentários do Facebook.....	93
4.1 Casos de repetição.....	94
4.1.1 Repetição em textos de sujeitos nativos digitais.....	94
4.1.2 Repetição em textos de sujeitos não nativos digitais.....	117
4.2 Casos de correção.....	141
4.2.1. Correções em textos de sujeitos nativos digitais.....	141
4.2.2 Correções em textos de sujeitos não nativos digitais.....	160
5. Considerações finais.....	181
6. Referências bibliográficas.....	193

Introdução

O mundo vem passando por grandes transformações nas comunicações e nas interações sociais. Toda essa inovação na atualidade passa pelo uso da internet, seja no computador, seja no celular. Graças à internet, a comunicação passou a se dar com maior velocidade, atingindo o maior número de pessoas, principalmente com o surgimento das redes sociais como, por exemplo, o Facebook.

O Facebook, criado em 2004 por Mark Zuckemberg, é uma rede social que vem conquistando muitos usuários, principalmente por causa da multiplicidade de recursos e da facilidade de se fazer uso deles. Trata-se de um espaço propiciado pela internet onde indivíduos trocam mensagens, expõem nessas mensagens opiniões sobre qualquer assunto, comentam as postagens de outros, colocam fotos pessoais ou compartilham as imagens de alguém, postam vídeos e conversam online em vídeo conferências.

Neste trabalho, temos por objetivo analisar estratégias textuais de reformulação em mensagens postadas no Facebook. Considerando que essa rede social atrai nativos e não nativos digitais, pretendemos com esta pesquisa responder a seguinte pergunta: como os nativos e os não nativos digitais produzem a repetição e a correção em suas mensagens no Facebook e que funções essas estratégias assumem no contexto dessa mídia social?

A pesquisa se sustenta teoricamente em estudos do texto e do contexto em perspectiva sociocognitiva. O texto é entendido como um “evento comunicativo em que convergem as ações linguísticas, cognitivas e sociais” Beaugrande (1997). Por sua vez, a noção de contexto se baseia, principalmente, nos estudos de van Dijk (2012). Para esse autor, cada indivíduo, ao longo de sua vida, acumula em sua memória conhecimentos relativos às experiências que teve. Essas vivências são organizadas em modelos situacionais que são ativados na medida em que outras situações semelhantes ocorrem. Dentro dessa premissa, segundo o autor, os modelos mentais constituem na verdade modelos de contexto que são extremamente importantes para a construção dos enunciados.

O *corpus* da pesquisa é formado por quatrocentas e oitenta mensagens postadas na rede social Facebook e coletadas entre fevereiro e setembro de 2013. Os autores dessas mensagens foram divididos nesta pesquisa em dois grupos: nativos digitais, nascidos depois da década de 1990; e não nativos digitais, nascidos antes da década de 1990. Essa divisão segue a proposta de Prensky (2001) com a seguinte adaptação: o que Prensky denominou imigrante digital, nós denominamos não nativo digital.

Metodologicamente, a pesquisa se situa em uma abordagem qualitativa. De acordo com Gazeta (2001, p. 9), a abordagem é “qualitativa porque se contrapõe ao esquema quantitativista de pesquisa (que divide a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente)”.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos, além desta introdução, das considerações finais, da bibliografia e dos anexos.

No primeiro capítulo, tratamos da rede social Facebook, sua caracterização e configuração da escrita nesse espaço propiciado pelas recentes inovações tecnológicas.

No segundo capítulo, apresentamos o *corpus* do trabalho, composto por mensagens produzidas no Facebook por sujeitos nativos digitais e sujeitos não nativos digitais.

No terceiro capítulo, dedicamo-nos às considerações teóricas, explicitando os conceitos chave da pesquisa: texto, contexto, reformulação, repetição e correção, que respaldam a análise.

No quarto capítulo, procedemos à análise a fim de responder como e com que função os sujeitos nativos digitais e os sujeitos não nativos digitais promovem a repetição e a correção no Facebook.

Capítulo 1: Facebook

A popularização da internet trouxe mudanças significativas na forma como as pessoas se relacionam. Os encontros, antes prioritariamente presenciais, passaram também a ocorrer pelo computador por meio das redes sociais, como o Facebook. Esses encontros virtuais não substituíram os encontros físicos, mas passaram a ser uma extensão dele, uma forma de criar e manter outros relacionamentos utilizando da rede.

A Web trouxe mudanças no tratamento e no acesso que os indivíduos passaram a ter à informação. O acesso ao conhecimento era majoritariamente direcionado pelos meios de comunicação escrito e televisivo e, por conta disso, a interpretação dos fatos sofria (como ainda sofre) interferências externas, baseadas na linha editorial que o veículo possui. Com a internet, como bem discutiu Levy (1999), é criada e recriada uma “inteligência coletiva” e a informação deixa de ser prioritariamente tratada pelos veículos citados e passa a ser mais abrangente, com maior quantidade de fontes, podendo gerar maior criticidade por parte de quem procura por ela.

Até o presente momento, a internet possui duas gerações: a primeira e a segunda. Na primeira geração da internet, a Web 1.0, a modalidade de interação era a da navegação unidirecional, ou seja, apenas os indivíduos que eram os gerenciadores do site podiam inserir conteúdo novo em suas páginas. Nesse caso, o internauta era um expectador e pouco participava da construção da informação, uma vez que não era autorizado a alterar o conteúdo.

Santos (2012, p. 32) citando Santaella & Lemos (2010) afirma:

Na primeira geração da Web, a modalidade de interação era a da navegação unidirecional, caracterizada pelo aumento exponencial dos nós da rede e pela estruturação de canais de comunicação entre esses nós através da evolução acelerada de mecanismos de busca e das comunidades digitais. (SANTAELLA & LEMOS, 2010, p.57).

Toda essa possibilidade de acesso e escolhas passou a ser maior a partir do surgimento da segunda geração da internet, a chamada Web 2.0. Santos (2012) comenta que

a segunda geração de serviços online (Web 2.0) caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo. Com a Web 2.0, fez-se a passagem da ênfase na publicação para a participação: blogs com comentários e sistema de assinaturas em vez de home-pages estáticas e atomizadas.

Com a Web 2.0, a partir do século XXI, surgiu um novo ambiente de interação social, as chamadas redes sociais. Essas redes proporcionam às pessoas um meio de manterem contato com amigos ou com indivíduos que possuem interesses os mais diversos interesses. Atualmente, a internet móvel com tecnologia 3G, a partir do celular, se popularizou ainda mais, ao ponto de fazer com que o indivíduo multiplique o tempo gasto online, em contato com o mundo virtual. Essa mobilidade trouxe para os usuários maior facilidade em se manter conectados à sua rede contatos.

Para Parente (2007, p. 101):

As redes tornaram-se ao mesmo tempo uma espécie de paradigma e de personagem principal das mudanças em curso justo no momento em que as tecnologias de comunicação e de informação passaram a exercer um papel estruturante na nova ordem mundial.

As redes sociais estão entre os principais meios em que as pessoas se encontram para interagir verbalmente. Basta para isso que o indivíduo tenha acesso à internet e crie um perfil na rede preferencial.

Carvalho e Kramer (2013, p. 80) entendem que

(...) sites de relacionamento congregam pessoas, que criam perfis virtuais de si mesmas, nos quais acrescentam informações a seu respeito, como interesses pessoais e profissionais, vídeos, fotos mensagens em textos de várias naturezas. Nas redes as pessoas se agrupam de acordo com seus interesses em comum. Desse modo, esse tipo de site atua como representação virtual dos relacionamentos entre os seres humanos em seu mundo real.

Dentre as chamadas redes sociais, uma das que mais se destaca é o Facebook. De acordo com informações de maio de 2013 presentes no site WWW.olhardigital.uol.com.br, o Facebook (popularmente chamado de Face) possui 1,11 bilhões de usuários ativos. Essa informação foi publicada à época pela própria empresa que registrou ainda o fato de que ao menos 751 milhões desses usuários utilizam o sistema móvel para acessar a rede.

Carvalho e Kramer (2013, p. 81) salientam que essa não foi a primeira rede social criada, mas tornou-se uma das mais atraente, pois possui maior número de recursos e possibilidades de interação, que facilitam a troca de imagens e vídeos em tempo real, mesmo sendo acessada por um telefone celular. Essa afirmação mostra que o Facebook surgiu em um momento de grandes revoluções tecnológicas que deram mobilidade para os usuários, fazendo com que estes fiquem mais tempo conectados.

O Facebook se popularizou tão rapidamente que, em 2010, a sua criação culminou em um filme “A Rede Social”, que procura mostrar sua concepção dentro da Universidade de Harvard.

1.1 Produção de um perfil

O indivíduo que deseja fazer parte do Facebook precisa primeiro acessar o site e criar um perfil por meio da URL: <[HTTP://www.facebook.com](http://www.facebook.com)>. Ao digitar esse

domínio, ele será direcionado a uma página de inscrição, como está representada na figura 1 a seguir:

Figura 1

The image shows the Facebook registration page. At the top, there is a blue header with the Facebook logo on the left and login fields on the right. The login fields include 'E-mail' and 'Senha' (Password) with a 'Entrar' (Log In) button. Below the login fields, there are links for 'Manter-se conectado' (Stay logged in) and 'Esqueceu sua senha?' (Forgot your password?).

The main content area is divided into two sections. On the left, there is a message in Portuguese: 'No Facebook você pode se conectar e compartilhar o que quiser com quem é importante em sua vida.' (On Facebook you can connect and share what you want with who is important in your life.) Below this message is a graphic showing a network of people connected by lines, representing the social network.

On the right, there is a section titled 'Cadastre-se' (Sign up) with the text 'É gratuito e sempre será.' (It's free and always will be.). Below this, there are several input fields for registration: 'Nome' (Name), 'Sobrenome' (Surname), 'Seu E-mail' (Your E-mail), 'Digite novamente E-mail' (Type again E-mail), and 'Nova senha' (New password). There is also a dropdown menu for 'Selecione o gênero' (Select your gender) and a date of birth section with dropdowns for 'Dia' (Day), 'Mês' (Month), and 'Ano' (Year). A green 'Cadastre-se' button is at the bottom of the registration form.

At the very bottom, there is a small link that says 'Crie uma página para uma celebridade, uma banda ou um negócio.' (Create a page for a celebrity, a band or a business.).

Disponível em www.facebook.com. Acessado em 20/02/13.

Para a criação, o usuário precisa preencher uma pequena planilha identificando seus dados pessoais como: nome, sobrenome, e-mail de identificação, senha com pelo menos seis caracteres, data de nascimento e sexo. Essas informações já começam a fazer parte do perfil do usuário. A figura 2 a seguir mostra essa planilha que precisa ser preenchida.

Figura 2

The image shows the Facebook registration page with the title "Cadastro-se" and the tagline "É gratuito e sempre será." Below this, there are several input fields: "Nome:", "Sobrenome:", "Seu e-mail:", "Insira o e-mail novamente:", and "Nova senha:". There is also a "Eu sou:" section with a dropdown menu labeled "Selecione o gênero:". Below that is the "Data de nascimento:" section with three dropdown menus for "Dia:", "Mês:", and "Ano:". A link "Por que preciso informar isso?" is located below the date fields. At the bottom is a green button labeled "Cadastre-se".

Disponível em www.facebook.com. Acessado em 20/02/13.

Preenchido esse cadastro, o novo usuário é encaminhado à tela denominada “Etapa 1 - localizar amigos”, como nos revela a figura 3:

Figura 3

Etapa 1
Localizar amigos

Etapa 2
Informações do perfil

Etapa 3
Foto do perfil

Seus amigos já estão no Facebook?
Muitos de seus amigos podem já estar aqui. Procurar em sua conta de e-mail é o caminho mais rápido para encontrar seus amigos no Facebook.

 **Gmail**
Seu e-mail:
Localizar amigos

 **Windows Live Messenger** [Localizar amigos](#)

 **Windows Live Hotmail** [Localizar amigos](#)

 **Outro serviço de e-mail** [Localizar amigos](#)

[Pular esta etapa](#)

Disponível em www.facebook.com. Acessado em 20/02/13.

Em seguida, é solicitado à pessoa o preenchimento de outros dados, como escolaridade e o empregador, pois essas novas informações podem propiciar ao indivíduo maior facilidade em encontrar novos contatos que possuem interesses em comum. Esse formulário encontra-se na figura 4 a seguir.

Figura 4

The image shows a three-step process for setting up a Facebook profile. Step 1 is 'Localizar amigos' (Find friends), Step 2 is 'Informações do perfil' (Profile information), and Step 3 is 'Foto do perfil' (Profile photo). Step 2 is the active step, titled 'Preencha as informações do seu perfil' (Fill in your profile information). Below the title, it says 'Essas informações o ajudarão a localizar seus amigos no Facebook.' (These informations will help you find your friends on Facebook). There are three input fields: 'Ensino médio:' (High school), 'Faculdade/Universidade:' (College/University), and 'Empregador:' (Employer). At the bottom left is a 'Voltar' (Back) link, and at the bottom right are 'Pular' (Skip) and 'Salvar e continuar' (Save and continue) buttons.

Etapa 1
Localizar amigos

Etapa 2
Informações do perfil

Etapa 3
Foto do perfil

Preencha as informações do seu perfil
Essas informações o ajudarão a localizar seus amigos no Facebook.

Ensino médio:

Faculdade/Universidade:

Empregador:

[◀ Voltar](#) [Pular](#) [Salvar e continuar](#)

Disponível em www.facebook.com. Acessado em 20/02/13.

Por fim, o usuário pode postar em seu perfil uma foto como indicado na figura 5 a seguir. O perfil não precisa ser totalmente preenchido, alguns campos podem ficar em aberto.

Figura 5

The image shows the Facebook profile setup interface. At the top, there are three steps: 'Etapa 1 Localizar amigos', 'Etapa 2 Informações do perfil', and 'Etapa 3 Foto do perfil', with the third step being the active one. The main heading is 'Defina a foto do seu perfil'. On the left is a placeholder for a profile picture. On the right, there are two options: 'Enviar foto Do seu computador' and 'Tirar uma foto Com a sua webcam', separated by 'OU'. At the bottom left is a 'Voltar' button, and at the bottom right are 'Pular' and 'Salvar e continuar' buttons.

Disponível em www.facebook.com. Acessado em 20/02/13.

Após o preenchimento do cadastro inicial no Facebook, o indivíduo terá acesso a uma página pessoal e suas funcionalidades, como nos mostra a imagem 6. Em primeiro lugar temos um ícone em que fica registrada a solicitação de amizade feita por terceiros. Ele tem como formato a sombra de duas pessoas e, quando há alguma solicitação, um número em vermelho aparece. Quanto mais pessoas solicitam, maior será a numeração presente no ícone. Em segundo lugar aparece o espaço onde é possível visualizar as mensagens particulares recebidas pelo usuário, ele é representado por balões de história em quadrinhos, simbolizando a fala dos indivíduos. Em terceiro aparecem notificações de pessoas que aceitaram o pedido de amizade e também comentários referentes a algo postado pelo dono da página, ele é representado pela imagem do globo terrestre. As funcionalidades mencionadas são exemplificadas na figura 6 a seguir:

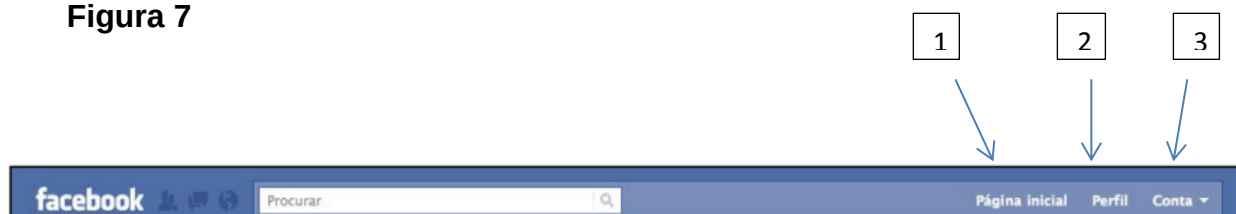
Figura 6



Disponível em www.facebook.com. Acessado em 20/02/13.

Além desses pontos mencionados anteriormente, importa ressaltar que há também um espaço destinado à procura de novos contatos (1), o acesso ao perfil disponível (2) e a configurações de conta (3), como é possível observar na figura 7:

Figura 7



Disponível em www.facebook.com. Acessado em 20/02/13.

2. Corpus de pesquisa

2.1 Contextualização

2.1.1 Sobre noção de sujeito

Para Koch (2011, p15) a noção de sujeito é entendida como “entidade psicossocial”:

Os sujeitos reproduzem o social na medida em que participam efetivamente da definição da situação na qual se acham engajados, e que são atores na atualização das imagens e das representações sem as quais a comunicação não poderia existir.

Marcuschi (2008: p. 71) postula que a consciência que um indivíduo tem de si mesmo ocorre no instante em que se contrapõe ao outro, revelando que “a subjetividade nasce no seio da intersubjetividade”. Em outras palavras, no instante em que o “eu” interage com o “tu” é que consegue se perceber no mundo e perceber o outro.

Seria então correto afirmar que o sujeito se compreende como tal a partir do momento em que se encontra com o outro, fazendo deste uma espécie de “espelho” revelando não somente suas semelhanças, mas principalmente suas diferenças. É como se o outro fosse a medida dele mesmo e que o conhecimento relativo a si dependesse da contraposição encontrada no outro.

Os sujeitos escolhidos para este trabalho são aqueles que agem textualmente, construídos e reconstruídos no plano da interação, negociando com o outro de forma estratégica as convenções sociais que melhor se encaixam à situação e ao domínio de atuação. São indivíduos que se manifestam pela rede de computadores, mais precisamente por meio das redes sociais. Esses sujeitos serão divididos em dois grupos que, com base nos estudos de Prensky (2001), são denominados *nativos digitais* e *não nativos digitais*.

Para o dicionário online Aulete, nativo é a “Pessoa pertencente a grupo étnico originário da região onde nasceu.” Já o termo *nativo digital* foi inicialmente cunhado por Marc Prensky (2001). Para o autor, o nativo digital é o indivíduo que nasceu na era digital, ou seja, a partir da década de 90. Os nativos digitais, na visão do autor, são aqueles que falam a linguagem digital, pois já nasceram em meio a ela. Por conta disso, aprendem de forma diferente e se comunicam de forma diferente daqueles que não nasceram nessa nova era. Eles vivem, a maior parte do tempo, conectados.

Pescador (2010, p. 2), citando Prensky (2001), afirma que:

(...) esses jovens estão acostumados a obter informações de forma rápida e costumam recorrer primeiramente a fontes digitais e à Web antes de procurarem em livros ou na mídia impressa. Por causa desses comportamentos e atitudes e por entender a tecnologia digital como uma linguagem, Prensky os descreve como Nativos Digitais, uma vez que “falam” a linguagem digital desde que nasceram.

Esses indivíduos realizam ao mesmo tempo uma quantidade muito grande de atividades que as outras gerações anteriores não conseguem. Eles ouvem música enquanto estudam e baixam textos ou programas online, ou jogam e conversam ao mesmo tempo com os participantes dos jogos e também com as pessoas em seu grupo social. Para os nativos digitais, a linguagem digital funciona como parte da linguagem corrente que eles mais comumente utilizam.

Apesar de coerente a definição trazida por Prensky (2001), utilizar apenas a idade dos indivíduos nos parece um critério insuficiente para a definição de nativos digitais. Cabe lembrar que, até hoje, no Século XXI, existem comunidades cujo acesso à internet ainda não se deu de forma eficiente, ou seja, não atingiu a maioria. Por conta disso, entendemos o nativo digital como aquele que nasceu a partir da década de 1990 e que tem acesso à rede.

Outro grupo que faz parte dos sujeitos escolhidos para fazer parte do corpus são os denominados por Prensky (2001) como *imigrantes digitais*. Para o estudioso,

os imigrantes digitais são aqueles que não nasceram na era da informática, mas foram introduzidos dentro dela, aprenderam a utilizar as tecnologias digitais durante sua vida adulta. Neste trabalho, chamaremos esse grupo de não nativos digitais.

Os não nativos digitais possuem um comportamento diferente dos primeiros no que se refere ao uso da tecnologia. Pescador (2010, p. 3), citando Prensky (2001), afirma que

(...) aquelas pessoas que aprenderam a usar as tecnologias digitais ao longo de suas vidas adultas são imigrantes digitais (2001a). Mesmo que aprendam a ser fluentes no uso da linguagem digital, eles ainda manifestam certo “sotaque” que pode ser observado no modo com que usam a mesma tecnologia e recursos digitais que os nativos em seu dia a dia.

Os não nativos digitais são aqueles que estão inseridos no grupo que nasceu antes de 1990, possuem acesso à internet e passam a incorporá-la no seu dia a dia. A linguagem digital não lhe é tão comum e, em alguns casos, sentem dificuldade em trabalhar com recursos tecnológicos.

2.1.2 Sobre a noção de domínios discursivos

A maior parte das pessoas, ao longo de suas vidas, participa ativamente da sociedade onde estão inseridas por meio dos grupos sociais. Dentro desses grupos, as pessoas desenvolvem atividades que são relativas a eles, como parte integrante de suas vidas em comunidade e utilizam a linguagem para representar seus interesses.

Marcuschi (2008, p. 194) propõe que se vejam os grupos como “domínios discursivos” (p. 266), lugares onde a interação verbal ocorre para os mais diversos fins. Os domínios discursivos, também chamados de “esferas de atividades

humanas” por Bakhtin (2006), são “a esfera de vida social ou institucional (...) na qual se dão práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão”.

Os domínios discursivos são importantes para orientar a ação do sujeito, uma vez que se trata de locais ou situações diversas, com pessoas diversas interagindo e cooperando para encontrar uma forma que auxilie na resolução do que foi proposto. Nesses domínios, cada indivíduo possui uma atribuição, uma espécie de papel social que precisa desempenhar, representando a “face” (Goffman, 2011) que decidiu assumir.

Entendemos a face tendo como base os estudos de Goffman (2011). Para o autor, a face é uma valoração positiva que um indivíduo reivindica para si mesmo de acordo com o que os outros pensam a seu respeito. Essa valoração decorre dos atos verbais e não verbais que uma determinada pessoa produz durante o ato de interação com outras pessoas.

De acordo com Goffman (1985, p. 34):

Quando um indivíduo assume um papel estabelecido, geralmente verifica que uma determinada fachada já foi estabelecida para esse papel. Quer a investidura no papel tenha sido primordialmente motivada pelo desejo de desempenhar a mencionada tarefa, quer pelo desejo de manter a fachada correspondente, o indivíduo verificará que deve fazer ambas as coisas.

A internet apresenta muitos domínios discursivos e as redes podem ser consideradas um deles. Neles os usuários constroem imagens de si mesmo sobre o que querem representar e de acordo com a liberdade que o domínio lhe proporciona. Ao produzir um post, o usuário assume um papel social que procura desempenhar para manter a face que decidiu assumir. Para isso, ele negociará com os interlocutores por meio do texto e procurará, pela interação, manter sua posição perante eles.

Por conta disso, um indivíduo que produz um post no Facebook procura utilizar estratégias que levam em conta o que sua rede de contatos espera dele, por conta dos domínios discursivos de onde escrevem. Não se trata apenas de “copiar” o que se faz na vida secular, fora da rede, mas de criar, na maioria das vezes, uma nova vida, ou uma segunda vida, onde eles podem expor suas opiniões e anseios, atendendo ao propósito inicial do Facebook: “O que você está pensando”.

2.1.3 Sobre a noção de cotidiano

O conceito do que vem a ser cotidiano contém inúmeras variáveis em sua constituição. Segundo o dicionário online Houaiss, é “o que acontece diariamente; que é comum a todos os dias; diário”, ou seja, o cotidiano é tudo o que alguém faz diariamente.

Para algumas pessoas, o cotidiano se resume ao trabalho, para outras à família, para outras aos amigos, para outras ao estudo. Por conta disso, seus textos (orais e escritos) acabam por refletir suas práticas sociais mais comuns, além de refletir também as influências que recebe dos domínios discursivos onde estão inseridos.

Todos participam de um cotidiano, dentro dessa perspectiva. Desde os famosos que possuem em seu cotidiano o trabalho de manter e aumentar essa fama, até os anônimos que acabam por desenvolver suas identidades baseadas em suas relações com os grupos sociais com quem convive.

Heller (2008: p. 31 *apud* Santos 2012) afirma:

O homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias.

Dentro dessa premissa, é possível afirmar que as pessoas estão todas inseridas em uma rotina diária. Esse cotidiano, em sua grande maioria, pode ser determinado pelo domínio discursivo onde o indivíduo está inserido, pois como nos afirma Bazerman (2009, p. 102), “(...) Os lugares que você frequenta desenvolverão em você aquelas partes que estão mais relacionadas e orientadas às atividades daqueles espaços.”.

Tanto para o nativo quanto para o não nativo digital escolhidos para este trabalho, o cotidiano está atrelado à variedade das atividades que desenvolvem ao longo de suas vidas. Para Heller (2008), a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada são temas que podem ser abordados pelos sujeitos.

De acordo com essa posição, o sujeito usuário do Facebook procura comunicar coisas que estão atreladas às atividades de sua vida dentro do seu domínio discursivo. Não somente dizer o que estão fazendo, mas emitir opiniões sobre algum assunto, com o direito de repudiar, de elogiar, de agradecer, de criticar, de expressar suas emoções para seus amigos, enfim.

2.2 Os sujeitos da pesquisa

Pelo fato de o Facebook ter grande representatividade na sociedade, procuramos analisar perfis e mensagens de homens e mulheres que nasceram antes e depois de 1990, divididos em dois grupos: 8 dos não nativos digitais (**SNND**) e 8 dos nativos digitais (**SND**). Escolhemos esses sujeitos por produzirem grande quantidade de posts diários que ultrapassam a quantidade de cinco por dia, gerando mais de 140 mensagens por mês.

Os nativos e os não nativos digitais, em sua grande maioria, atuam na rede criticando o governo e a sociedade, compartilhando mensagens de cunho familiar, compartilhando fotos de eventos que participou ou de outras atividades que considerem pertinentes, contando o que estão fazendo ou pensando, além de

postarem vídeos de outros sites, reportagens de outros domínios ou imagens de outros pontos.

Como mencionado anteriormente, a rede social Facebook disponibiliza aos seus usuários um perfil com diversos ícones para serem preenchidos. A descrição que segue a seguir obedece a esses ícones, estabelecendo uma espécie de “Superestrutura” (van Dijk, 1980). A seguir apresentaremos os sujeitos nativos e depois os não nativos cujas mensagens foram selecionadas para compor o *corpus* de nossa pesquisa.

2.2.1 Os nativos digitais

Entre os sujeitos nativos digitais para essa análise, cinco deles fizeram parte do nosso círculo profissional. Eles são da nossa rede de contatos e possuem os critérios estabelecidos e já mencionados.

ND1

O sujeito 1, que se chama Antonio, revela em seu perfil as seguintes informações: é solteiro; do sexo masculino; nasceu em 1 de dezembro de 1995; estuda no Colégio Presbiteriano Mackenzie; e fala vários idiomas como italiano, inglês, língua castelhana e português. Em seus *posts*, procura comentar sobre música, literatura, política e notícias veiculadas pela mídia. A figura 8 a seguir apresenta as informações mencionadas anteriormente:

Figura 8

Trabalho e educação  Colégio Presbiteriano Mackenzie Tamboré Barueri	Residência  Barueri Cidade atual
Família	Informações básicas Data de nascimento: 1 de dezembro de 1995 Gênero: Masculino Status de relacionamento: Solteiro Idiomas: Português, Língua italiana, Língua castelhana e Inglês britânico
Citações favoritas "Virtue itself turns vice being misapplied, And vice sometimes by action dignified" - William Shakespeare "Navi di legno comandate da uomini con la testa di ferro hanno sconfitto navi di ferro comandate da uomini con la testa di legno" - Wilhelm von Tegetthoff	Informações de contato E-mail: Histórico por ano 1995  Nasceu em 1 de dezembro de 1995

Acessado em 18/05/13 às 14h e 30 min em <http://www.facebook.com>

ND2

O sujeito 2, que se chama João Vitor, disponibilizou em seu perfil as seguintes informações: nasceu em 4 de julho de 1994; é do sexo masculino; é solteiro; formou-se no Colégio Presbiteriano Mackenzie Tamboré em 2012; mora em Santana de Parnaíba; e fala inglês, português brasileiro e "portunhol" (mistura de português e espanhol). Em seus *posts* costuma comentar sobre fatos relacionados ao futebol e notícias veiculadas pela mídia. A figura a seguir apresenta as informações mencionadas anteriormente:

Figura 9

Trabalho e educação  Colégio Presbiteriano Mackenzie Tamboré Turma de 2012 · Barueri  CPV Educacional São Paulo	Residência  Santana de Parnaíba Cidade atual  Bauru Cidade natal
	Informações básicas Data de nascimento: 4 de julho de 1994 Gênero: Masculino Interessado em: Mulheres Status de relacionamento: Solteiro Idiomas: Inglês inglês, Português brasileiro e Português Religião: Católica
	Informações de contato Site:

Acessado em 18/05/13 às 14h e 30 min em <http://www.facebook.com>

ND3

Em seu perfil, o sujeito 3, que se chama Mariana, disponibilizou as seguintes informações: nasceu em 14 de setembro de 1994; é do sexo feminino; mora em Barueri; está em um relacionamento sério; trabalha no CCAA como professora de inglês; estuda na FFLCH (USP); se formou no Instituto Tecnológico de Barueri (ITB) “Brasílio Flores de Azevedo” em 2012; fala português e inglês; e se diz Cristã (fato inferido, uma vez que cita versículo bíblico). Em seus *posts* procura comentar sobre fatos relacionados ao trabalho, estudos e sobre as notícias veiculadas pela mídia. A figura a seguir apresenta as informações mencionadas anteriormente:

Figura 10

Trabalho e educação

**Canal CCAA**
Professora de Inglês

**FFLCH - USP**
São Paulo

**Instituto Técnico de Barueri - ITB "Brasílio Flores de Azevedo"**
Turma de 2012 · Barueri

Residência

**Barueri**
Cidade atual

**Bom Jesus da Lapa**
Cidade natal

Informações básicas

Data de nascimento	14 de setembro de 1994
Gênero	Feminino
Status de relacionamento	Em um relacionamento sério com
Idiomas	Português brasileiro e Inglês
Religião	JESUS "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas, tenha vida eterna" João 3:16

Acessado em 18/05/13 às 14h e 30 min em <http://www.facebook.com>

ND4

Em seu perfil, o sujeito 4, que se chama Karina, disponibiliza as seguintes informações: nasceu em 27 de junho de 1995; mora em Itapevi; é do sexo feminino; e, não deixa claro, mas parece que estuda no ITB Professor Hercules Alves de Oliveira. Em seus *posts* procura comentar coisas relativas à política, relacionamentos e notícias veiculadas pela mídia. A figura a seguir apresenta as informações mencionadas anteriormente:

Figura 11

 **Sobre**

Trabalho e educação

 **Capgemini Brasil**
Assistant Service Desk · Barueri · De março de 2013 até o momento

 **ITB - Professor Hercules Alves de Oliveira**
Turma de 2012 · Barueri

Relacionamento

Gustavo
Em um relacionamento sério desde 20 de fevereiro de 2012

Locais onde morou

 **Itapevi**
Cidade atual

 **São Paulo**
Cidade natal

Informações básicas

Data de nascimento	27 de junho de 1995
Gênero	Feminino
Interessado em	Homens
Status de relacionamento	Em um relacionamento sério com Gustavo

Acessado em 18/05/13 às 14h e 30 min em <http://www.facebook.com>

ND5

No perfil do sujeito 5, Suenia, encontramos as seguintes informações: nasceu em 25 de janeiro de 1995; é do sexo feminino; mora em Barueri; estudou no Instituto Tecnológico de Barueri (ITB) Munir José; e se diz evangélica. Seus posts são sobre acontecimentos noticiados pela mídia, assim como questões religiosas, de cunho relacional (amizades) e os acontecimentos do dia a dia. A figura a seguir apresenta as informações mencionadas anteriormente:

Figura 12

Trabalho e educação	Residência
 ITB - Instituto Técnico de Barueri Barueri	 Barueri Cidade atual
 ITB De 2011 a novembro de 2012 · Barueri	 Osasco Cidade natal
 tecnic Oaxaca	
 ITB Professor Munir José Barueri	
 sim Sim	
	Informações básicas Data de nascimento: 25 de janeiro de 1995 Gênero: Feminino Interessado em: Homens Religião: evangelica

Acessado em 18/05/13 às 14h e 30 min em <http://www.facebook.com>

ND6

No perfil do sujeito 6, Eloisa, encontramos as seguintes informações: nasceu em 19 de junho de 1997; sua cidade natal é São Paulo; é do sexo feminino; é protestante; estuda no Colégio Presbiteriano Mackenzie Tamboré. Em seus posts procura comentar fatos relativos ao cotidiano e sobre notícias veiculadas à mídia se posicionando de forma crítica. A figura a seguir apresenta as informações mencionadas anteriormente:

Figura 13

Trabalho e educação  Colégio Presbiteriano Mackenzie Tamboré Barueri	Residência  São Paulo Cidade natal
	Informações básicas Data de nascimento: 19 de Junho de 1997 Gênero: Feminino Status de relacionamento: Solteira Religião: Protestantismo

Acessado em 18/05/13 às 14h e 30 min em <http://www.facebook.com>

ND7

No perfil do sujeito 7, que se chama Rafaela, encontramos as seguintes informações: nasceu em 6 de julho de 1996; mora em Barueri; é do sexo feminino; estuda no Colégio Presbiteriano Mackenzie Tamboré, além de ter estudado no Colégio Objetivo e no COPI Colégio Paulista. Em seus posts, os temas mais recorrentes são o cotidiano escolar, questões amorosas e os fatos noticiados pela mídia. A figura a seguir apresenta as informações mencionadas anteriormente:

Figura 14

Trabalho e educação

**Colégio Presbiteriano Mackenzie Tamboré**
Turma de 2013 • Barueri

**Colégio Objetivo Alphaville**
Santana de Parnaíba

**COPI Colégio Paulista**
Turma de 2009 • São Paulo

Residência

**Barueri**
Cidade atual

**São Paulo**
Cidade natal

Informações básicas

Data de nascimento	6 de julho de 1996
Gênero	Feminino
Religião	Cristão

Acessado em 18/05/13 às 14h e 30 min em <http://www.facebook.com>

ND8

No perfil do sujeito 8, Anna, encontramos as seguintes informações: nasceu em 8 de junho, porém não especificou o ano; mora em São Paulo; é do sexo feminino; e estuda no Colégio Presbiteriano Mackenzie Tamboré. Em seus posts costuma comentar fatos do cotidiano escolar, sobre seus amigos e eventos do qual participou. A figura a seguir apresenta as informações mencionadas anteriormente:

Figura 15

Trabalho e educação  Colégio Presbiteriano Mackenzie Tamboré Barueri	Residência  São Paulo Cidade atual  São Paulo Cidade natal
Informações básicas Data de nascimento: 8 de Junho Gênero: Feminino Status de relacionamento: Solteira	

Acessado em 18/05/13 às 14h e 30 min em <http://www.facebook.com>

2.2.2 Os não nativos digitais

NND1

O sujeito 1, que se chama Silvana, trabalha na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, mas não especifica o cargo. Ele estudou na Universidade Estácio Radial e possui em sua página 214 amigos. Ele mora no município de Jandira, mas nasceu em Barueri e é casado. Em seu perfil, quando o material de análise foi coletado, foi possível também observar que o sujeito 1 divulgou o ano de nascimento, que é 1966, ficando na faixa etária designada, entre 30 e 60 anos. NND1 costuma, em seus *posts*, comentar coisas relativas à família, ao trabalho, às notícias veiculadas nas mais diversas mídias e às mensagens de incentivo aos

amigos da rede. A figura a seguir apresenta as informações mencionadas anteriormente:

Figura 16

Trabalho e educação  Secretaria da Educação do Estado de São Paulo  Universidade Estácio Uniradial São Paulo  Universiade Estácio de Sá Cotia  FIZO Osasco  SUPERIOR COMPLETO Teresópolis	Residência  Jandira Cidade atual  Barueri Cidade natal
Sobre A juventude é uma idade horrível que apreciamos apenas no momento em que sentimos saudade dela. Para vencer na vida não é importante chegar em primeiro. Simplesmente é preciso chegar, levantando a cada vez que cair pelo caminho.	Informações básicas Data de nascimento: 22 de janeiro 1966 Gênero: Feminino Status de relacionamento: Casada
Citações favoritas O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis. (Fernando Pessoa)	Informações de contato Celulares: Ver número de celular Facebook: Ver perfil no Facebook

Acessado em 14/03/13 às 14h e 30 min em <http://www.facebook.com>

NND2

O sujeito 2, Cavalcante, é médico mastologista. Ele estudou na Universidade Federal do Pernambuco (UFPE), mora em Boa Vista – Roraima (RR) e possui em sua página 658 amigos. Ele é casado e pai de dois filhos.

Figura 17



Em seu perfil o sujeito 2 não divulgou nenhum indício do ano de nascimento, mas é possível prever que ele se encontra na faixa etária designada, entre 30 e 60 anos, por encontrarmos a data em que se formou na escola secundária (1987) presente na figura a seguir:

Figura 18



Acessado em 14/03/13 às 14h e 30 min em <http://www.facebook.com>

No campo profissional, o sujeito 2 trabalha como Médico Mastologista no hospital CRSM/HMI, no Hospital Materno Infantil e para o Governo do Estado de Roraima. Seus posts, geralmente, estão atrelados às questões profissionais, principalmente aquelas em que critica a postura do governo brasileiro ante a saúde e a questões sobre o convívio familiar. A figura a seguir apresenta as informações mencionadas anteriormente:

Figura 19



Acessado em 14/03/13 às 14h e 30 min em <http://www.facebook.com>

NND3

O sujeito 3, Celio, não deixa claro qual é sua formação acadêmica, mas diz que estudou na Faculdade Mackenzie. Ele mora em Barueri – SP, mas nasceu na cidade de São Paulo – SP, na época da coleta dos dados, ele possuía em sua página 901 amigos. A figura a seguir apresenta as informações mencionadas anteriormente:

Figura 20



Acessado em 18/03/13 às 10h e 20 min em <http://www.facebook.com>

O sujeito 3 nasceu em 03 de novembro de 1964, é casado desde junho de 2007, acredita em Deus, mas não diz se é católico ou protestante, e tem como

preferência política o PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira). A figura a seguir apresenta as informações mencionadas anteriormente:

Figura 21

Informações básicas	
Data de nascimento	3 de novembro de 1964
Gênero	Masculino
Status de relacionamento	Casado com
Aniversário	1 de Junho de 2007
Religião	Deus Pense Grande, comece pequeno, mas seja rápido.
Preferência política	PSDB

Acessado em 18/03/13 às 10h e 20 min em <http://www.facebook.com>

No campo profissional, o sujeito 3 nos informa que trabalha com Planejamento e Gestão, não especificando exatamente onde, mas podemos pressupor que seja ou em algum órgão público ou em uma ONG (Organização Não Governamental), pois ele diz que quer “Construir um futuro melhor!!! Para aqueles que mais precisam...”. A figura a seguir apresenta as informações mencionadas anteriormente:

Figura 22



Acessado em 18/03/13 às 10h e 20 min em <http://www.facebook.com>

Seus posts costumam estar atrelados aos eventos noticiados pela mídia, aos relacionamentos profissionais e pensamentos dos mais diversos, além de ser crítico com questões relativas à política.

NND4

O sujeito 4, Renata, informou em sua página que é formada em Letras pela UNIFIEO, trabalha como professora de língua portuguesa e literatura e como assessora de imprensa da "The circle Bon Jovi Tribute". Ela mora em Osasco – SP, e na época da coleta das informações possuía em sua página 218 amigos.

O sujeito 4 nasceu em 14 de agosto de 1981, o que deixa claro que pertence a faixa etária relativa aos não nativos digitais. Em seus posts ele procura demonstrar preocupações com questões relativas à sua área de atuação profissional, com a

família e, principalmente, sobre músicos e bandas como a “Jon Bom Jovi”, como sugere a figura a seguir:

Figura 23

 **Sobre**

Trabalho e educação

 **ETB Escola Tecnica Do Brasil - Osasco**
Professora · Osasco

 **CIEE Santos**
Professora de Língua Portuguesa e Literatura · Osasco
Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Projeto Alfabetização de adultos...

 **Aarte Naface**
Editora
<http://aartenaface.blogspot.com.br/>

 **The Circle Bon Jovi Tribute**
Assessoria de imprensa · São Paulo
[Ver todos os Empregadores ▾](#)

 **UNIFIEO - Centro Universitário Fieo**
Turma de 2011 · Letras · Osasco

 **eloí lacerda**
Turma de 1999 · Osasco

Residência

 **Osasco**
Cidade atual

 **Osasco**
Cidade natal

Informações básicas

Data de nascimento	14 de agosto de 1981
Gênero	Feminino
Interessado em	Homens
Status de relacionamento	Solteira
Idiomas	Língua inglesa
Preferência política	apartidaria

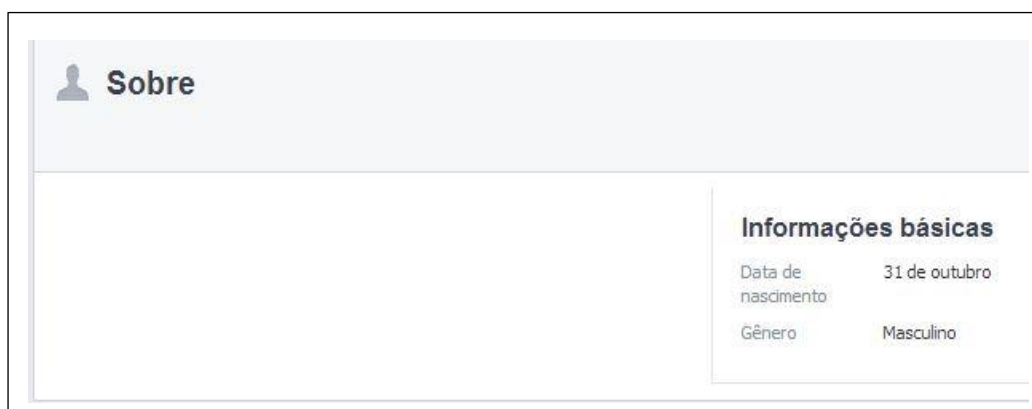
Acessado em 18/03/13 às 11h e 20 min em <http://www.facebook.com>

NND5

O sujeito 5, que se chama Delter, não possui muitas informações em seu perfil, porém apresenta um grande número de mensagens postadas em seu mural. É possível de colocá-lo no grupo dos não nativos por já possuir filhos adolescentes (evidenciado pelos posts e pelas fotos). Pelas mensagens sabemos que ele presta

consultoria a algum ramo de atividade que o faz viajar pelo País. Esses temas são recorrentes em suas mensagens, porém não são únicos, pois ele posta muitas mensagens sobre política, esportes e temas veiculados à mídia, à família e ao comportamento humano. A figura a seguir apresenta as informações mencionadas anteriormente:

Figura 24



Acessado em 18/03/13 às 11h e 20 min em <http://www.facebook.com>

NND6

O sujeito 6, Mara, disponibilizou em sua página diversas informações pessoais como: data de nascimento, 22/04/1978; é casado; trabalha no Colégio de Padres de Sion; estudou na Universidade Mackenzie de Campinas, fez pós-graduação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) e reside em São Paulo. A figura a seguir apresenta as informações mencionadas anteriormente:

Figura 25

 **Sobre**

Trabalho e educação

-  **Colégio São José dos Padres de Sion**
-  **São José dos Padres de Sion Colégio**
-  **PUCSP**
São Paulo
-  **Universidade Presbiteriana Mackenzie**
Campinas

Residência

-  **São Paulo**
Cidade atual
-  **São Paulo**
Cidade natal

Informações básicas

Data de nascimento	22 de abril de 1978
Gênero	Feminino
Interessado em	Homens
Status de relacionamento	Casada

Acessado em 18/03/13 às 11h e 20 min em <http://www.facebook.com>

O sujeito possui ao todo 362 amigos e os temas mais comuns do post são aqueles relacionados ao trabalho, à família e aos acontecimentos políticos e sociais. A figura a seguir apresenta as informações mencionadas anteriormente:

Imagem 26

 **Amigos**

Todos os amigos 362 **Amigos em comum** 4 **Adicionados recentemente** 14

Acessado em 18/03/13 às 11h e 20 min em <http://www.facebook.com>

NND7

O sujeito 7, Bruna, não disponibilizou muitas informações pessoais, mas publica diariamente quantidades significativas de posts presentes em seu mural. Ele posta muitas mensagens sobre os acontecimentos noticiados pela mídia impressa e televisiva e também sobre livros, filmes, moda e seriados de tv.

O sujeito nasceu em 21 de julho (o ano não está disponível); trabalha no Instituto Técnico de Barueri (ITB) Bráilio Flores de Azevedo; fala diversos idiomas como o inglês, francês, língua castelhana e o português; se diz protestante; possui 221 amigos; e tem por citação favorita “A pessoa inteligente aprende com seus próprios erros. A pessoa sábia aprende com os erros dos outros!” As figuras a seguir apresentam as informações mencionadas anteriormente:

Figura 27



Figura 28

 **Sobre**

Trabalho e educação

**Instituto Técnico de Barueri - ITB "Brasílio Flores de Azevedo"**
Barueri

Citações favoritas

A pessoa inteligente aprende com seus próprios erros. A pessoa sábia aprende com os erros dos outros!

Residência

**Barueri**
Cidade atual

**Osasco**
Cidade natal

Informações básicas

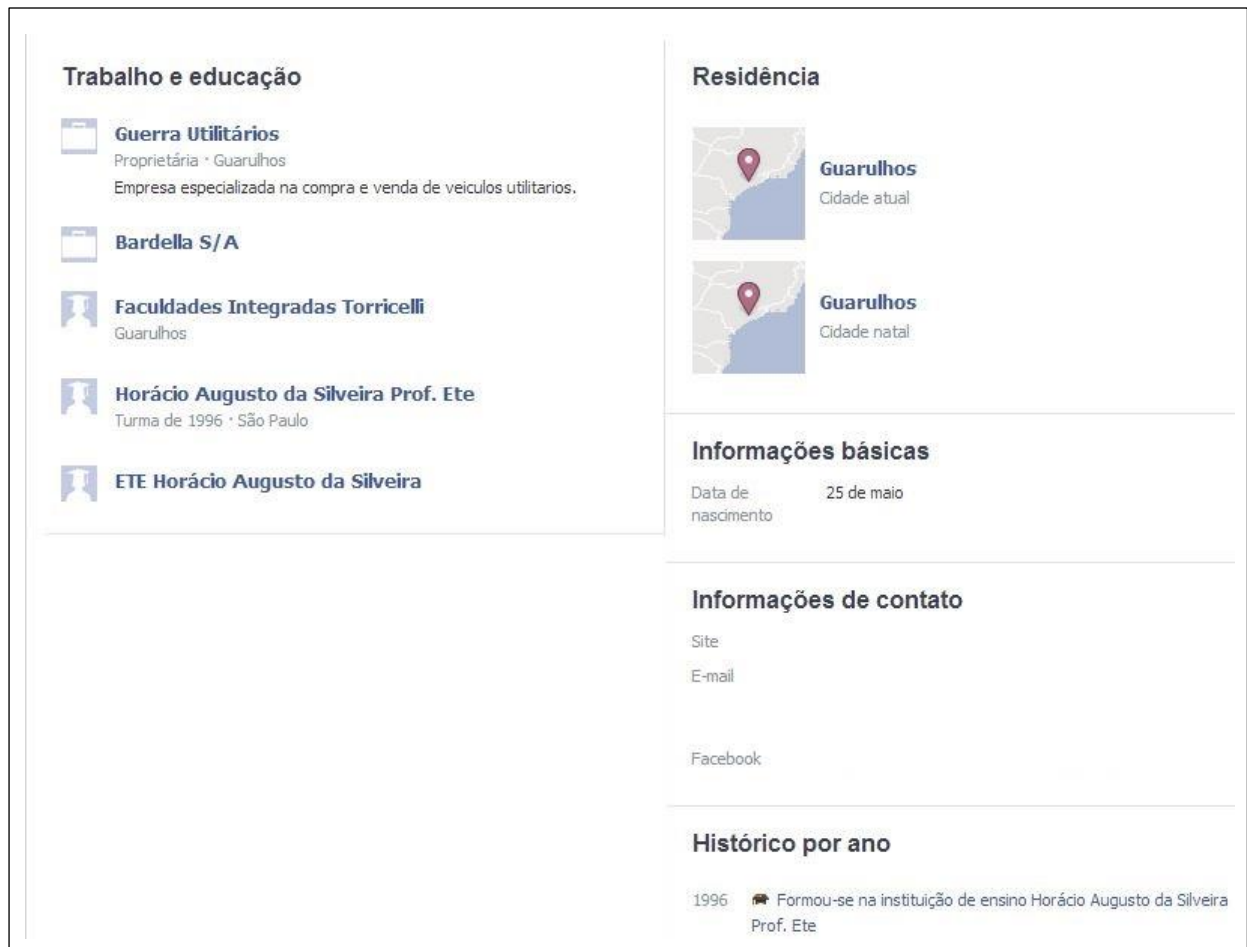
Data de nascimento	21 de julho
Gênero	Feminino
Interessado em	Homens
Status de relacionamento	Solteira
Idiomas	Português brasileiro, Língua portuguesa, Inglês britânico, Inglês americano, Língua castelhana e Língua francesa
Religião	Protestantismo
Preferência política	None

Acessado em 18/03/13 às 11h e 20 min em <http://www.facebook.com>

NND8

O sujeito 8, Marcia, revela em seu perfil as seguintes informações: nasceu no dia 25 de maio; formou-se em uma instituição de ensino que tem por nome ETE Prof. Horácio Augusto da Silveira em 1996, o que evidencia o fato de pertencer ao grupo dos não nativos digitais; é empresário, dono de uma empresa denominada “Guerra Utilitários”; e mora em Guarulhos. Em seus *posts* procura comentar sobre os assuntos relativos ao mundo *Plus Size*, fazer reflexões introspectivas, comentar sobre acontecimentos familiares e também sobre situações provenientes dos noticiários midiáticos. A figura a seguir apresenta as informações mencionadas anteriormente:

Figura 29



Acessado em 18/03/13 às 11h e 20 min em <http://www.facebook.com>

2.3 As mensagens selecionadas

O *corpus* da pesquisa é composto por 480 mensagens postadas no Facebook no período compreendido entre fevereiro e setembro de 2013.

As mensagens foram produzidas por usuários da rede social categorizados nesta pesquisa como *nativos digitais* e *não nativos digitais*, conforme explicado anteriormente.

No total, selecionamos 30 mensagens de cada um desses sujeitos (16 sujeitos, 8 em cada grupo), levando em conta que, no período indicado, esses usuários produziram um total de mais de 4100 mensagens.

Neste capítulo, serão utilizados 64 *posts*, para a análise das estratégias de repetição e correção na escrita produzida no ambiente da rede.

Capítulo 3: Considerações Teóricas

3.1 Concepção de texto

O que pode ser considerado um texto? Em que medida um indivíduo pode afirmar que o que escreveu ou o que foi escrito por outro pode ser considerado um texto? Quais critérios podem ser utilizados para defini-lo?

Com base nos estudos realizados pela Linguística Textual e alicerçados em Beaugrande (1997), Cavalcante (2010), Koch (2008, 2009), Marchuschi (2008) e Sandig (2009) tentaremos dar conta de uma concepção de texto numa perspectiva sociocognitiva interativa, deixando clara a base para a análise do *corpus* escolhido.

Sandig (2009, p. 47) afirma que é difícil definir o que vem a ser o texto, pois todas as definições tendem a deixar lacunas e não pode ser diferenciado do “não texto”. Mas, a autora deixa claro que os textos estão relacionados com as comunidades e realizam diversas “funções acionais e comunicativas”. Ainda para a autora, o texto deve ser visto como um protótipo, pois correspondem aos múltiplos padrões textuais relevantes para a sociedade e por causa das realizações individuais propiciadas por ele.

Sandig (2009) elenca como características prototípicas relevantes **o tema e a função textual**. A autora também propôs como características prototípicas a coesão, a coerência e a situacionalidade, que serão discutidas mais a frente.

Para a autora, **o tema** é uma das características centrais do texto. Ele pode ser norteador de todo o trabalho do escritor em difundir seu ponto de vista sobre determinado assunto. Ele funciona como uma espécie de fio condutor e que auxilia o interlocutor a verificar a coerência do texto.

Já a **função textual** converge com o que Beaugrande (1997) chamou de intencionalidade. Para Sandig (2009), esse deve ser considerado o critério central da textualidade. Isso porque, determinados textos, mesmo com alguns distúrbios

relativos à coesão e à coerência, podem ser aceitos pelo interlocutor, cumprindo assim seu propósito comunicativo.

Beaugrande (1997:10) propõe que se veja o texto como “um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais”. Nesse sentido, o texto é “um evento” porque reúne duas ou mais pessoas no curso da interação. Essas pessoas fazem escolhas lexicais e de organização baseadas no conhecimento que elas possuem em comum, ou seja, no conhecimento partilhado por ambos, nas representações mentais organizadas e ativadas pelos modelos situacionais.

Essa afirmação mostra o caráter heterogêneo que um texto possui e que está atrelado a algumas condições como, por exemplo, a situação comunicativa e os interlocutores. Ou seja, mudando os interlocutores, mudando a situação, muda também o texto a ser produzido.

Marcuschi (2008, p. 80) também compreende que o texto é um evento social, que se situa em um contexto, que oferece acesso interpretativo a um indivíduo e, principalmente, que apresenta um leitor, mesmo que fictício. O autor apresenta quatro pontos que precisam ser observados para se compreender o texto como “um evento”. São eles:

1. O texto é visto como um sistema de conexões entre vários elementos, tais como: sons, palavras, enunciados, significações, participantes, contextos, ações etc.
2. O texto é construído numa orientação de multissistemas, ou seja, envolve tanto aspectos linguísticos como não linguísticos no seu processamento (imagem, música) e o texto se torna em geral multimodal;
3. O texto é um evento interativo e não se dá como um artefato monológico e solitário, sendo sempre um processo em coprodução (coautorias em vários níveis);
4. O texto compõe-se de elementos que são multifuncionais sob vários aspectos, tais como: um som, uma palavra, uma significação, uma instrução etc. e deve ser processado com esta multifuncionalidade.

Sob este ponto de vista, o texto pode ser compreendido como um evento de interação entre dois ou mais interlocutores a fim de iniciar e prolongar a comunicação entre si, de modo que se façam compreender em uma determinada situação.

Van Dijk (2012) afirma que as manifestações de linguagem presentes no contexto recebem o nome de texto. Essas manifestações em determinadas situações acabam por definir as ações dos membros, ou seja, os interlocutores agem linguisticamente por meio de acontecimentos pré-definidos pelo domínio onde estão atuando.

Koch (2008) afirma que o texto não é um produto acabado em si mesmo. Para a autora,

(...) o texto pode ser concebido como resultado parcial de nossa atividade comunicativa, que compreende processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana, e que são postos em ação em situações concretas de interação social. (p. 26).

Se o texto é visto como um evento social, como uma atividade humana para um fim específico, como é possível a um indivíduo perceber que um texto é realmente assim considerado? A quais processos o autor recorre para julgar se de fato o material escrito que ele possui pode ser considerado um texto?

Ainda, Koch (2011, p. 17) afirma que o texto é o próprio lugar da interação e os interlocutores são sujeitos ativos que – dialogicamente - nele se constroem e são construídos. Nessa concepção, é possível observar a dinamicidade que o texto produz na interação entre os sujeitos, ou seja, é na intersubjetividade entre os participantes da interação que se dá a construção dos enunciados.

Em concordância com a autora, Cavalcante (2010) salienta que o texto precisa ser visto com base no uso que os interlocutores fazem dele. Para a autora, “o texto não é simplesmente uma superfície material que conduz ao discurso, mas é visto como indissociável dele e é definido pelo uso”.

Beaugrande (1997) afirma que um texto só pode ser assim visto durante o seu processamento. Para isso, o estudioso elenca sete princípios de textualidade: a **coesão** que estabelece a conectividade entre os elementos textuais; a **coerência** que tem relação com o significado; **intencionalidade**, ou o que os produtores de texto intencionam significar; **aceitabilidade** do texto por parte dos interlocutores; **informatividade** ou o conhecimento que o texto torna disponível; **situacionalidade**, relacionada com a situação onde ocorre a interação; intertextualidade, onde o indivíduo se apoia em outros textos de acordo com os conhecimentos prévios.

Se o texto é “um evento” e “definido pelo uso” precisa ser compreendido no curso da interação social, observado dentro de seu contexto. Isso implica que a comunicação entre indivíduos está atrelada à busca de compreender o outro e a si mesmos dentro do mundo em que os cerca.

Tomar o texto como base nessas definições é também compreender que os interlocutores envolvidos na interação mobilizam diversos conhecimentos armazenados para a produção do texto. Esses conhecimentos são, nos dizeres de Koch (2008), “três grandes sistemas de conhecimento: **o linguístico, o enciclopédico e o interacional**”.

O **conhecimento linguístico** é aquele de caráter léxico e gramatical, além de ser responsável pela articulação dos sons e dos sentidos. Esse conhecimento engloba a organização do texto em seu plano material, ou seja, ele é responsável pelo uso dos “elementos coesivos”.

O **conhecimento enciclopédico** é aquele que se encontra armazenado na memória de cada indivíduo, ele pode ser dividido em “conhecimento do tipo declarativo” e “conhecimento episódico”. O primeiro caso trata das “proposições a respeito dos fatos do mundo” (Koch, 2008). O segundo caso trata dos modelos cognitivos, ou “modelos de contextos”, como trata van Dijk (2012).

Durante a vida, as pessoas passam por diversos tipos de experiências que são armazenadas em sua memória. De acordo com a relevância e a recorrência das atividades passam a integrar o conhecimento de mundo, ou seja, o conhecimento que as pessoas possuem sobre as coisas.

O **conhecimento sociointeracional** revela as ações sociais e pode ser dividido em ilocucional, que reconhece os objetivos de quem fala; comunicacional, que determina a quantidade da informação, a seleção da variante linguística e a adequação do gênero textual a ser utilizado; metacomunicativo, que procura sanar ou evitar perturbações na compreensão do enunciado; e superestrutural, que permite ao indivíduo reconhecer determinado gênero.

Diante das concepções apresentadas até aqui, o presente trabalho adotará a proposta de Beaugrande (1997) relativa ao conceito de texto como *um evento social, como um princípio que rege a ação comunicativa em determinado contexto social*. Essa abordagem será importante para a análise do material que será apresentado posteriormente para análise.

3.2 Estratégias textuais: formulação e reformulação

Para Fávero (2006, p. 256), formular um texto

é efetivar atividades que estruturam e organizam enunciados de um texto (...); isto é, formular um texto não significa simplesmente deixar ao interlocutor a tarefa da compreensão, mas significa deixar, através das marcas, pistas para que ele se esforce para compreendê-lo, o que faz com que a produção do texto falado seja ação e interação.

Para que a interação verbal se processe de forma satisfatória para os interlocutores, a inter-relação entre esses conhecimentos (linguístico, enciclopédico e sociointeracional) mencionados anteriormente se faz necessário. Com base nesses conhecimentos, os indivíduos utilizam diversas estratégias, seja de ordem cognitiva, seja de ordem sóciointeracional, seja de ordem textual. Van Dijk (2011, p. 23) postula que “as estratégias são parte do nosso conhecimento geral; elas

representam o conhecimento procedural que possuímos sobre compreensão de discurso”.

Nesse sentido, formular um post para o Facebook ou mesmo um comentário passa, antes de tudo, pelo planejamento do que se vai dizer. Ou seja, o indivíduo procura estabelecer determinadas metas e respeitar algumas regras sociais antes de publicar algo em sua linha do tempo. Em seguida, há a materialização que pode ser revista antes ou até mesmo depois da publicação (desde que a reformulação ocorra em tempo hábil).

As estratégias de formulação são também divididas em inserção e reformulação. Nesta pesquisa trataremos das estratégias de reformulação.

3.2.1 Reformulação

Reformular um enunciado, geralmente, tem como função garantir a compreensão por parte do interlocutor do que se quer dizer. Isso ocorre porque em determinado momento da interação, o produtor do texto se deparou com falhas que deseja resolver.

Na medida em que o escritor visa sempre a levar o leitor a realizar uma ação ou a crer em algo, ele necessita que o texto adquira uma construção capaz de proporcionar ao leitor a percepção da sua intenção comunicativa. É preciso, portanto, que seu enunciado seja compreendido pelo ouvinte.

Lima (2007, p 218) baseado em Hilgert (1999) enuncia:

Essa construção linguística do enunciado implica, de acordo com Hilgert (1999, p.107), em “dar forma e organização linguística a um conteúdo, a uma ideia, enfim, a uma intenção comunicativa”. É justamente essa preocupação com o “dizer” que vai evidenciar, no texto falado, as atividades de formulação textual, entendidas como uma série de marcas responsáveis pela caracterização específica de

sua formulação, às quais o falante se vê impelido a recorrer para ter sucesso no seu objetivo comunicacional.

Reformular um texto não significa necessariamente repetir, apagar ou parafrasear enunciados considerados inadequados, mas também adequar o sentido do que se pretende dizer com essa reformulação. A reformulação ocorre quando um indivíduo encontra algum tipo de distúrbio em seu enunciado que pode vir a não favorecer a compreensão por parte do interlocutor.

Ribeiro (2001, p. 50 e 51) reforça essa afirmação dizendo:

Vê-se, assim, exemplos de que os motivos que levam o locutor a reformular o enunciado não decorrem apenas da necessidade de resolução de problemas de compreensão. No jogo da interlocução, os interesses do locutor o motivam a reformular o seu enunciado até onde entende ser suficiente para levar o interlocutor às conclusões pretendidas. É, portanto, uma ação de encaminhar pelo recurso da reformulação determinadas conclusões.

Nessa perspectiva, toda tentativa ou resolução de determinado problema em um enunciado se configura em uma reformulação. O problema pode ser da ordem da compreensão do enunciado ou de um mal entendido, o que pode configurar em uma reformulação saneadora. Contudo, o problema pode ser de ordem argumentativa, ou seja, a não aceitação da posição do indivíduo que produziu o enunciado. Nesse caso configura-se uma reformulação de ordem retórica, procurando estabelecer um reforço na argumentação. A reformulação se vale de atividades como a *correção*, a *paráfrase* e a *repetição*. Nosso trabalho tem como foco observar as ocorrências da repetição e da correção nos posts do Facebook.

Se o texto é um evento dado em um contexto, a interação entre os participantes desse evento ocorre por meio da negociação entre eles. Sendo assim, reformular um enunciado se torna essencial na medida em que se busca uma comunicação eficiente, ou seja, uma comunicação que atinja os propósitos dos interlocutores durante o processo.

3.2.1.1 A repetição

Para Marcuschi (2006, p. 220), “repetir é reproduzir duas ou mais vezes o mesmo segmento linguístico”. Isso não significa que a repetição reflita sempre o mesmo significado, mas podem expressar algo novo. Sendo assim, repetir uma palavra não significa repetir o mesmo conteúdo.

A repetição pode ser entendida como a utilização do mesmo segmento linguístico mais de uma vez. Antunes (2005, p. 71) entende que repetição “corresponde a ação de voltar ao que foi dito antes pelo recurso de fazer reaparecer uma unidade que já ocorreu previamente.” A repetição é um recurso importante para a construção do texto, pois cumpre determinadas funções que simplesmente outra palavra ou expressão não podem cumprir de forma satisfatória.

Repetir não significa somente a reprodução do mesmo item lexical ou de orações como propõe Marcuschi (2006). A repetição pode também ocorrer em forma de paráfrases. O que se tem então é a repetição do mesmo conteúdo semântico do enunciado anterior, levando a conclusão de que repetir é produzir enunciados idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no curso da interação.

As repetições se manifestam por meio de fonemas, de morfemas, do léxico, de construções suboracionais e de construções oracionais, como nos revela Marcuschi (2006).

As **repetições fonológicas** ocorrem por meio de aliterações, de alongamentos vocálicos, da entonação, entre outras possibilidades. Suas manifestações são estruturadas, principalmente, na fala e com poucos casos presentes na escrita. Como nosso corpus de análise é estritamente escrito, não encontramos nenhuma ocorrência desse tipo.

As **repetições de morfemas** ocorrem, principalmente, pela repetição de prefixos e sufixos. O exemplo a seguir presente em Marcuschi (2006, p. 224) ilustra bem essa ocorrência:

(1)

L1 -

então antigamente se eu quisesse calcular uma ponte...

eu **calculava**...

dava para um desenhista

ele **desenhava**...

(D2 SP 343: 897-913)

As **repetições de itens lexicais** ocorrem com maior frequência com nomes e verbos. O exemplo (2) ilustra um caso de repetição de substantivos e o exemplo (3) de verbos. Os exemplos estão presentes em Marcuschi (2006, p. 226).

(2)

L1 – viu E. eu continuo achando que o Brasil só tem três problemas graves

educação ... educação e educação

(D2 REC 05: 319-21)

(3)

L1 – então daí **casou** foi **casando casando** todo mundo e de repente ...

(D2 REC 340: 664-65)

As **repetições de construções suboracionais** ocorrem por meio dos sintagmas nominais, sintagmas verbais, sintagmas adjetivais, sintagmas prepositivos e sintagmas adverbiais. Esse tipo de repetição tem relação com a função sintática do item repetido dentro da oração, como é possível observar no exemplo a seguir presente em Marcuschi (2006, p. 229):

(4)

L1 – não/ ao contrário do que você pensa

[

L2 -

NÃO

L1 – eu acho que o

caminho para

uma cristianização

cada vez maior ... **agora caminha por** ...

talvez não **por caminho direto**
mas **por caminhos indiretos ...**
ele encontrando **as suas próprias consequências ...**
as consequências dos seus erros ...
isso vai levá-lo ... a encontrar **uma cristianização**
você não tenha dúvida disso
porque isso que nos mata sobretudo
é a pressa
é a pressa de cada dia
L2 – isso não/ **a pressa de cada dia** éh éh éh éh::
é a pressa de cada dia
L1 – dessa você não se livra mais

(D2 REC 05: 197-210)

E, por fim, **as repetições oracionais** ocorrem por meio da repetição da estrutura da oração podendo conter ou não um modificador, alguma expressão que altere significativamente a ideia expressa no enunciado fonte.

(5)

L2 – quer dizer toda pessoa chega no consultório hoje
quando se dá o preço a pessoa pergunta
“doutor **como é que eu vou pagar?**”
E eu sei **como é que ele vai pagar?**

	pagar é	problema	dele
	o meu [φ]	é receber	
L1 -		é receber	
L2 -	que já é um grande problema		
L1 -	já é um grande problema		
L2 -	já é um grande problema		

(D2 REC 266: 533-44)

As **heterorrepetições** se constituem na repetição de determinado enunciado proferido não pelo locutor, mas por outro participante da interação para garantir a posse do turno; para abrir ou fechar a conversa; em perguntas e respostas; com o intuito de demonstrar que está atento; como sinais de entrega de turno; para ridicularizar o que foi dito pelo parceiro; para sanar a dificuldade de encontrar a expressão mais adequada para situação; como provocação, enfrentamento, surpresa e descrença; com o acréscimo de uma negativa pode tornar o enunciado

do parceiro em uma contradição; garantir a atenção do grupo sem mostrar que está aderindo à posição tomada pelo outro; e produzir humor.

(1) L2 - [...] a bancar **o cavalo do cão não é?** Como diziam meus avós

L1 – co::rre *cavalo do cão*

L2 – **cavalo do cão**:: entendeu? Era uma expressão antiga ... **cavalo do cão** quer dizer [...]

(D2 REC 266: 634-39)

Já as **auto-repetições** podem ocorrer por meio de questões retóricas e de repetições confirmativas. Em muitos casos as repetições podem ter a função de enquadrar o tópico a ser desenvolvido.

(2)

L2 – **eu acho que o meu conceito de morar bem é diferente**

um pouco da *maioria das pessoas* que eu conheço

a maioria das pessoas pensa que

morar bem

é morar num apartamento de luxo...

é morar no centro da cidade...

perto de tudo...

nos locais onde tem mais facilidade

até de comunicação ou de solidão como vocês quiserem

meu conceito de morar bem é diferente

eu acho que

morar bem

é morar fora da cidade...

é morar onde você respire...

onde você acorde de manhã

como

eu acordo [...]

(D2 REC 05: 1.012-22)

3.2.1.1.1 Funções da repetição

De acordo com Marcuschi (2006, p. 232) a repetição assume algumas funções na formulação textual:

1. trabalhar para estabelecer a coesividade por meio de listagens, amálgamas sintáticos e enquadramento sintático discursivo;
2. trabalhar também para a construção da compreensão por meio da intensificação, da relação entre tema e rema e do esclarecimento;
3. trabalhar no estabelecimento da organização tópica por meio da introdução tópica, da reintrodução do tópico, da delimitação do tópico e da condução e manutenção do tópico;
4. trabalhar no plano da argumentatividade para reafirmar argumentos, contrastar argumentos e contestar argumentos;
5. trabalhar no plano da interatividade para expressar uma opinião pessoal, monitorar a tomada de turno, ratificar o papel do ouvinte e incorporar sugestões.

- **Repetição e coesividade por meio de listagens, amálgamas sintáticos e enquadramento sintático discursivo**

As listas geram paralelismos sintáticos que trabalham para a construção interfrástica, buscando maior envolvimento entre os participantes da interação. Essas listas podem ser construídas por meio de repetições lexicais, repetições suboracionais e repetições oracionais. As listas podem ser abertas, com numeração aberta e fechadas. Todos os exemplos que seguem foram retirados de Marcuschi (2006, p. 233 e 234).

a) O exemplo (1) a seguir ilustra um caso de listagem aberta:

(1)

1. L2 – ***você conhece índio que morreu de amor***
2. ***você conhece índio que morreu de amor***
3. ***você conhece índio que morreu*** guerreando pela amada
4. ***você conhece índio que morreu*** em luta de tribos
5. ***você conhece índio*** que foi morto

6. porque o outro **queria tomar** a chefia da tribo
7. **queria virar** pajé
8. et cetera
et cetera
(D2 RERC 266: 1.741-50)

b) O exemplo (2) é uma listagem com numeração aberta:

(2)

1. L2 – então a mulher **volta a primeira vez**
 2. essa senhora **volta a primeira vez**
 3. **volta a segunda vez**
 4. **volta a terceira**
 5. **volta a quarta...**
- (D2 REC 266: 1.018-22)

c) O exemplo 3 um caso de listagem fechada:

(3)

1. L2 – éh:: agora
 2. Hoje **não se sabe quem é pai**
 3. **não se sabe quem é filho**
 4. **não se sabe quem é mãe e esposa**
 5. **não se sabe quem:**
 6. **não se sabe nada.**
- (D2 REC 266: 1.094-98)

Quanto ao aspecto interacional, as listas podem ser construídas por um só falante ou por dois, como é possível verificar o exemplo que segue retirado de Marcuschi (2006, p. 234):

(4)

1. L2 – **ouvir música**
2. **ouvir música antiga**
3. **cantar essas músicas** ... éh do::

4. do::
 5. **do Lupicínio Rodrigues**
 6. L1 – **do: Orlando Silva né?**
 7. L2 – **do Altemar Dutra ... esse negócio aí**
 8. L1 – **do Silvio Caldas ... esse povo todo**
- (D2 REC 340: 1.618-23)

As listas também podem encadear unidades frásticas, permitindo uma contração nas unidades sequenciadas, como se verifica no exemplo (5) retirado de Marcuschi (2006, p. 235).

- (5)
1. L2 – o negócio tá aí para que quiser ver
 2. **o índio pegando moléstias venéreas**
 3. { ϕ } **pegando gripe**
 4. { ϕ } **pegando sarampo**
 5. L1 – { ϕ } **vírus**
 6. L2 – { ϕ } **catapora**
 7. et cetera
 8. et cetera

(D2 REC 166: 1.755-60)

Nesse exemplo, como bem sugere Marcuschi (2006, p. 235), “para se entender um enunciado numa lista, é necessário pressupor pelo menos o padrão sintático anterior”.

Outro ponto em que a repetição contribui para a coesividade diz respeito aos amálgamas sintáticos. Esse tipo de estratégia procura estabelecer a composição textual por meio do jogo de construção e reconstrução. O indivíduo se vale da repetição de elementos anteriores para formar outro tipo de estrutura, como o exemplo que segue presente em Marcuschi (2006, p. 237):

(6)

1. L1 – você entrou **nesse último concurso** ... para procuradora?
2. L2 – **nesse último concurso** ...
3. L1 – **há dois anos**
4. L2 – **e foi chamada**
5. L1 – **eu fui chamada há dois anos e pouco** ...

(D2 SP 360: 453-59)

Ainda, a repetição trabalha para estabelecer a coesividade por meio do enquadramento sintático discursivo. Ele pode ocorrer tanto no início quanto no final do turno ou da unidade discursiva, sinalizando a completude discursiva. O exemplo que segue foi retirado de Marcuschi (2006, p. 238):

(7)

- | | | |
|----|-----------------------------|-------------|
| 1. | L1 – quando eu saio | do trabalho |
| 2. | eu quero DISTÂNCIA | do trabalho |
| 3. | eu quero me tornar alienada | do trabalho |
| 4. | quando eu saio | |

(D2 REC 340: 451-54)

- **Repetição e construção da compreensão por meio da intensificação, da relação entre tema e rema e do esclarecimento**

A repetição trabalha para a construção da compreensão por meio da intensificação, da relação entre tema e rema e do esclarecimento.

Sobre a intensificação, a repetição dá pista para se compreender o que se quer dizer por meio do “princípio de iconicidade” (Marcuschi, 2006). Esse princípio estabelece que o maior número de linguagem idêntica e em posição idêntica gera um maior número de informação. O exemplo que segue presente em Marcuschi (2006, p. 239) ilustra bem o caso:

(8)

1. L2 – mas eu acho que ele falava **tanto**

2. **tanto**
3. **tanto**
4. e eu o admirava muito
5. eu tinha a impressão [...]

(D2 SP 360: 1.519-21)

No que se refere à relação entre tema e rema, a repetição pode transformar em tema o rema do enunciado precedente. Para isso, é preciso que se dê ênfase ao item repetido, como é possível se observar no exemplo presente em Marcuschi (2006, p. 240):

(9)

1. L1 – de repente se você for fazer um levantamento em todo o
2. acervo que tá aí hoje e já virou um **samba do crioulo doido**
3. eu acho
4. L2 – não mas esse **samba do crioulo doido**
5. é nossa CULTURA ... riquíssima
6. é nossa
7. esse samba de crioulo doido
8. é a nossa cult/
9. é a nossa cultura sabe?

(D2 REC 05: 1.467-76)

Além disso, no que se refere ao esclarecimento, a repetição procura explicitar informações por meio de expansões sucessivas, que pode variar entre repetições e paráfrases, como se observa no fragmento a seguir presente em Marcuschi (2006, p. 240):

(10)

1. L1 – você acha que ... **desenvolvimento** é BOM ou é ruim?
2. L2 – **desenvolvimento** em que sentido?

3. L1 – **crescimento** ... o Brasil diz-se basicamente
4. **subdesenvolvido** e diz-se também
5. que ele está **crescendo** ...
6. se **desenvolvendo**
7. parece que está **saindo de uma ... condição de subdesenvolvimento**
8. para **chegar sei lá numa condição de desenvolvido** ... okay?

(D2 SP 343: 497-503)

- **Repetição no estabelecimento da organização tópica por meio da introdução tópica, da reintrodução do tópico, da delimitação do tópico e da condução e manutenção do tópico**

A introdução tópica se estabelece por meio da:

- a) Reiteração para marcar a introdução do tópico discursivo, como o presente no exemplo que segue presente em Marcuschi (2006, p. 241):

(11)

1. L1 – **e o demônio?**
2. **e o demônio da moda?**
3. O que é que você acha **do demônio da moda?**

(D2 REC 05: 1.543-46)

- b) Construções quase formulaicas repetidas no início de cada tópico, como se verifica no exemplo a seguir presente em Marcuschi (2006, p. 241):

(12)

- | | |
|----------------------------|-------------------------|
| L1 – agora o menino | gosta muito de mecânica |
| o de treze anos né? | gosta muito de mecânica |

(D2 SP 360: 1.291-92)

L1 – **agora a Laura** não:: ... não se definiu

que é muito pequena

(D2 SP 360: 1.366-67)

A repetição que tem por finalidade a reintrodução do tópico ocorre após a inserção de um tópico discursivo em outro que já está sendo desenvolvido, como é possível observar no exemplo que segue presente em Marcucshi (2006, p. 242):

(13)

L2 – então ... ele diz que **para ..por exemplo cada cem engenheiros que é pedido** ... { ele funciona do seguinte modo as firmas precisam ... de um em/ de um cara então ah por exemplo (ah) um:: () um banco precisa de um diretor de um banco chega para ele diz assim “eu preciso de um diretor de banco para tal tal área para fazer isso assim assim assim” ... então ele vai procurar ... certo? ... ou então chega uma outra firma e diz assim “preciso ... um gerente de :: ... de produção:: o um gerente de ()” normalmente é um engenheiro isso isso isso }
então e estava explicando ... que **para cada cem engenheiros que são pedidos** ... é pedido UM advogado ... que dizer a desproporção é inCRível ... [...]

(D2 SP 360: 898-911)

As repetições também servem para delimitar um tópico pontuando-o na linha discursiva, como se observa no exemplo a seguir presente em Marcuschi (2006, p. 243):

(14)

L1 – **eu quero continuar os estudos** ... e:: trabalhar fora **mas por enquanto ainda não** as crianças dependem muito de mim ... ((abertura – linhas 1.216 18))
então... futuramente **eu pretendo ... reiniciar os estudos... mas por enquanto não** ((fecho – linhas 1.245-47))

Ainda, no plano da organização tópica, as repetições também podem conduzir e fazer a manutenção do tópico em desenvolvimento. No exemplo que segue presente em Marcuschi (2006, p. 243, 244 e 245) é possível observar que o item lexical “comunicação” pode ser considerado um indício sobre o que está em foco:

1. L2 – o tema viagem é muito ruim né? ... E. o que é que elas querem falar?

3. L1 – bom é: o tal negócio ... nós estamos ... nesse **nesse século de comunicação ... e::**

4. ... para mim pelo menos me parece que **comunicação é faca de dois gumes** ...

5. como consequência de uma **comunicação muito intensa** os Estados Unidos

6. tiveram algum algum tempo atrás ... éh:: ... uma crise de cultura própria ... e forma

7. obrigados a a a a:: ... importar homens cultos porque:: ... se eles não tinham

8. analfabetos também não tinham grandes grandes culturas ... ***eu não gosto de***

9. **comunicação não** ... que eu acho que **a comunicação certa** é aquela que se faz de

10. um para o outro ... dois a dois ... e de um para o outro ... nem dois a dois ... **sim a**

11. **comunicação de MAssa** só pode ser feita em termos de de de divulgação de de

12. incultura de falsa cultura de subcultura porque se uma emissora for transmitir:: éh: ...

13. HAMLET ... em texto integral e a outra for transmitir éh: ...qualquer coisa de

14. divulgação:: ou qualquer coisa mais fácil o povo todinho vai ligar [...]

(D2 REC 05: 13-106)

Nesse trecho, o item lexical “comunicação” apareceu diversas vezes e trouxe consigo alguns itens relacionados à comunicação como “cultura, televisão, emissora, transmitir, divulgar, etc.”.

- **Repetição e argumentatividade para reafirmar argumentos, contrastar argumentos e contestar argumentos**

No plano da argumentatividade, a repetição é recurso utilizado pelos interlocutores para reafirmar argumentos, como é possível verificar no exemplo a seguir também presente em Marcuschi (2006, p. 246):

(16)

1. L2 – a mercadora mais cara do país ...

2. *inda é dinheiro*

3. como **é caro comprar dinheiro**
4. L1 – é **o negócio mais caro**
5. **inda é dinheiro**
6. L2 – porque **o dinheiro é um elemento de troca ... certo?**
7. **o dinheiro é um elemento de troca**
8. então ... **a gente pra comprar dinheiro**
9. **a gente paga ca::ro ...**
10. **você para caro por dinheiro**

A repetição também é utilizada para contrastar argumentos. Geralmente, as repetições que tem como função contrastar argumentos aparecem com uma negação ou pela modulação entoacional, transformando uma asserção em uma pergunta. O exemplo a seguir presente em Marcuschi (2006, p. 247) ilustra bem essa situação:

1. L1 – agora você quer ... você quer ver uma coisa que eu detesto
2. _____ que eu não GOS::to de jeito nenhum
3. _____ é **fazer compras**
4. L2 – **fazer compras?**
5. L1 – seja qual for ela ... viu?

Ainda, as repetições, principalmente de construções oracionais, podem servir para contestar argumentos. Nesse caso, a preservação das faces não é prioridade, como é possível observar no exemplo que segue presente em Marcuschi (2066, p. 249):

1. L1 – toda vez que ***posso viajar por terra não viajo de avião***
 2. L2 – ah não ***eu não vou por terra aonde eu posso ir de avião.***

- **Repetição e interatividade para expressar uma opinião pessoal, monitorar a tomada de turno, ratificar o papel do ouvinte e incorporar sugestões**

No plano da interatividade, a repetição pode ser utilizada para expressar uma opinião pessoal. Nesse caso, como bem nos lembra Marcuschi (2006), as opiniões se manifestam por meio de heterorrepetição, como é possível observar no exemplo que segue presente em Marchuschi (2006, p. 250):

(19)

1. L2 – **é** mas aí:: o tal negócio **eu não me preocupo muito com a média** ...
2. pra mim interessa:: o:: indivíduo né? salvação individual [...]
3. L1 – **é eu às vezes me preocupo com ... digamos com a média** pelo seguinte ...
4. eu me preocupo com o que eu estou contribuindo com o bem da média ou não.

(D2 SP 343: 568-78)

As repetições podem também colaborar para monitorar a tomada de turno, por meio de sobreposição de vozes, como é possível verificar no exemplo que segue presente em Marcuschi (2006, p. 251):

(20)

1. L1 – você leva a vida ... falsificando a cultura ... éh: ... éh::
2. prostituindo a arte para leva-la ao povo
3. L2 – mas por quê? ... por que você não leva a cultura ao povo primeiro?
4. L1 – não porque:: ***eu acho que*** ()
 [
5. L2 – porque se você não tiver outra opção
6. não tiver Chacrinha não tiver Flávio Cavalcanti
 [
7. L1 – ***eu continuo achando***
8. L2 – não tiver Silvio Santos o povo

- [
9. L1 – **eu continuo achando**
10. L2 – o povo vai ligar pra TV universitária
- [
11. L1 – **não eu continuo achando** viu?
12. L2 – pra Tom Jobim pra Chico Buarque Holanda Caetano
- [
13. L1 – **não/ veja eu continuo achando**
14. L2 – ora se vai
15. L1 – viu E./ **eu continuo achando** que o Brasil só tem três problemas graves:
16. educação educação e educação
- (D2 REC 05: 305-21)

No plano da interação, a repetição também auxilia na ratificação do papel do ouvinte. Essas repetições possuem o mesmo objetivo de alguns marcadores discursivos como “claro”, “sim”, entre outros, mostrando que o falante pode continuar com a palavra. O exemplo que segue presente em Marcuschi (2006, p. 252) ilustra essa questão:

- (21)
1. L2 – e quando veio a conta ele chegou e disse “rapaz ... seiscentinhos”
2. L1 – quanto?
3. L2 – SEIScentinhos ... ele disse divide divide pelos quatro vê quanto dá”
4. ele disse “não:: é seiscentos **para cada um**”
5. L1 – **para cada um**
6. L2 – **são dois e quatrocentos**
7. L1 – **são dois e quatrocentos** ((rindo))
8. L2 – e não comeram ... absolutamente nada ... que dizer ... [...]
- (D2 REC 266: 468-46)

Além disso, as repetições podem servir como estratégias para incorporar sugestões, principalmente para sanar dificuldades de outros falantes. No exemplo

que segue presente em Marcuschi (2006, p. 253) é possível verificar essa ocorrência:

(22)

1. L1 – agora ele que ser MESmo pelo gosto dele ele gostaria de ser
2. jogador de futebol ((risos)) não é? então ... ele:: torce ... pelo Palmeiras
3. e é o:: ... o:: xodó dele é o ... verde e branco
- [
4. L2 – **ele joga?**
5. L1 – **ele joga**
6. L2 – ah
7. L1 – ele gostaria de:: jogar no::
8. L2 – **no dente-de-leite**
9. L1 – **no dente-de-leite** ... mas o horário para mim era ruim
10. mas no Palmeiras ele me fez inscrevê-lo
- [
11. L2 – então cortou uma vocação ((risos))
- [
12. L1 – eu não cortei ...
13. ele joga futebol de salão .. então eu expliquei direitinho que se
14. realmente for bom vocação eu:: não impedirei de seguir ...
15. mas só para dizer que a gente ...
16. L2 – certo/ **cercou** ...
- [
17. L1 - tolheu **cercou** aquela:: aquela ambição [...]
18. e:: **ele segue os**
- [
19. L2 – ahn ahn
20. L1 – **salário dos::**
- [
21. L2 – **jogadores**
- [
22. L1 – **ele segue os salários dos jogadores** ... através da::
23. revista Placar ... é uma revista::
24. L2 – **especializada** em esportes

3.2.1.2 A correção

Dentre as três atividades que funcionam como estratégias reformuladoras, a correção é a única que está inserida no ato de sanear algum tipo de problema, ou seja, dentro da reformulação saneadora. Enquanto a repetição e a paráfrase podem ser chamadas de híbridas, pois podem ser retóricas ou saneadoras, a correção tem apenas o caráter saneador.

A correção pode ocorrer de duas maneiras: a *infirmiação* e a *retificação*.

De acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2006, p. 262), a infirmiação é o processo de correção no qual o sujeito procura anular o que foi falado ou escrito anteriormente. Isso se deve ao fato de que, em algum momento da interação, foi encontrado algum problema que pode ameaçar a face de um dos participantes. Consideremos os exemplos presentes no trabalho das autoras:

(1)

Inf. – então como eu ia explicando ... **no início do século vinte ou melhor no século dezanove** ... só existiam ... a Europa e ... a Ásia ... bom ... formadas ... por culturas diferentes ... atravessando situações históricas de feudalismo diferentes ...

(RJ EF 379: 45-47)

Diferentemente da infirmiação, a retificação é um processo de correção no qual o autor do texto procura solucionar algum tipo de problema presente em seu texto, porém sem anular o enunciado fonte. Consideremos o exemplo a seguir:

(2)

L1 – então eu tenho a impressão de que quando o menor ... já:: estiver assim ... pela **quarta série terceira quarta série** ... ele já estará mais independente e::

(SP D2 360: 1.225-28)

Baseados nessa afirmação, as autoras apontam que a correção pode ser dar por aspectos fonéticos (que não serão analisados aqui por se tratar de texto escrito), pela substituição do item lexical; por aspectos morfossintáticos, procurando observar a concordância, a regência, etc; e pela reformulação do próprio enunciado em si, procurando sanear algum eventual problema de compreensão, quando o enunciado não traduz o que a pessoa quis dizer.

As correções iniciadas pelo próprio indivíduo ou por iniciativa própria são denominadas **autocorreções autoiniciadas**. Essas ocorrem quando o próprio produtor do texto vê algo que considerou inadequado e busca reformulá-lo para uma melhor compreensão. Considere o exemplo a seguir:

(3)

Inf. – uma Outra forma de:: de (se) estudar a inteligência ... seria uma **frase** de ... de:: evolução da inteligência ... **FA::ses** da inteligência ...

(SPnEF 377: 333-35)

As correções também podem ser iniciadas pelo próprio produtor do texto, mas com a iniciativa partindo do interlocutor, as denominadas **autocorreções heteroiniciadas**. Nesse caso, o interlocutor observa algo que considere inadequado e sugere que seja alterado. Considere o que se segue:

(4)

L1 – aquela sua amiga a:: Andréa que está estudan::do medicina

L2 – ***não é medicina ...***

L1 – ***ah é... é enfermagem...*** então ela estava me dizendo que ... a profissão exige muita dedicação.

(Conversação espontânea 2)

Por fim temos as **heterocorreções autoiniciadas**, quando o produtor do texto inicia uma correção que é terminada pelo interlocutor. Esse tipo de correção é mais comum na fala, praticamente não ocorrendo na escrita. Considere o exemplo a seguir:

(5)

L1 – ah ... a professora mandou ler os contos de Rubem Braga ... ***não:: não é Rubem Braga este é cronista é ... é***

L2 – ***Fonseca ... Rubem Fonseca ...*** o autor de A Grande Arte

L1 – ***esse mesmo Rubem Fonseca ...*** você tem razão

(Conversação espontânea 3)

As correções podem aparecer com anteposição de marcadores discursivos. Fávero, Andrade e Aquino (2006, p. 269) enumeraram uma sequência de marcadores que possuem caráter corretivos, são eles: “quer dizer, bom, ah, ah bom, aliás, então, logo, não, ou, ahn, hein, digamos, digamos assim, ou melhor, em outras palavras, em termos, não é bem assim, perdão, desculpe, finalmente”.

É certo que na escrita as correções ocorrem em menor número, uma vez que se trata de uma atividade verbal planejada, diferentemente da conversa, principalmente aquelas que surgem da informalidade, como encontro de amigos e familiares. Entretanto, com o advento da internet e, principalmente, das redes sociais, vemos cada vez mais a escrita “parecida” com a fala, ou muito próxima desta. Plataformas como o Skype, o Twitter ou o Facebook, por exemplo, disponibilizam para seus usuários possibilidades quase que ilimitadas de formas de se comunicar.

3.2.1.2.1 Funções da correção

De acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2006) a correção desenvolve diversas funções interacionais como a cooperação, a intercompreensão, estabelecimento de relações de envolvimento entre os interlocutores e a orientação do foco de atenção sobre o que está sendo desenvolvido no texto.

- **Correção e cooperação**

A correção faz com que os interlocutores participem da atividade comunicativa, uma vez que, ao corrigir o outro, o indivíduo mostra um envolvimento com ele e também interesse para com o que está sendo desenvolvido no texto. O exemplo que segue, presente em Fávero, Andrade & Aquino (2006, p. 270), ilustra bem essa ocorrência:

(6)

L2 – às vezes a dificuldade que se encontra porque tem muitos::: ... executivos ... de idade ... mais ou menos razoável dentro do que eles querem porque ...

L1 – **a mínima** ...

[

L2 – funciona realmente aquele negócio de ...

[

L1 – requerida ...

L2 – aquele negócio de limite de idade funciona (muito) ...

[

L1 – quarenta anos ...

L2 - **não normalmente é no máximo** ...

[

L1 – **no máximo**

L2 – **né?**

L1 – **no máximo**

L2 – **é:: no máximo** ... existe para alguns

(SPD2 360: 975-88)

- **Correção e orientação do foco de atenção**

A correção pode orientar a atenção dos interlocutores para o tópico discursivo como no exemplo (7) e para os interlocutores e as relações entre eles como sugerem os exemplos (8) e (9). Todos os exemplos que seguem estão presentes em Fávero, Andrade e Aquino (2006, p. 271 e 272):

(7)

Inf. – eu ia dizendo é o seguinte ... que não é a toa que **a atual indústria naval japonesa ... atual já que no início do século vinte** ... ela havia tido uma das maiores motivações ... quais sejam ...

(RJ EF 379: 67-69)

Quando um dos interlocutores reformula o enunciado, procura adequar o conteúdo tópico por meio da precisão referencial, levando os demais a compreender com exatidão o texto, como pode ser verificado a seguir:

(8)

Inf. – ao secretário evidentemente ... levar: ao senhor presidente ... todas aquelas questões ... **que diz que dizem respeito** ... aos associados

(REC DID 131: 229-31)

Nesse exemplo, quem produz o texto possui uma posição social (face) perante o outro e utiliza a correção para fazer a manutenção dessa posição, buscando adequar seu texto ao “registro sociolinguístico do ‘falar bem’” (Fávero, Andrade e Aquino, 2006, p. 272).

(9)

L2 – toda a parte eh praticamente toda a parte jurídica do Estado é feita ... **não espera aí** ((risos)) **já estou exagerando não é toda a parte jurídica ... do Estado** ... mas todos:: ... **mas a grande parte jurídica do Estado** ... como a de ... to/todo o ser/ **todo serviço de advocacia do Estado** ... é feita por procuradores do Estado

(SP D2 360: 806-11)

O exemplo (9) representa uma ocorrência de manutenção da face, por meio da autocorreção, buscando adequar a informação aos interlocutores, uma vez que esta pode ser averiguada e invalidada.

- **Correção e preservação da face**

Para Goffman (2011), de acordo com o que foi mencionado anteriormente, a face é uma valoração positiva que um indivíduo reivindica para si mesmo de acordo com o que os outros pensam a seu respeito. Essa valoração decorre dos atos verbais e não verbais que uma determinada pessoa produz durante o ato de interação com outras pessoas.

A face só é claramente vista durante as atividades sociais, nos eventos onde encontrará outros indivíduos que possam ler, interpretar e avaliar positivamente ou negativamente.

Dentro do frenético jogo social, a interação se dá em diversos domínios discursivos, fazendo com que os indivíduos, por vezes, assumam diversas faces ao longo do dia. Uma pessoa atribui veracidade às faces assumidas pelos outros a fim de ter sua própria face validada e aceita por eles. Essas atividades de aceitação e preservação da face são feitas muitas vezes de forma intuitiva, porém, podem ser feitas de forma planejada, numa espécie de simulação da imagem que gostaria que os outros vissem.

Goffman (2001) ressalta ainda que há um jogo social em andamento no que se refere a preservar a face. Quando alguém em uma situação de interação é valorizado em seus atributos sociais tende a se sentir confortável e o contrário também é verdadeiro. Manter a face então, em eventos interativos, torna-se invariavelmente a principal meta dos interlocutores e para isso, eles utilizam diversas estratégias, como “O processo de evitação” e o “O processo corretivo” sobre o qual discorreremos a seguir.

- **O processo de evitação**

Nos dizeres de Goffman (2011), o processo de evitação assim como o processo corretivo constitui em estratégias para a preservação da face, pois são sequências de atitudes e negociações a que o indivíduo recorre para preservar a face conquistada, principalmente se houver forte envolvimento emocional para com ela.

Tendo esse entendimento, a estratégia de evitação pode ser dividida em duas partes: as defensivas (evitar o contato; evitar tópicos e atividades que podem por em risco a face; manter, inicialmente, acanhamento e compostura); e as protetoras (utilizar o respeito e a polidez; fazer vistas grossas; e esconder alguma atividade).

- a) Manobras defensivas

As manobras defensivas são utilizadas quando o indivíduo tem sua face ameaçada, ou percebe que, em um determinado encontro, possa haver situações em que terá de se relacionar de forma insegura, como se estivesse “pisando em ovos”, com relação aos demais participantes.

No que refere ao ato de evitar contato, Goffman (2011) nos diz que evitar qualquer tipo de contato com o outro que, por ventura, possa vir a ameaçar a face, é a melhor solução, ou “a saída mais garantida”. Nos dizeres do autor:

Em todas as sociedades podemos observar isto na relação de evitação e na tendência de conduzir transações delicadas através de intermediários. Da mesma forma, em muitas sociedades, os membros conhecem o valor de voluntariamente realizar uma retirada graciosa antes que uma ameaça a face prevista possa ter chance de ocorrer. (p. 22 e 23)

Quando uma situação foge do controle em uma rede social e o sujeito participante da interação tem sua face ameaçada, a saída que a maioria utiliza para manter a face perante o outro (ou outros) é excluir o contato que provavelmente ameaça seu *status*. Caso a perda da face seja iminente, pelo fato de que o texto motivador da perda tenha se espalhado como um “viral” (várias pessoas compartilharam a informação), o indivíduo procede com a exclusão da própria conta na rede social.

Além disso, o sujeito pode evitar tópicos e atividades que podem por em risco a face, uma vez que há a necessidade de aproximação entre os interlocutores por algum motivo (pessoal ou profissional). Nesse caso, quando o indivíduo sente que o tópico da conversa pode eventualmente ameaçar sua face, ele eventualmente troca de assunto ou de atividade.

Existem aqueles também que procuram manter uma postura de acanhamento, até descobrir que tipo de linha argumentativa será mais bem aceito pelo grupo em si. Nessa situação, qualquer tipo de manifestação por parte do que assume essa postura será de modéstia e de auto depreciação, pois quando o indivíduo demonstra autoestima baixa, geralmente ele está defendido de eventuais fracassos e depreciações por parte dos outros.

b) Manobras protetoras

Diferentemente das manobras defensivas, as manobras protetoras visam evitar qualquer tipo de situação em que as faces dos interlocutores possam ser ameaçadas. Para isso, eles utilizam a polidez, principalmente durante a referência, fazem “vistas grossas diplomáticas” e ocultam sua atividade de alguma forma.

A polidez é uma das mais eficazes maneiras de proteger tanto a face do interlocutor quanto a de quem fala. Essa manobra tem por princípio equilibrar e manter o equilíbrio entre as relações sociais. Além disso, manter a polidez durante a interação demonstra o quanto o indivíduo respeita o interlocutor.

Nos dizeres de Goffman (2011, p. 24), a polidez

(...) emprega a discrição; ela não menciona fatos que possam, implícita ou explicitamente, contradizer ou constranger as afirmações positivas feitas pelas outras. Ela emprega circunlocuções e engodos, fraseando suas respostas com uma ambiguidade cuidadosa (...). Ela emprega cortesias, fazendo leves modificações de suas exigências quanto às outras, ou sua avaliação delas, para que elas possam definir a situação como uma em que seu respeito próprio não está ameaçado (...)

Os indivíduos também podem ter a ficção de que a face não foi ameaçada quando um incidente ocorreu. É o que Goffman (2011) chamou de “vista grossa diplomática”, ou seja, a pessoa tem sua face ameaçada por alguma ação do outro, mas prefere manter distância disso, numa espécie de “faz de conta” que não ocorreu o fato, ou que a situação não o afeta. No Facebook, de onde vem o *corpus* da pesquisa, o indivíduo pode, simplesmente, manter-se em silêncio diante de uma situação em que foi exposto, ele não responde, não curte e nem compartilha o que foi escrito sobre ele em sua página pessoal ou na do interlocutor.

- **O Processo Corretivo**

Para preservar a face por meio do processo corretivo, o indivíduo recorre a uma ordem ritual que é dividida em quatro partes denominadas de intercâmbio: o desafio, a oferta, aceitação e agradecimento.

No desafio os participantes da interação procuram chamar atenção a algum erro de conduta sobre o evento em curso. Os interlocutores procuram manter firmes as afirmações que podem ameaçar as faces para que o evento seja resolvido.

Durante a segunda parte, denominada oferta, um dos participantes da interação, geralmente quem ofende e ameaça as faces em jogo, recebe uma chance

para corrigir o problema e reestabelecer a ordem. As pessoas podem recorrer a duas situações distintas: primeiro tentar mostrar que o problema que desencadeou a ameaça é insignificante ou não intencional, ou admitir o erro e revelar que a situação foi um descuido da parte do ofensor.

No terceiro ponto do ritual, os ofendidos podem ou não aceitar as considerações feitas pelo ofensor e estabelecer novamente a ordem no ritual ou excluir do convívio o indivíduo que teve sua face perdida.

Por fim, na quarta parte do ritual de intercâmbio, a pessoa, quando perdoada, manifesta algum tipo de agradecimento ao perdão dado pelos outros participantes.

3.3 Contexto

O contexto tem um papel importante na interação. É ele quem dá pistas aos interlocutores sobre a coerência do texto e sobre o papel que cada sujeito deve desempenhar. Sendo assim, consideramos extremamente importante apresentarmos um conceito sobre o contexto, alicerçados nos estudos de van Dijk (2012) e Koch e Elias (2009).

Koch e Elias (2009, p. 81) fazem uma reflexão importante sobre o contexto:

(...) o contexto não abrange só o **cotexto**, como a situação de interação imediata, a situação mediata (o entorno sociopolítico-cultural) e também o contexto sociocognitivo que, na verdade, subsume os demais, pois engloba todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória.

Dentro dessa concepção, o **cotexto** pode ser entendido como todo o entorno linguístico. A **situação imediata** pode ser entendida como o próprio curso da interação, o evento comunicativo propriamente dito, com os 'participantes, local e tempo da interação, objetivo da comunicação e o meio de propagação' (Koch e Elias 2009, p. 79). A **situação mediata** é um pouco mais abrangente, podem ser considerados outros aspectos como o entorno sociopolítico-cultural, ou seja,

questões relativas ao espaço, às crenças e as pressões ideológicas de cunho político. E o **contexto sociocognitivo** que subsume os demais.

Van Dijk (2012) discute a necessidade de se ter a compreensão de que o contexto não está instituído na situação, mas que é construído mentalmente a partir dos modelos mentais armazenados na memória episódica.

Os modelos mentais são muito importantes para a construção do contexto, pois é a partir deles que sabemos como interagir em determinada situação. Compreendemos os modelos mentais como van Dijk (2012, p. 94):

Os modelos mentais são representações cognitivas de nossas experiências. Num certo sentido, eles são as nossas experiências se assumirmos que experiências são interpretações pessoais daquilo que acontece conosco.

Dentro desse postulado, é possível compreender como as experiências podem não ser compreendidas e armazenadas da mesma forma por todos. As experiências são interpretadas de forma subjetiva pelos indivíduos e são ancoradas em conhecimentos anteriores, muitos deles formados a partir de contatos com grupos sociais distintos.

Sobre os modelos mentais Van Dijk (2012, p. 92) afirma ainda que:

Não representam objetivamente os eventos de que fala o discurso, mas antes a maneira como os usuários da língua interpretam ou constroem cada um a seu modo esses eventos, por exemplo, em função de objetivos pessoais, conhecimentos ou experiências prévias – ou em função de outros aspectos do ‘contexto’.

Os modelos mentais são importantes para a interpretação ou planejamento discursivos, mas também é a representação de todas as experiências que foram

armazenadas na memória episódica. Esses modelos desempenham um papel fundamental para “fabricar” uma imagem a fim de que o usuário da língua compreenda o texto. Van Dijk (2012, p. 101) denomina essa complexa estrutura dos modelos mentais de “modelo da experiência”, e são organizados de diversas formas, mas estruturadas por categorias como o tempo, os lugares, os participantes, a causalidade, o nível, a saliência e a relevância. A consciência que um indivíduo tem de si mesmo, do que faz e do que pensa significa que ele está construindo a atualizando modelos mentais.

O contexto, dentro da perspectiva sociocognitiva, pode ser entendido como “um tipo especial de modelo mental”. Ele é assim entendido porque representa a interação verbal, representa as ações onde a linguagem é o centro. Para van Dijk (2012, p. 107),

(...) da mesma forma que os modelos mais gerais de experiência ou interação organizam o modo como adaptamos nossas ações à situação social ou ao entorno, os modelos de contexto organizam os modos como o nosso discurso é estruturado e adaptado estrategicamente à situação comunicativa global.

Os modelos são importantes na construção das referências, auxiliam a interpretação de informações que estão pressupostas e podem ser vistos como o ponto de partida para a construção de “representações semânticas” (van Dijk 2011) do texto.

Visto dessa forma, os modelos de contexto exercem uma função de controle do discurso, ou seja, os modelos armazenados influenciam os modos de dizer, agir e interpretar o texto no curso da interação. Por conta disso, os modelos de contexto seguem algumas categorias elencadas por van Dijk (2012, p. 113 e 114) como o eu-mesmo, os participantes, o ambiente, e as ações e os eventos.

Para o autor, o **Eu-mesmo** é a categoria central dos modelos de contexto. Nas palavras do autor (p. 114), “os modelos de contexto são crucialmente

egocêntricos, motivo pelo qual podemos assumir que o Eu-mesmo é a categoria central desses modelos, onde tem um papel de orientação”.

Apesar de importantes, os modelos de contexto têm limites e esses limites são determinados pelos **participantes**. Isso significa que os modelos, dentro de uma situação interativa, precisam, de certo modo, estar alinhados aos modelos dos outros, principalmente os conhecimentos relativos às convenções sociais que são comuns a ambos. Por exemplo, em uma reunião de trabalho, os indivíduos estão ligados a ela pelo conteúdo temático, mas a interação entre os participantes somente poderá ser prontamente compreendida por todos se eles possuírem conhecimentos e modelos muito próximos aos demais.

O que um indivíduo sabe sobre o seu interlocutor faz com que ele crie um modelo de contexto baseado nesse conhecimento, procurando relacionar suas ações linguísticas ao seu conhecimento prévio. Dentro dessas premissas, o sentido do que se produziu textualmente é conseguido mediante ao vínculo afetivo e ao modelo construído.

Em outras palavras, a interação entre sujeitos se dá a partir de conhecimentos já armazenados e que são em certa medida semelhantes. Esses modelos farão com que determinado tópico discutido seja mais relevante do que outro. Dentro dessa premissa, van Dijk (2012, p. 116) afirma que “uma teoria dos modelos de contexto implica uma teoria da relevância”.

Entendemos como **relevância** aquilo que, de alguma forma, se relaciona com o modelo de contexto. Em outras palavras, um indivíduo considera que algo seja relevante na medida em que consegue encontrar alguma relação entre o que ocorre na interação com algo que já esteja armazenado em sua memória. Além disso, os objetivos e as intenções que uma pessoa tem quando produz seu texto também, em certa medida, podem tornar parte do seu dizer relevante.

O **ambiente** está relacionado com as relações temporais (tempo/período) e com os locais onde ocorre a interação. É com base nessas categorias que os eventos comunicativos se configuram, ou seja, na relação entre os participantes em um dado tempo e espaço, representando seus papéis dentro do grupo onde eles

estejam inseridos, numa relação que pode ser de amizade ou hierárquica, que os modelos de contextos se configuram, atualizam e são ativados.

3.3.1 Funções do contexto

Se o contexto é construído na intersubjetividade, cabe neste trabalho uma reflexão sobre as funções que o contexto exerce para a construção dos enunciados.

O contexto, segundo Koch e Elias (2009), assume algumas funções como avaliar o que é adequado ou não adequado de acordo com os modelos de contexto; colocar em saliência o tópico discursivo, a continuidade e a progressão textual; permitir a produção de inferência; justificar ou explicar o que foi dito; e explicar o que é dito e o que não deve ser dito.

Por conta dos modelos de contexto, os indivíduos conseguem adequar o dizer aos eventos que estão participando. A adequação passa pela escolha lexical, pelos modos de dizer e até mesmo pelo uso formal e cerimonial no tratamento com autoridades, por exemplo. O contexto ainda possibilita ao interlocutor tornar relevante o assunto que melhor se relaciona com os outros participantes da interação.

Na interação, aquele que diz se vale dos modelos textuais que ele conhece e acredita que o outro também conheça. Quando ativados, esses modelos contribuem para tornar os textos coerentes, ou seja, faz com que o enunciado tenha sentido, podendo então afirmar que entenderam o texto.

Koch e Elias (2009, p. 76) afirmam:

Em uma situação de interação, quando levamos em conta os interlocutores, os conhecimentos considerados como partilhados, o propósito da comunicação, o lugar e o tempo em que nos encontramos, os papéis socialmente assumidos e os aspectos

históricos culturais, estamos atuando com base no contexto e em seus elementos constitutivos.

O contexto assume um papel fundamental na produção dos enunciados, seja por causa das estratégias discursivas, seja pelos modelos textuais que também estão armazenados na memória do indivíduo.

3.4 O texto no contexto das mídias sociais

Ao longo dos tempos, muitas foram as formas que as pessoas utilizaram para manifestar a própria cultura, como os gestos, a fala, as pinturas e as esculturas. Ramal (2003) afirma que o conhecimento humano pode ser dividido em três fases distintas, a saber: a tradição oral, a tradição escrita e, atualmente, a cibercultura.

Crystal (2006) afirma que a fala foi o primeiro meio de comunicação, tendo início entre 30 e 100 mil anos atrás. A tradição oral era centrada na figura do narrador, ou seja, em cada comunidade havia alguém (ou mais de um) que tinha como tarefa contar aos mais jovens as tradições daquele povo. Não eram somente histórias como forma de entretenimento que eram relatadas, mas sim parte do pensamento, dos costumes, das decisões tomadas por eles ao longo dos tempos. As histórias eram contadas de acordo com as impressões obtidas por seus mestres ao longo de suas vidas. Com a morte dos mestres contadores, morria com eles também boa parte do conhecimento e da cultura daquele povo.

Entretanto, na cultura oral havia dificuldades com relação à veracidade do enunciado, pois cada narrador imprimia suas impressões acerca dos fatos. Isso acabava por tornar os relatos cada vez menos precisos e as tradições se modificavam sempre, de acordo com os interesses dos mais antigos.

De acordo com Ramal (2003), cerca de 10 mil anos atrás a escrita foi descoberta, o que revolucionou a comunicação. Além disso, ela recebeu auxílios importantes para propagar a cultura por meio da imprensa e da publicação de livros. O que era um problema para a tradição oral – informações imprecisas – com a

escrita isso é, de certa forma, resolvido. A autora afirma ainda que (2003, p. 4) com a escrita:

A concepção de história se torna linear e encadeada como a própria página. O saber não pertence apenas aos sujeitos: ele se torna objeto possível de se transmitir, de se ler em outros contextos, outros tempos, outros espaços e até em outras culturas. A memória é relativizada: afinal existe um suporte (o pergaminho, o papel...) que pode guardar informações.

Em épocas remotas, a escrita teve um papel fundamental na organização da sociedade, chegando ao ponto de direcionar e determinar as atividades necessárias ao convívio em grupo.

Nas sociedades orais, as mensagens discursivas são sempre recebidas no mesmo contexto em que são produzidas. Mas, após o surgimento da escrita, os textos se separam do contexto vivo em que foram produzidos. É possível ler uma mensagem escrita cinco séculos antes ou redigidas a cinco mil quilômetros de distância – o que muitas vezes gera problemas de recepção e de interpretação. Para vencer essas dificuldades, algumas mensagens foram então concebidas para preservar o mesmo sentido, qualquer que seja o contexto, (o lugar, a época) de recepção: são as mensagens “universais” (ciência, religiões do livro, direitos do homem etc.) (Lévy 1999, p. 15).

A escrita tem a característica de permitir a comunicação entre duas ou mais pessoas através do espaço e do tempo. Mais que isso, ela possui a capacidade de “ativar” mecanismos psicológicos, alinhando os sentidos do que se quer dizer com a compreensão de outros.

Koch e Elias (2009, p.36) salientam que

(...) a escrita faz parte da nossa vida, seja porque somos constantemente solicitados a produzir textos escritos (bilhete, e-mail, listas de compras, etc., etc.), seja porque somos solicitados a ler textos escritos em diversas situações do dia-a-dia (placas, letreiros, anúncios, embalagens, e-mail, etc., etc.)

Ainda segundo Koch e Elias (2009, p. 37):

Escrever é uma atividade que exige do escritor conhecimento da ortografia, da gramática e do léxico de sua língua, adquirido ao longo da vida nas inúmeras práticas comunicativas de que participamos como sujeitos eminentemente sociais que somos e, de forma sistematizada, na escola.

A escrita pode ser concebida com diversos fins, mas principalmente para comunicar algo a alguém, procurando resolver problemas do cotidiano. Escrever precisa sempre ser considerado como um fato social, como a necessidade que cada indivíduo possui de comunicar algo para alguém. É dentro dessa afirmação que entendemos que a escrita tem o caráter interativo, onde todo o processo de produção e compreensão surge a partir dessa interação. Portanto, interagir é mais do que uma obrigação, passa a ser um desejo que possuímos e que precisa ser expandido.

Mas, cabe lembrar sempre que, para ocorrer à interação, é preciso limitar o que se quer dizer. Esses limites são estabelecidos por diversas instâncias. Uma delas é quem vai receber o produto da interação, ou seja, o leitor estabelece “regras” que vão desde o saber partilhado ao gênero escolhido para comunicar.

Além dos interlocutores, outro ponto limita a expansão do que se quer dizer, como o domínio discursivo. Nos dizeres de Bazerman (2009: 102), “(...) *Os lugares que você frequenta desenvolverão em você aquelas partes que estão mais relacionadas e orientadas às atividades daqueles espaços.*” Isso significa que o convívio social acaba (muitas vezes) por determinar quais assuntos devem circular pelo grupo social, formando em nossa memória modelos de interação que serão utilizados ou reconhecidos na medida em que for solicitado.

A escrita trouxe para a sociedade maior conhecimento histórico, geográfico e social, pois deixa o registro dos feitos ao longo dos tempos. Entretanto, como no caso da oralidade, muito do que se é registrado sofre a influência de ideologias presentes na mente de quem escreve. Isso faz com que a informação seja regulada de acordo com os interesses de quem escreve.

A partir dos anos 90 do século XX, uma criação tecnológica tem transformado a forma de se ver e pensar a escrita e a propagação da informação. Isso acabou por desprivilegiar alguns que se consideravam “donos” da informação, uma vez que, com essa criação, as pessoas passaram a ter acesso a diversos veículos de comunicação. Referimo-nos aqui à internet e à cibercultura criada a partir dela, que abordaremos nesse trabalho, destacando principalmente a rede social Facebook.

Na realidade, segundo Crystal (2006) a internet foi criada na década de 60 para fins militares e começou a se tornar popular a partir de 1991. Com essa popularização, as pessoas começaram a perceber a existência de um novo modo de interagir com o outro de forma mais rápida do que com as cartas. Por conta disso, criaram-se comunidades onde os usuários se encontravam e partilhavam de suas impressões que eram comentadas em um curto espaço de tempo. Sendo assim, a partir da popularização da internet, começamos uma nova Era, a da cultura cibernética, ou Cibercultura.

Cibercultura é “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” (Lévy, 1999, p. 17).

De acordo com essa afirmação, podemos dizer que a Cibercultura veio para modificar a maneira pela qual tratamos a informação, ou seja, os valores das

peças mudam, assim como o pensamento e as atitudes. Não se trata apenas de ser espectador dos acontecimentos, mas fazer parte deles, comentando, criticando, ou elogiando o papel que cada indivíduo desempenha em novos espaços: a tela do computador e a rede mundial de computadores.

Nos dizeres de Freitas (2011, p. 17 apud Lemos, 2010, p. 128):

O ciberespaço é a encarnação tecnológica de um velho sonho de criação de um mundo paralelo, de uma memória coletiva, do imaginário, dos mitos e símbolos que perseguem o homem desde os tempos ancestrais (...) ele incita a abolição do espaço e do tempo (...) é um espaço imaginal.

Esse novo meio de comunicação é tão revolucionário que afetou praticamente toda a população mundial, causando o que Crystal (2006) menciona como “revolução” nos modos de se comunicar, algo que não acontecia há 10 mil anos.

Para Crystal (2010, apud Rajagopalan 2013, p. 40):

A internet tem feito com que a linguagem evolua para uma nova forma de comunicação, diferente de aspectos fundamentais das formas conversacionais tradicionais da fala e da escrita. Os atributos que diferenciam a CMC [comunicação media por computador] da fala incluem a ausência de *feedback* simultâneo (vital para a conversação bem sucedida), a ausência da fonologia não segmental (ou da tonalidade de voz, que as emoções se esforçam para eximir, porém não conseguem) e sua habilidade de múltiplas interações simultâneas (como em sala de conversa em tempo real). (...)

Dentro dessa evolução linguística desencadeada pela internet, como bem pontuou Crystal, é possível verificar o surgimento de um novo modo de se configurar a escrita na rede: o internetês. Sobre este tópico discorreremos a seguir.

3.4.1 O internetês

Seja pelo sentido de emergência dos dias, seja pela necessidade de se comunicar de forma rápida e eficiente, o ser humano tem se utilizado de diversas formas para interagir com o outro. Na escrita, principalmente, vemos transformações no modo como se configuram as mensagens, desde as abreviações na folha até a utilização de pequenas imagens na tela o computador. Neste último, juntamente com a criação e popularização da internet, é possível verificar a busca por uma comunicação mais rápida e não menos eficiente do que a tradicional. Trata-se da escrita em chats ou nas redes sociais que tem extrapolado esses ambientes e já faz parte do cotidiano de muitas pessoas.

O texto digital trouxe algumas peculiaridades em seu uso, denominado por Xavier (2011) como “internetês”. Sua configuração se dá com o uso da abreviação em quase todas as palavras, com o intuito de economizar toques no teclado e também tempo, tornando a interação mais dinâmica; o uso de *emoticons*, sinais gráficos que têm como função substituir palavras de cunho afetivo; e o uso de *Winks*, desenhos que substituem palavras ou frases.

O internetês pode ser considerado uma tentativa de manifestar na escrita os elementos da fala. Trata-se sim de uma tentativa, pois a diferença entre ambas existem, principalmente no que se refere ao gestual. Entretanto, ele busca a velocidade de troca de turnos ou de palavras provenientes da fala.

Rajagopalan (2013) compreende “o internetês como algo sintomático dos tempos em que vivemos, marcados por uma série de características, assim como a espontaneidade e o laconismo nas formas de transmitir as mensagens.” Visto dessa forma, o internetês passa a ser visto não somente como um dialeto, mas também como uma representação dos dias atuais, pautados pela velocidade com que as coisas acontecem e são noticiadas.

O internetês começou a ser utilizado em salas de bate papo de ambientes virtuais e nas redes sociais ele tem encontrado maior força. Isso porque tanto os adultos quanto os adolescentes e as crianças aderem a essas redes.

Rajagopalan (2013, p. 45) afirma que o internetês é “uma língua em construção” e, como tal, requer uma série estudos aprofundados para poder caracterizá-la, se é que isso será possível. O autor afirma também que esta língua é moldada de acordo com as necessidades que o indivíduo possui em se comunicar com o outro de forma direta e sem a redundância de outros meios.

Outro ponto importante a salientar é o fato de que o internetês não está sendo construído por um indivíduo, mas pela coletividade. Ainda não é possível determinar todos os limites que essa “nova língua” possa alcançar, como também não se pode deduzir se haverá ou não uma normatividade.

Diante de tudo isso, é possível observar que de fato há uma revolução como sugeriu Crystal (2006) e essa revolução atende à demanda e às situações que a Era da Informação tanto necessita.

3.4.2 Escrita no Facebook

O Facebook é um domínio onde indivíduos se encontram (virtualmente) e mantêm diversificadas relações interativas. Trata-se de uma rede social predominantemente escrita e com a grande quantidade de compartilhamento de imagens, vídeos e até mesmo conversa face a face, por conta de uma parceria entre Microsoft, detentora do Skype e o Facebook.

As possibilidades que o indivíduo possui de se manifestar no Facebook por meio da escrita são: as mensagens privadas, o *talk* (uma espécie de chat), os *posts*, os comentários dos próprios *posts* ou dos *posts* de outros.

Nas mensagens privadas, os usuários procuram estabelecer uma relação interativa com apenas um ou alguns integrantes do grupo de amigos. Quando um indivíduo manda uma dessas mensagens, ele deseja que apenas o interlocutor específico saiba o que ele pretende comunicar. As respostas às indagações iniciadas e respondidas pelos interlocutores criam uma espécie de “turno”, numa clara alusão à fala.

Entendemos turno de acordo com as considerações feitas por Koch (2007, p. 80). Para a autora, os turnos são intervenções que cada indivíduo faz durante a

interação. No caso das mensagens privadas, cada nova mensagem é colocada ordenadamente de forma a constituir uma conversa. Porém, diferentemente da fala, não há interposição de turnos e nem interrupção da mensagem do outro, conforme salienta Herring (2013).

O *talk* se configura em um *chat* onde o indivíduo procura um dos amigos que esteja online e inicia uma “conversa”. O assunto é variado, mas, assim como as mensagens privadas, são de caráter particular, ou seja, somente os participantes da conversa têm acesso ao conteúdo.

No caso dos *posts*, eles são textos que uma pessoa escreve tendo em vista o grupo de amigos que faz parte de sua rede. Trata-se de mensagens de cunho público, ou seja, feitos para serem lidos por muitas pessoas e que se tornam disponíveis em um mural (suporte textual). Quando uma pessoa posta seus textos, ela procura se manifestar sobre determinado assunto. Essa manifestação pode gerar aprovação por parte de quem faz parte do grupo de amigos com uma “curtida”, pode se estender a outros por meio dos compartilhamentos, além de poder ser comentada no espaço destinado.

Já os comentários dos *posts* podem ser feitos pelo próprio autor ou por terceiros. Esses comentários podem ter o cunho apreciativo, mostrando que outros concordam com o que foi postado; cunho justificativo, quando quem postou o texto procura se justificar de algum tipo de mal entendido; cunho depreciativo, quando terceiros criticam a posição do escritor. Em alguns casos, os comentários podem não ter relação alguma com o que foi publicado, tendendo para outros assuntos, como uma espécie de “desvio de foco”.

O foco do nosso trabalho é analisar estratégias de reformulação, presentes nos *posts* e nos comentários. Escolhemos estudar o Facebook por se tratar de uma rede social de grande representatividade na sociedade, cujas publicações podem atingir muitas pessoas em pouco tempo e que concentram quantidades de “eventos comunicativos” (Beaugrande, 1997) significativos para serem analisados.

Capítulo 4

Análise das estratégias de reformulação nos posts e nos comentários do Facebook

Como já explicitado, o objetivo desta pesquisa é analisar como se configuram as estratégias de repetição e correção em mensagens produzidas no Facebook por sujeitos nativos e não nativos digitais.

Os procedimentos para a análise dos casos de repetição e de correção nos posts e nos comentários do Facebook seguem o método qualitativo. Essa metodologia, de acordo com Santos (2012, p. 21):

1. está ligada às ciências sociais;
2. não envolve experimentação;
3. considera a linguagem em seu contexto de uso;
4. considera o sujeito em seu contexto sócio-cultural;
5. é de base interpretativista; e
6. é de cunho exploratório.

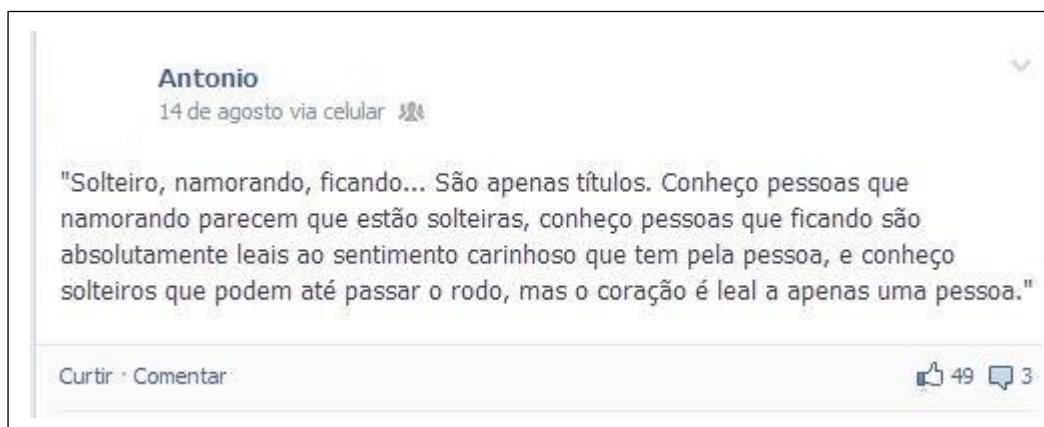
Considerando o objetivo desta pesquisa de analisar estratégias de reformulação em textos produzidos no espaço da rede social Facebook, adotaremos os seguintes procedimentos para a análise pretendida:

1. análise da repetição em mensagens produzidas por nativos digitais;
2. análise da repetição em mensagens produzidas por não nativos digitais;
3. análise da correção em mensagens produzidas por nativos digitais;
4. análise da correção em mensagens produzidas por não nativos digitais.

4.1 Casos de repetição

4.1.1 Repetição em textos de sujeitos nativos digitais (ND)

ND1 – Texto1



No texto 1, ND1 comenta coisas relativas à sua vida pessoal e suas impressões sobre coisas presentes em seu mundo. ND1 publica esse texto para um grupo de amigos que faz parte de sua rede contatos, procurando expor suas opiniões sobre as pessoas e seus relacionamentos.

Esses amigos, que fazem parte da rede, foram selecionados por ND1 por possuírem algum tipo de interesse em comum. Além disso, por meio de informações presentes no perfil de ND1, os participantes da rede constroem um modelo de contexto e conferem a ND1 uma face positiva, que é fundamental para aprofundar relacionamentos e conquistar mais amigos, haja vista a quantidade de “curtidas” (49) que ele recebeu até o momento em que foi coletada a mensagem.

No texto, ND1 apresenta uma reflexão sobre os relacionamentos comuns às pessoas. ND1 apresenta três situações que marcam existência ou não de relacionamentos amorosos: “Solteiro, namorando, ficando” (linha 1). Essas expressões servem como base para o que vai ser comentado a seguir: “São apenas títulos.” (linha 1). Esse *post* revela que o sujeito mostra certo desprezo pelos rótulos que a sociedade impõe sobre os indivíduos, pois, em seguida, ele enumera

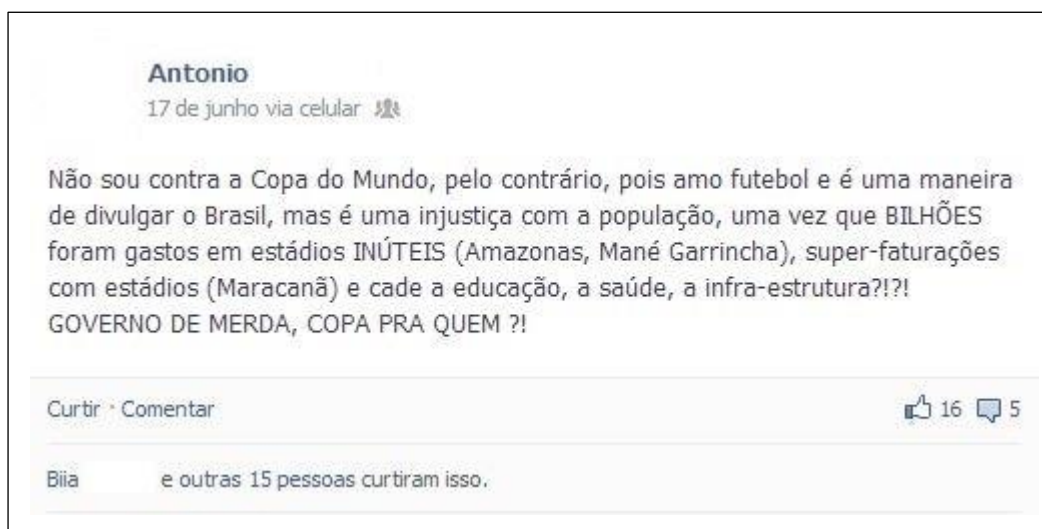
situações onde os “títulos” são descaracterizados pelo comportamento dos indivíduos.

Temos alguns casos de auto-repetição de expressões lexicais. ND1 utiliza três expressões (solteiro, namorando, ficando), cuja repetição atende ao propósito do autor: defender a posição de que os títulos possuem pouca importância na construção dos relacionamentos.

Além desses casos, há também outro caso de auto-repetição da palavra “pessoa” em “pela pessoa” e “apenas uma pessoa”. Esses tipos de repetição têm como função esclarecer informações com expansões sucessivas como salienta Marcuschi (2006) e visa auxiliar a compreensão do enunciado por parte do interlocutor.

1. L1 – “**Solteiro, namorando, ficando...** São apenas títulos. **Conheço pessoas que**
2. **namorando** parecem que estão **solteiras, conheço pessoas que**
3. **ficando** são absolutamente leais ao sentimento
4. carinhoso que tem pela **pessoa**, e
5. conheço **solteiros** que podem até passar o rodo,
6. mas o coração é leal a apenas uma **pessoa.**”

ND1 – Texto 2



No texto 2, ND1 apresenta também repetição lexical. Esse *post* foi escrito em 17 de julho de 2013, na época em que ocorreram no Brasil grandes manifestações contra o aumento da tarifa do transporte público. As manifestações tomaram outras proporções que levaram a população a questionar outros setores essenciais para a sociedade como a saúde, a educação e a infraestrutura.

Outro ponto importante para a contextualização do texto é o fato de que o país é sede da copa do mundo de 2014. Esse tipo de evento esportivo demanda um gasto muito alto para a construção de estádios, gerando, no caso do Brasil, outro tipo de insatisfação na população, uma vez que o dinheiro gasto poderia ser destinado a prioridades na saúde, educação e transporte, por exemplo.

Por conta do acontecimento que teve grande repercussão na mídia, ND1 procura deixar sua opinião sobre o tema, revelando seu descontentamento. Essa atitude por parte de ND1 é esperada por sua rede de contatos e apoiada por seus amigos (16 “curtidas” até o momento da coleta), principalmente por causa do envolvimento emocional que acomete a maior parte das pessoas durante as manifestações.

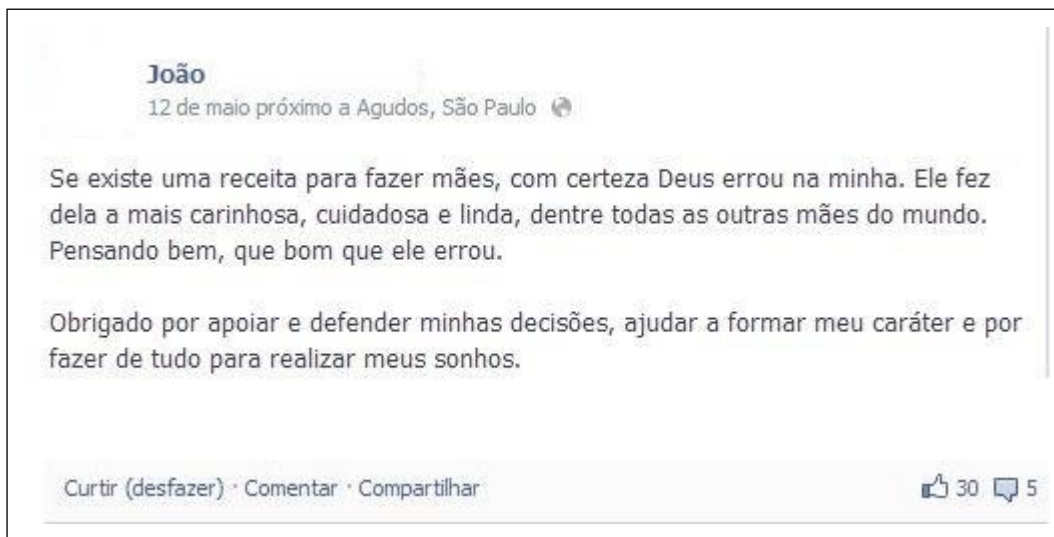
ND1 produz seu *post*, questionando a necessidade de se gastar toda a verba (BILHÕES) em “estádios”, levando em conta que isso não é prioridade. Ele utiliza a expressão “estádios” vistos como “INÚTEIS” e repete o item lexical “estádios”, mostrando um problema comum no Brasil na composição da expressão “super-faturações com estádios”: o desvio de verbas públicas.

1. L1 – Não sou contra a Copa do Mundo, pelo contrário, pois amo futebol e é uma maneira
2. de divulgar o Brasil, mas é uma injustiça com a população, uma vez que BILHÕES foram
3. gastos em **estádios** INÚTEIS (Amazonas, Mané Garrincha), super-faturações com
4. **estádios** (Maracanã) e cade a educação, a saúde, a infra-estrutura?!?!
5. GOVERNO DE MERDA, COPA PRA QUEM ?!

Trata-se de uma auto-repetição de item lexical que tem como função reafirmar a argumentação. Esse tipo de função, como propõe Marcuschi (2006), procura reafirmar a posição utilizando material linguístico que já faz parte do texto, gerando

uma redundância que de modo algum altera o sentido pretendido, mas acaba por intensificar o argumento.

ND2 – Texto 3



No texto 3, a escrita por ND2 foi motivada por uma data específica: o dia das mães, pois foi escrita exatamente no dia 12 de maio. O tema desenvolvido nesse *post* tem relação direta com o evento mencionado, pois se trata de uma homenagem que o sujeito procura fazer para a sua mãe.

É possível pressupor que ND2 nessa mensagem se mostra como sendo uma pessoa carinhosa para com sua mãe e que gosta de externar essa posição perante seus amigos da rede. O texto de ND2 foi bem aceito pelo grupo de contato, haja vista a quantidade de “curtidas” que a mensagem recebeu até o momento em que foi coletada para compor este corpus.

Ocorre nessa mensagem a auto repetição de um item lexical “mães”.

1. L1 – Se existe uma receita para fazer **mães**, com certeza Deus errou na minha. Ele fez
2. **mães** do mundo.

Além da repetição do item lexical, há também alguns casos de auto-repetição morfológica, mais propriamente a repetição do sufixo “osa” em “carinh**osa**” e

“cuidadosa” que, segundo Bechara (2006, p. 357), auxilia na formação de adjetivos, e semanticamente, revela afeto, ou carinho.

3. dela a mais **carinhosa**,

4. **cuidadosa** e linda, dentre todas as outras

O sujeito faz uso dessa repetição para evidenciar uma relação de afeto e proximidade com a sua mãe, e também a maneira pela qual essa afeição foi construída, por meio de atitudes positivas. Essa posição é confirmada no uso de verbos como “apoiar...”, “defender...”, “ajudar...”, “formar...”, “fazer...” e “realizar...”.

5. Pensando bem, que bom que ele errou.

6. Obrigado por **apoiar** e

7. **defender** minhas decisões,

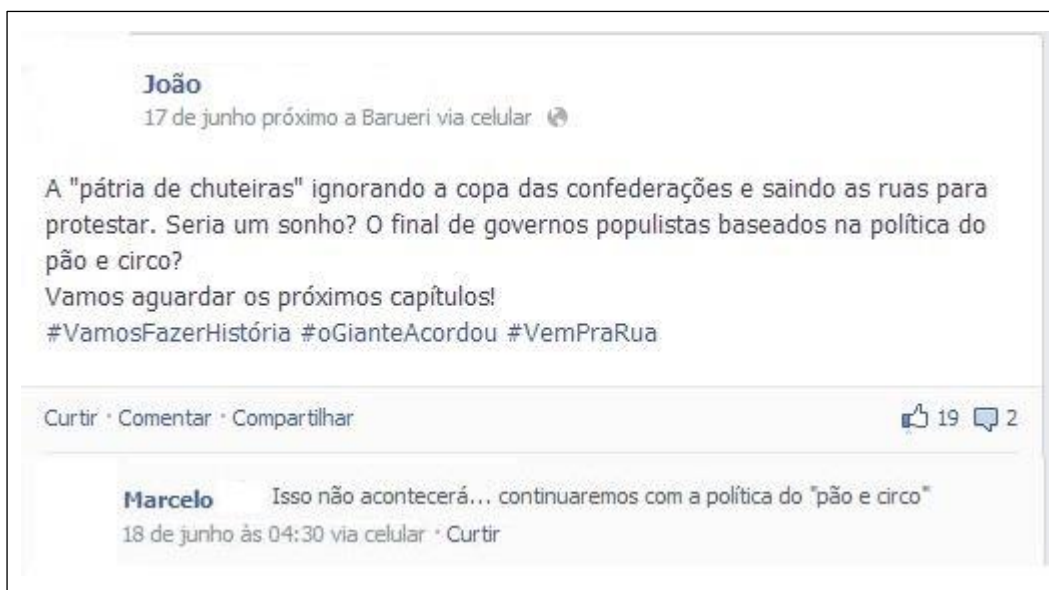
8. **ajudar** a

9. **formar** meu caráter e por fazer de tudo para

10. **realizar** meus sonhos.

A repetição dos verbos no infinitivo acaba por manifestar outro caso de repetição morfológica, que gera uma listagem fechada no enunciado. Essa função, de acordo com Marcuschi (2006), cria um ritmo na interação, gerando maior envolvimento entre os participantes da interação, nesse caso, os amigos da rede social.

ND2 – Texto 4



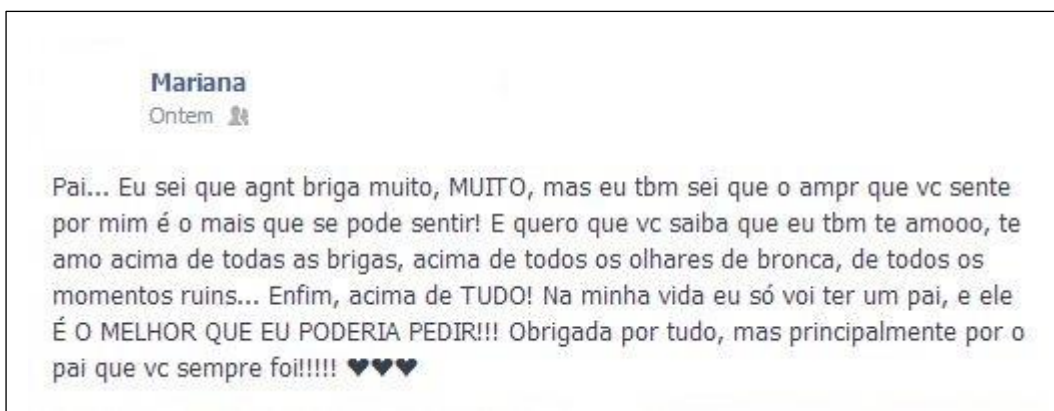
O texto 4 de ND2 foi produzido na mesma época dos protestos referentes aos gastos para a organização da copa do mundo. ND2 questiona se haverá a queda dos governos chamados por ele de “populistas” que baseiam sua política no “pão e circo”. Esse questionamento não é respondido pelo próprio autor, como sugerido pelo uso da expressão “Vamos aguardar os próximos capítulos!”, mas é respondido por um amigo da rede em um comentário: “Isso não acontecerá... continuaremos com a política do pão e circo”.

No texto, ND2 tem um projeto de dizer que procura levar em conta não só os acontecimentos, mas também a relação que possui com os integrantes de sua rede de contatos. No *post* em análise, o texto é bem recebido por seus amigos, como revelado pela quantidade de “curtidas” (19) até o momento da coleta, gerando, inclusive, o comentário de um sujeito também nativo digital de que pouca coisa mudaria.

Temos uma heterorrepetição da construção suboracional “a política do ‘pão e circo’” que exerce a função interativa de expressar uma opinião pessoal, referente ao questionamento proposto por ND2. Esse tipo de função, segundo Marcuschi (2006), fica marcado pela repetição e se evidencia numa oposição de princípios com a presença de um atenuador: “Isso não acontecerá”.

1. L1 – A "pátria de chuteiras" ignorando a copa das confederações e saindo as ruas para
2. protestar. Seria um sonho? O final de governos populistas baseados
3. **na política do pão e circo?**
4. Vamos aguardar os próximos capítulos!
5. L2 – Isso não acontecerá... continuaremos com **a política do “pão e circo”**.

ND3 – Texto 5



O texto 5, na ocasião da coleta do *corpus*, não apresentava uma data específica, mas foi endereçada ao pai do autor da mensagem, com a colocação de um vocativo “Pai” no início do texto. ND3, nesse *post*, faz exatamente o que se espera de um nativo digital que está inserido na rede de computadores e que possui um perfil no Facebook: comentar fatos relacionados ao seu cotidiano, como relacionamentos, amigos, família, escola etc.

O texto pode ser visto por parte dos amigos da rede como uma espécie de homenagem. Entretanto, com relação ao pai de ND3, a compreensão pode se dar de outra forma, pois é possível haver algum tipo de acontecimento que somente os envolvidos, pai e filho, partilham, podendo gerar outro tipo de compreensão: um pedido de desculpas por causa das muitas brigas entre eles.

Há alguns casos de auto-repetição presente nessa mensagem, como a repetição lexical “muito” em “agnt briga muito” e “MUITO” com letras maiúsculas. Essa repetição exerce a função de intensificar o tópico em desenvolvimento e procura obedecer ao princípio da “iconicidade”, em que a posição da repetição e

volume maior de linguagem idêntica acaba por gerar maior quantidade de informação. É o que ocorre no segmento a seguir:

1. L1 – Pai... Eu sei que agnt briga **muito**,
2. **MUITO**, mas eu tbm sei que o ampr que vc sente por

Além desse caso, há também auto-repetição lexical da expressão pai em “ter um pai” e “por o pai” com a função de manter o tópico discursivo. Esse tipo de função, de acordo com Marcuschi (2006), é estabelecida quando a recorrência do mesmo item lexical se torna indício do que está sendo enfocado, como ocorre no trecho que segue:

9. Na minha vida eu só voi ter um **pai**, e ele É O MELHOR QUE EU PODERIA PEDIR!!!
10. Obrigada por tudo, mas principalmente por o **pai** que vc sempre foi!!!!!! ♥♥♥

Há também auto-repetição das construções suboracional “te amo” em “te amo acima de todas as brigas” e “acima de todos...” em “acima de todos os olhares de bronca” e “de todos” em “de todos os momentos ruins”. Essa repetição exerce a função de fazer a manutenção da coesividade por meio de uma lista fechada, fazendo um alto grau de contração das unidades sequenciadas. Essa função, segundo Marcuschi (2006), acaba por criar um ritmo especial para a interação, possibilitando maior envolvimento entre os participantes. O segmento a seguir exemplifica essa afirmação:

3. mim é o mais que se pode sentir!
4. E quero que vc saiba que eu tbm **te amooo**,
5. **te amo acima de todas** as brigas,
6. **acima de todos os** olhares de bronca,
7. **de todos os** momentos ruins... Enfim,
8. **acima de TUDO!**

ND3 – Texto 6



No texto 6, ND3 procura mostrar contentamento com a participação de seu grupo em um concurso, elogiando as demais colegas que participaram. Nesse *post*, ND3: comenta sobre fatos relativamente sem importância presentes em seu cotidiano, com o objetivo de buscar algum tipo de aprovação. Essa intenção é prontamente alcançada, pois um nativo digital publica um comentário em que mostra concordância com o que fora publicado.

A repetição se dá em uma construção suboracional: “a nossa participação no *cheer leaders*” presente no *post* e que é reproduzida no comentário. Trata-se nesse exemplo de uma heterorrepetição que possui uma função interativa de expressar opinião pessoal, evidenciada por meio do marcador discursivo “também achei”, anteposto à repetição, revelando o posicionamento do interlocutor sobre o tema abordado. Essa função, como bem nos lembra Marcuschi (2006), também auxilia na manutenção da face por parte dos envolvidos na interação. O exemplo que segue ilustra bem essa situação:

1. L1 – Ai meninas, amei **a nossa participação no cheer leader**, vcs foram demais...
2. L2 – também achei **a nossa participação no cheer leaders** o máximo, pena que a
3. gente não ganhou.

ND4 – Texto 7

Karina :

"Amar é isso mesmo. É se jogar e não saber. É se entregar sem ter certeza. Aos poucos, buscamos a certeza do amor. Porque o amor para ser amor precisa de certezas. A certeza do encontro, a certeza da continuidade, a certeza da presença, a certeza da verdade." — com Gustavo

No texto 7, ND4 procura estabelecer uma definição para o. Em seu perfil há a informação de que está em um “relacionamento sério” com alguém, o que serve de pista contextual para que o tema amor torne-se comum.

Temos alguns casos de auto-repetição de item lexical, como “amor” em “certeza do amor...”, “porque o amor...” e “para ser amor...”. Essas repetições procuram reafirmar argumentos por meio de uma explicação. Essa função, segundo Marcuschi (2006, p. 247), gera uma “redundância em série”, pois os sujeitos preferem repetir expressões já existentes a “apresentar novos argumentos”. O segmento a seguir ilustra essa afirmação:

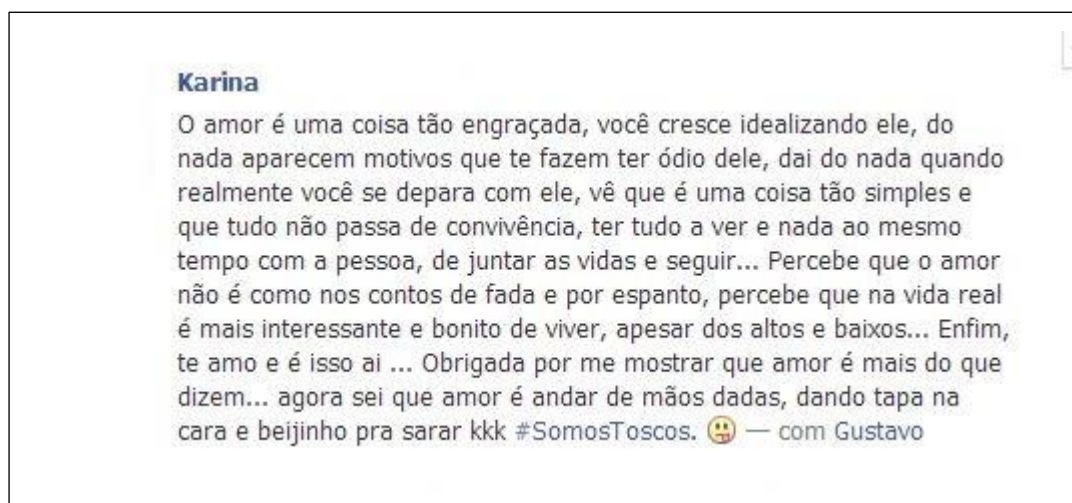
4. **amor.**
5. Porque o **amor** para ser **amor** precisa de certezas.

Outro caso de repetição é a auto-repetição da construção suboracional “a certeza de...” nas linhas 2, 3, 5, 6, 7, 8 e 9. Essas repetições têm como função a coesividade, manifestada por meio de uma listagem aberta, estabelecendo um paralelismo sintático que é típico das listagens. Nesse caso é possível perceber uma pequena variação morfológica com a presença do plural em “certezas” (linha 4).

Além de estabelecer a coesividade, essa repetição também procura conduzir o tópico discursivo por meio da recorrência do item lexical “certeza”, como salientou Marcuschi (2006). O exemplo que segue ilustra bem esse caso.

1. L1 – “Amar é isso mesmo. É se jogar e não saber.
2. É se entregar sem ter **certeza.**
3. Aos poucos, buscamos **a certeza do** amor.
4. Porque o amor para ser amor precisa de **certezas.**
5. **A certeza do** encontro,
6. **a certeza da** continuidade,
7. **a certeza da** presença,
8. **a certeza da** verdade.

ND4 – Texto 8



No texto 8, ND4 mantém o tema amor como foco de seu *post*. Há também a manutenção do nome da pessoa para quem provavelmente a mensagem se dirige. Nesse caso a intenção do autor é fazer uma declaração de amor.

ND4 faz no *post* o que se espera de alguém que possui “um relacionamento sério”. Por essa informação estar em seu perfil e acessível a todos que entrarem em sua linha do tempo, todos os amigos da rede de ND4 têm esse conhecimento compartilhado, facilitando a compreensão do texto.

O *post* traz muitos exemplos de auto-repetição de construção suboracional em “amor é” nas linhas 1, 8 e 9, com as variações “amor não é” na linha 6 e com elipse da palavra “amor” nas linhas 4, 7 e 8. ND4 utiliza a repetição para estabelecer

uma lista aberta, trabalhando para a construção da coesividade do texto. Na construção das listas, é comum as pessoas repetirem apenas uma parte da oração porque não há a mudança do referente, mas, para se compreender a lista, é preciso sempre pressupor que há pelo menos um padrão sintático, como afirmou Marcuschi (2006).

A repetição também serve para reafirmar os argumentos por meio de definições e também da manutenção tópica, pois para ser uma coisa engraçada, o amor não pode ser definido em palavras e sim visto a partir das ações praticadas em conjunto. ND4 parte de uma afirmação “O amor é uma coisa tão engraçada” e, em seguida, vai listando uma série de elementos como “uma coisa tão simples”, “não é como nos contos de fada”, “é mais interessante e bonito de viver”, desencadeando um paralelismo sintático que conduz o leitor à conclusão: “o amor é mais do que dizem”.

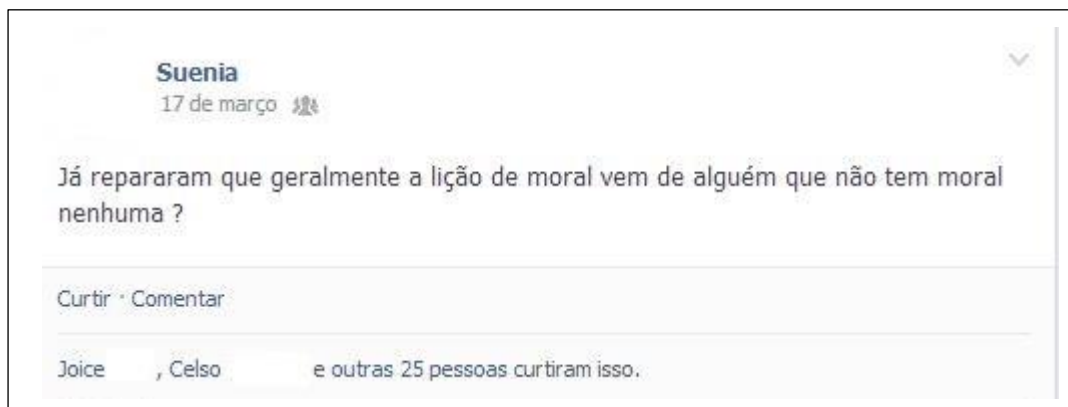
1. L1 – O **amor** é uma coisa tão engraçada, você cresce idealizando ele,
4. vê que **é** uma coisa tão simples e que tudo não passa de convivência, ter tudo a ver e
6. Percebe que o **amor não é** como nos contos de fada e por espanto,
7. percebe que na vida real **é** mais interessante e bonito de viver, apesar dos altos e
8. baixos... Enfim, te amo e **é** isso aí ...
8. Obrigada por me mostrar que **amor é** mais do que dizem...
9. **amor é** andar de mãos dadas

Há também uma auto-repetição de construção suboracional em “percebe que...” com a função de facilitar a compreensão por meio de esclarecimentos, explicitando as informações com “expansões sucessivas”, como nos lembra Marcuschi (2006, p. 240). ND4, na linha 6, utiliza a construção já mencionada e acrescenta informações que procuram validar sua argumentação. Em seguida, na linha 7 repete a expressão acrescentando informações que, apesar de diferentes, visam conduzir os amigos da rede à conclusão pretendida: “o amor é mais do que dizem”.

6. **Percebe que** o amor não é como nos contos de fada e por espanto,

7. **percebe que** na vida real é mais interessante e bonito de viver, apesar dos altos e

ND5 – Texto 9



No texto 9, ND5 faz uma espécie de queixa sobre pessoas que em determinado momento procuram dar o que ela denominou como “lição de moral” (linhas 1 e 2).

Ao publicar esse texto, ND5 procura deixar claro aos seus amigos sua posição perante algum tipo de acontecimento em que foi interpelado por alguém. Ao ler esse texto, os interlocutores que fazem parte de sua rede levam em conta o que sabem sobre ND5, principalmente a informação que está atrelada a sua religiosidade, que serve de conhecimento compartilhado para a compreensão do que foi publicado. ND5, nesse *post*, busca adesão à sua posição e obtém sucesso, haja vista a quantidade de “curtidas” que a mensagem recebeu (27).

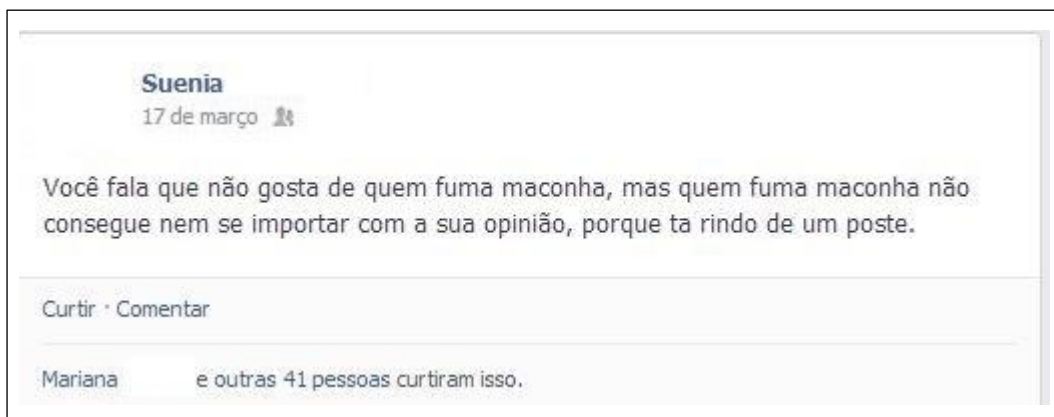
Temos um caso específico de auto-repetição lexical do termo “moral”. É importante observar que, nessa publicação, é colocada antes do segmento repetido “moral” uma negativa, que nos revela que o texto possui a função de contestar a posição de quem dá “lição de moral...” e não possui “moral nenhuma”. Nessa ocorrência, esse tipo de função, segundo Marcuschi (2006), evidencia uma oposição de princípios.

1. L1 – Já repararam que geralmente a lição de **moral** vem de alguém que não tem

2.

moral nenhuma ?

ND5 – Texto 10

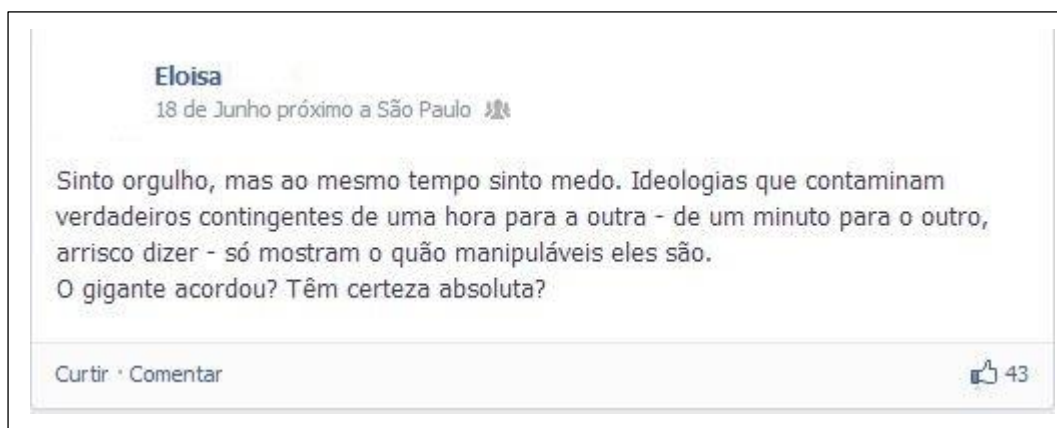


No texto 10, ND5 faz um comentário sobre pessoas que dizem não gostar de usuários de maconha. Ao produzir esse *post*, ND5 comenta um fato do cotidiano por, em determinadas situações, ter conhecido pessoas que fazem uso do entorpecente.

Temos uma auto-repetição de construção oracional de “quem fuma maconha”, nas linhas 1 e 2. Essa repetição possui função argumentativa, pois ND5 promove o contraste de ideias para expressar uma opinião pessoal e para conseguir a adesão dos outros usuários da rede para aquilo que está comentando. ND5 espera que seu *post* seja aceito por sua rede de contatos e encontra aprovação, conforme indicam 42 “curtidas” que recebeu. Como afirma Marcuschi (2006), as repetições com função de contrastar argumentos são construídas, em alguns casos, com a colocação de negativas antes das repetições, como é possível verificar no exemplo com a colocação da conjunção com valor adversativo “mas” antes e com o advérbio de valor negativo depois da repetição.

1. L1 – Você fala que não gosta de **quem fuma maconha**,
2. **mas quem fuma maconha** não consegue nem se importar

ND6 – Texto 11



O texto 11, publicado por ND6, tem como pano de fundo as manifestações populares que ocorreram em junho de 2013. Nessa mensagem, ND6 revela-se confusa sobre as ocorrências, principalmente por estas parecerem, a seus olhos, uma forma de manipular grandes “contingentes”. Em seu projeto de dizer, ND6 faz um comentário crítico de um fato noticiado pelas mídias. Esse fato gera uma adesão muito grande a esse texto que, até o memento da coleta da mensagem, contava com 45 “curtidas”.

No texto temos um caso típico de auto-repetição de itens lexicais, por meio do verbo “sinto” em “sinto orgulho” e em “sinto medo” presentes nas linhas 1 e 2.

1. L1 – **Sinto** orgulho, mas ao mesmo tempo
2. **sinto** medo.

ND6 utiliza a repetição com a função de indicar um contraste argumentativo, evidenciado por seus “sentimentos” com relação aos acontecimentos. ND6, no momento em que produziu o *post*, estava com um misto de orgulho em relação aos manifestantes e preocupação por causa das “Ideologias que contaminam verdadeiros contingentes”, evidenciando sua posição de que a população foi ao tomar as atitudes que tomou.

ND6 – Texto 12



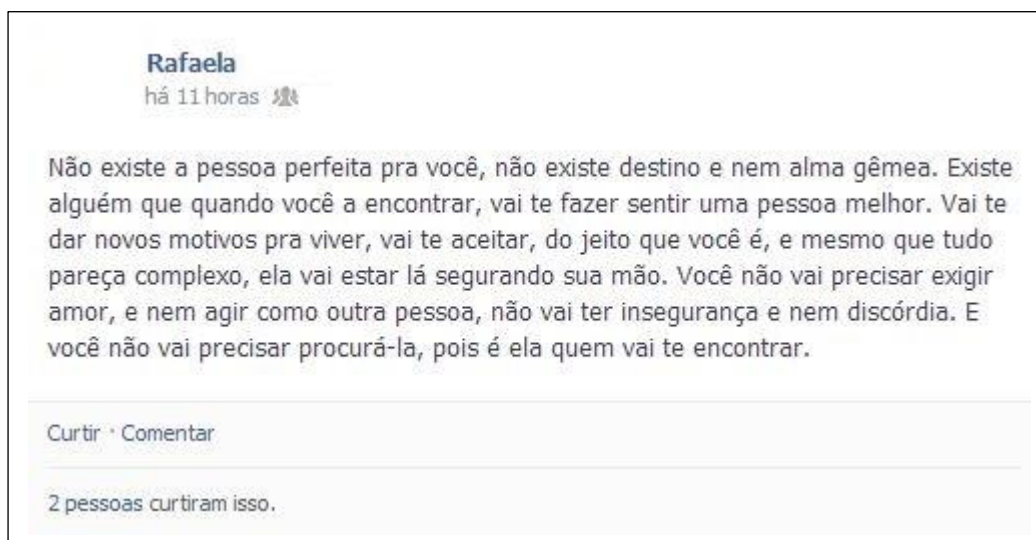
O texto 12, de ND6, não está atrelada a uma situação histórica, ou a algum acontecimento social noticiado pela mídia, mas sim a uma canção composta e interpretada por Chico Buarque: “Tatuagem”. Como mencionado anteriormente, o cotidiano é tudo aquilo que está atrelado às atividades desenvolvidas pelo indivíduo em seu dia (Heller, 2008). Ao postar esse texto com a indicação da música, ND6 manifesta sua apreciação pela canção e pelo intérprete.

Esse exemplo apresenta um caso típico de auto-repetição morfológica por meio da vogal temática dos verbos “pega, esfrega, nega” e “lava” (esta última com uma negativa anteposta) nas linhas 1, 2, 3 e 4, flexionados no presente do indicativo. Apesar de a forma estar na terceira pessoa do singular, trata-se da segunda pessoa, por causa do pronome de tratamento “você”.

1. L1 – Que você **pega**
2. **esfrega**
3. **nega**
4. mas não **lava**

Temos nesse caso, além da repetição morfológica, uma intertextualidade, pois o *post* escrito pelo sujeito faz parte de um trecho na canção composta pelo ilustre cantor.

ND7 – Texto 13



O texto 13 de ND7 traz uma divagação sobre o tipo de pessoa que pode ser considerada ideal. Ao escrever seu texto, ND7 procura compartilhar com seus amigos da rede de contatos suas impressões sobre o tema, pois é isso que faz cotidianamente por meio de outros textos publicados.

Nesse exemplo, há casos de auto-repetição, como:

1) A repetição morfológica indicada na forma do verbo no infinitivo como “sentir, dar, aceitar, estar, precisar, exigir, agir, ter e encontrar” em:

- | | |
|----|--|
| 2. | Existe alguém que quando você encontrar, vai te fazer sentir uma pessoa |
| 3. | melhor. |
| 3. | Vai te dar novos motivos pra viver, |
| 3. | vai te aceitar , do jeito que você é, |
| 4. | ela |
| 4. | vai estar lá segurando sua mão. |
| 4. | Você |
| 5. | não vai precisar exigir amor, e |
| 5. | nem agir como outra pessoa |

5. não vai **ter** insegurança e nem discórdia.
6. E você não vai **precisar** procura-la, pois é ela quem vai de **encontrar**

2) A repetição do pronome de tratamento “você” em:

1. L1 – Não existe a pessoa perfeita para **você**,
1. Existe alguém que ando **você** encontrar
3. vai te aceitar, do jeito que **você** é,
4. **Você** não vai precisar exigir amor, e
6. E **você** não vai precisar procura-la, pois é ela

3) A repetição do substantivo “pessoa” em:

1. L1 – Não existe a **pessoa** perfeita para você,
3. Existe alguém que quando você encontrar, vai te fazer sentir uma **pessoa** melhor.

Essa repetição assume a função de auxiliar os amigos de ND7 na compreensão do enunciado por meio da intensificação, pois repete o item lexical “pessoa” na mesma posição sintática, objeto direto, que corresponde a um maior volume de informação.

4) A repetição de construção suboracional como “Não existe” e “não vai” em:

1. L1 – **Não existe** a pessoa perfeita para você,
2. **não existe** destino e nem alma gêmea.
4. Você **não vai** precisar exigir amor, e
5. **não vai** ter insegurança e nem discórdia.

6. E você **não vai** precisar procura-la, pois é ela

Essas construções vão desenvolvendo duas linhas de pensamento: a de que não há perfeição nas pessoas e de que a pessoa ideal é a que vai trazer uma série de situações benéficas aos indivíduos, desencadeando a função coesiva que Marcuschi (2006) denominou como listagem. Essa função procura estabelecer maior envolvimento entre os participantes da interação.

ND7 – Texto 14

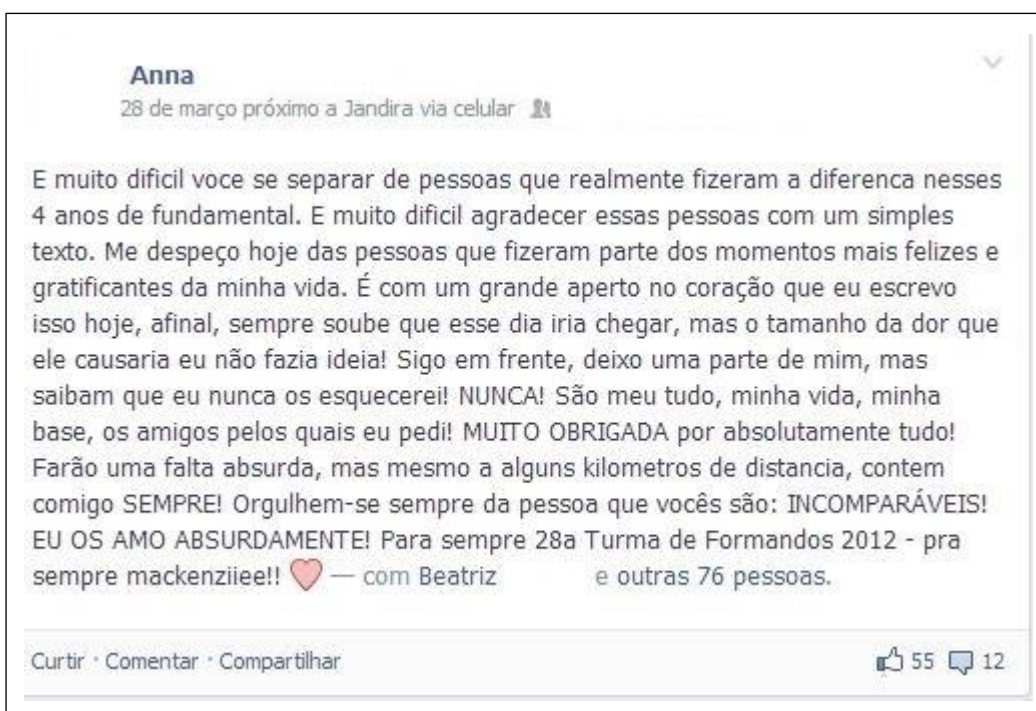


O texto 14 de ND7 está relacionado, muito possivelmente, ao dia dos namorados, uma vez que a data da publicação é 11 de junho. Essa informação serve como pista contextual, pois pode favorecer à interpretação por parte dos amigos da rede de contatos sobre o que o sujeito está sugerindo. Ao afirmar que “uma amizade COLORIDA” é melhor “do que um namoro PRETO E BRANCO”, ND7 deixa pistas sobre seus compromissos afetivos.

1. L1 – Antes uma amizade COLORIDA, do que um namoro **PRETO E BRANCO!**
2. L2 – Pq não colorir um amor **preto e branco?**

Temos uma heterorrepetição de construção suboracional com a função de contrastar a argumentação em curso. O interlocutor transforma a assertiva de ND7 (linha 1) em um questionamento (linha 2). Esse processo, como afirma Marcuschi (2006), introduz um desacordo entre o sujeito e o interlocutor que propôs o questionamento, que produz contraste com base na repetição.

ND8 – Texto 15



O texto 15 de ND8 se desenvolve a partir de um acontecimento comum aos adolescentes: a separação em determinados ciclos escolares. Esse *post* retrata os sentimentos que ND8 possui para com os amigos usuários e não usuários da rede com quem conviveu ao longo do que ela chamou “4 anos de fundamental”.

No exemplo em questão há auto-repetição de:

1. Construções oracionais, “É muito difícil” em “É muito difícil você se separar...” (linha 1) com repetição da mesma oração em “É muito difícil agradecer...” (linha 2).

1. L1 – **E muito difícil** voce se separar de pessoas que realmente fizeram a diferenca

2. ***E muito difícil*** agradecer essas pessoas com um simples texto.

Esse tipo de repetição, como bem nos lembra Marcuschi (2006), resulta em uma listagem, promovendo o envolvimento dos interlocutores no que está sendo expresso pelo sujeito. Isso fica evidente pela quantidade de “curtidas” e de comentários que foram feitos e que aparecem enumerados no canto inferior direito do exemplo citado. ND8 repete orações inteiras para reforçar sua argumentação, evidenciando que o convívio com os amigos fará muita falta.

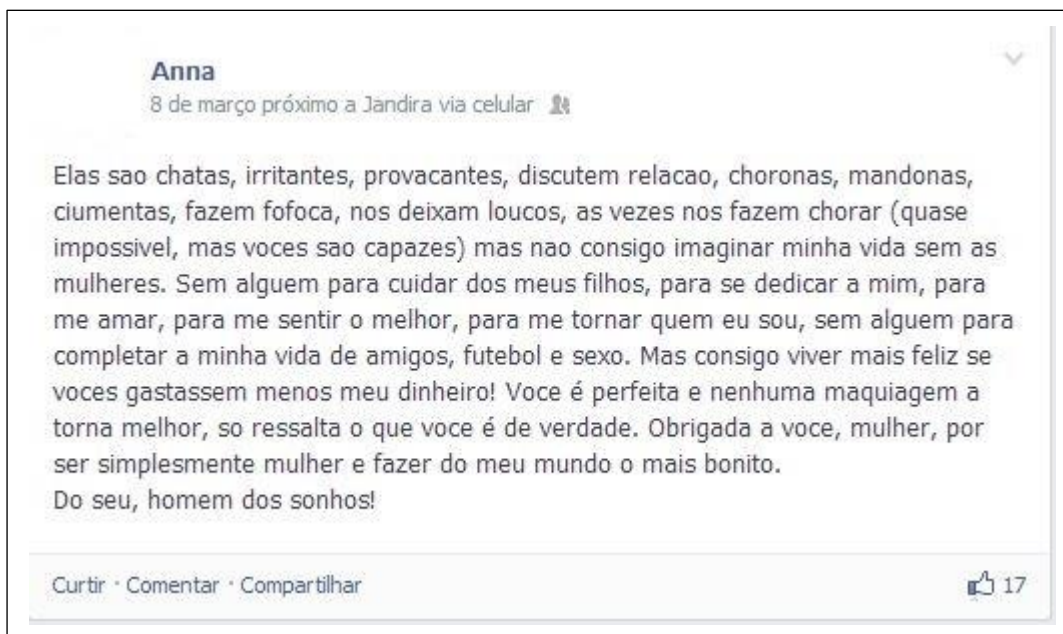
2. Item lexical por meio da expressão “nunca” em “nunca os esquecerei” e “NUNCA” (linha 7).

7. frente, deixo uma parte de mim, mas saibam que eu ***nunca*** os esquecerei!

7. ***NUNCA!***

Com a repetição, ND8 procura auxiliar seus amigos da rede a compreender sobre o que publicou. Para isso, ND8 procura intensificar parte do texto por meio do princípio da iconicidade, ou seja, pelo volume de palavras repetidas em posição idêntica, como é possível observar em “NUNCA”. Esse tipo de grafia é muito comum no internetês, pois, é uma linguagem que se aproxima da fala, como sugere Crystal (2006, p. 93): “palavras em maiúsculas acrescentam ênfase”.

ND8 – Texto 16



No texto 16, ND8 produz um *post* que pode ser relacionado ao dia internacional das mulheres. Tal fato fica evidenciado pela data em que ocorreu a postagem, 8 de março. A data serve como pista contextual para auxiliar a compreensão, por parte dos amigos da rede, sobre o que foi publicado nesse *post*.

Nessa mensagem ocorrem alguns casos de auto-repetição como:

1) a repetição do pronome de tratamento “você” nas linhas 7 e 8.

- 7. mais feliz se voces gastassem menos meu dinheiro! **Voce** é perfeita e nenhuma
- 8. maquiagem a torna melhor, so ressalta o que **voce** é de verdade.
- 8. Obrigada a **voce,**

2) a repetição lexical do substantivo “mulher” nas linhas 8 e 9 e uma variação por conta do plural “mulheres” na linha 4.

8. obrigado a você **mulher**,
9. por ser simplesmente **mulher** e fazer do meu mundo o mais bonito.
4. **mulheres**. Sem alguém para cuidar dos meus filhos, para se dedicar a mim,

3) a repetição de construção subordinada, como em “para me...” nas linhas 4, 5 e 6, acrescida de alguns fatores que beneficiam o homem em questão, como “amar, sentir o melhor e tornar quem sou”.

4. **para me** amar,
5. **para me** sentir o melhor,
6. **para me** tornar quem eu sou,

Todos esses casos de repetições trabalham coesivamente no estabelecimento de uma listagem, assim como também ocorreu em exemplos anteriores, construindo um ritmo na interação, gerando maior envolvimento por parte dos participantes, como sugeriu Marcuschi (2006).

De acordo com o verificado nos exemplos, é possível afirmar que os sujeitos nativos digitais recorrem à repetição em suas mais variadas formas e funções na produção de mensagens no Facebook. Foi possível observar durante a análise a ocorrência de repetição morfológica, de item lexical, de construções subordinadas e de construções oracionais. Foi possível verificar também que há casos de auto-repetição e de hetero-repetição. Outro ponto importante a ressaltar tem a ver com a função que a repetição assume nos *posts* dos nativos digitais, como, por exemplo, a construção de listas, o estabelecimento da coesão entre as partes e o todo do texto, a manutenção do tópico discursivo, a argumentatividade, esclarecer informações e expressar uma opinião pessoal.

4.1.2 Repetição em textos de sujeitos não nativos digitais (NND)

NND1 – Texto 17

Silvana
HOJE: O SEU DIA MAIS IMPORTANTE
Hoje é o dia mais importante da sua vida. Por que? Porque hoje é o dia que você está vivendo. Se a sua vida está indo em direção de uma situação indesejada, este é o dia para mudar essa direção. Se existem sonhos que você está ansioso por alcançar, este é o dia em que você pode revitalizar a sua busca por esse acalentado sonho. Esse dia, hoje, agora, é o dia em que você pode usar todo o seu conhecimento, experiência e sabedoria que você acumulou. No dia de hoje, você pode fazer as coisas que você sempre desejou fazer e ainda hoje você pode se conectar com as pessoas com as quais você tem tentado se conectar. No dia de hoje, você tem um mundo de escolhas e decisões para fazer. No dia de hoje, há mais possibilidades do que nunca.
Aquieta-se, use este precioso momento dado a você por esse Deus maravilhoso e Autor único da vida. Cabe a você, agora, responder da melhor maneira possível ao seu HOJE, porque ele é o seu dia mais importante.
Curtir · Comentar · há ± 1 hora ·

Curtir (desfazer) · Comentar · Compartilhar

30 5

No texto 17, NND1 procura, em seu *post*, trazer uma mensagem de incentivo à sua rede contatos. Primeiro, NND1 procura justificar por que “HOJE É O DIA MAIS IMPORTANTE DE SUA VIDA”. Em seguida, procura enumerar uma série de fatores para que os interlocutores reflitam sobre a situação em que estão inseridos.

NND1, cotidianamente, publica em seu perfil mensagens semelhantes, procurando ressaltar o lado positivo das situações. Esse fato faz com que seus amigos da rede recebam suas mensagens e as interprete sempre como algo positivo e concorde com ele. Esse fato é confirmado pela quantidade de “curtidas” que a mensagem recebeu em menos de uma hora: 30.

Nesse exemplo há alguns casos de auto-repetições como:

- 1) a repetição do item lexical “direção” em:

3. Porque hoje é o *dia* que você está vivendo. Se a sua vida está indo em ***direção*** de
 4. uma situação indesejada, este é o dia para mudar essa ***direção***.

2) a repetição do item lexical “sonhos” e a variação “sonho” em:

5. Se existem ***sonhos*** que você está ansioso por alcançar,
 7. revitalizar a sua busca por esse acalentado ***sonho***.

A repetição lexical em 2 funciona como um elemento que busca reafirmar a argumentação em curso, gerando uma redundância. Como afirma Marcuschi (2006), os indivíduos preferem repetir o material linguístico já existente do que apresentar argumentos novos.

3) a repetição do pronome de tratamento “você” nas linhas 3, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 18.

- | | |
|--|---|
| 3. Porque hoje é o dia que | <i>você</i> está vivendo. |
| 8. Esse dia, hoje, agora, é o dia em que | <i>você</i> pode usar todo o seu conhecimento, |
| 9. experiência e sabedora que | <i>você</i> acumulou. |
| 10. No dia de hoje, | <i>você</i> pode fazer as coisas que |
| 11. | <i>você</i> sempre desejou fazer e ainda hoje |
| 12. | <i>você</i> pode se conectar com as pessoas com |
| 13. as quais | <i>você</i> tem tentado se conectar. |
| 14. No dia de hoje, | <i>você</i> tem um mundo de escolhas e decisões |
| 18. único da vida. Cabe a | <i>você</i> , agora, responder da melhor maneira |

As repetições trabalham coesivamente no estabelecimento de uma listagem, construindo um ritmo na interação, gerando maior envolvimento por parte dos participantes, como sugeriu Marcuschi (2006).

Há também repetições de construções suboracionais como “o seu dia mais importante” nas linhas 1 e 20, “no dia de hoje” nas linhas 10, 14 e 16.

1. HOJE: **O SEU DIA MAIS IMPOPRTANTE**

20. porque ele é **o seu dia mais importante**.

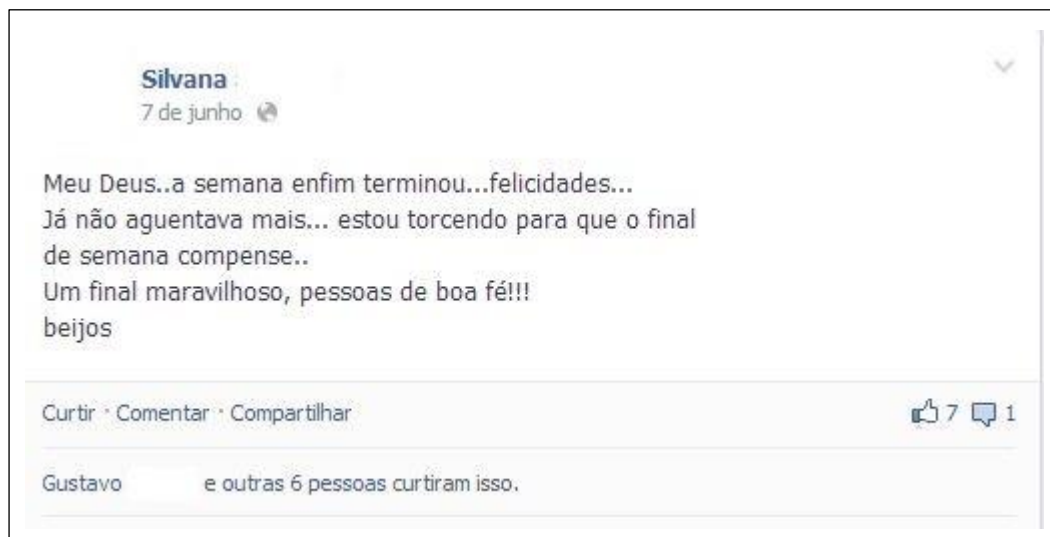
10. **No dia de hoje**, você pode fazer as coisas que

14. **No dia de hoje**, você tem um mundo de escolhas e decisões

16. **No dia de hoje**, há mais possibilidades do que nunca.

Essas repetições procuram reafirmar os argumentos. Nessa função, segundo Marcuschi (2006), os indivíduos preferem repetir as expressões a inserir um material linguístico novo.

NND1 – Texto 18



O texto 18 apresenta um otimismo por parte NND1 com a chegada do fim de semana. O sujeito em questão, ao publicar essa mensagem aos seus amigos de sua rede de contatos, comenta impressões sobre as dificuldades que a semana lhe proporcionou.

Há casos de auto-repetição lexical das palavras “semana” nas linhas 1 e 2, e “final” nas linhas 2 e 3, sendo que na segunda ocorrência foi suprimida a expressão “semana”.

1. L1 – Meu Deus.. a **semana** enfim terminou...felicidades...
2. Já não aguentava mais... estou torcendo para que o **final** de **semana** compense,,
3. Um **final** maravilhoso, pessoas de
4. boa fé!!!
5. beijos

Nesse exemplo, as repetições assumem a função interativa de incorporar sugestões, por meio da conclusão da unidade. Esse tipo de repetição, de acordo com Marcuschi (2006), estabelece um envolvimento maior por parte dos usuários da rede no processamento textual.

NND2 – Texto 19



No texto 19, NND2, ao observar as condições relativas ao clima em Boa Vista, capital do Estado de Roraima, comenta: “fazia tempo que vi uma chuva assim.”. Esse *post* é de fácil compreensão por parte dos amigos da rede de contato de NND2, pois a maior parte deles, como verificamos durante a coleta do *corpus*,

assim como o próprio sujeito, reside no local mencionado. Por conta disso, o texto publicado encontra muitas aprovações e concordâncias, haja vista a quantidade de “curtidas” (33) que a mensagem recebeu.

O texto é comentado por outro indivíduo que possivelmente compreende o enunciado como algo positivo, pois deseja que o mesmo ocorra no lugar quando estiver presente.

Temos primeiramente um caso de auto-repetição de item lexical na primeira linha por meio da palavra “chuva” em “muita chuva” (linha 1) e em “uma chuva assim” (linha 2).

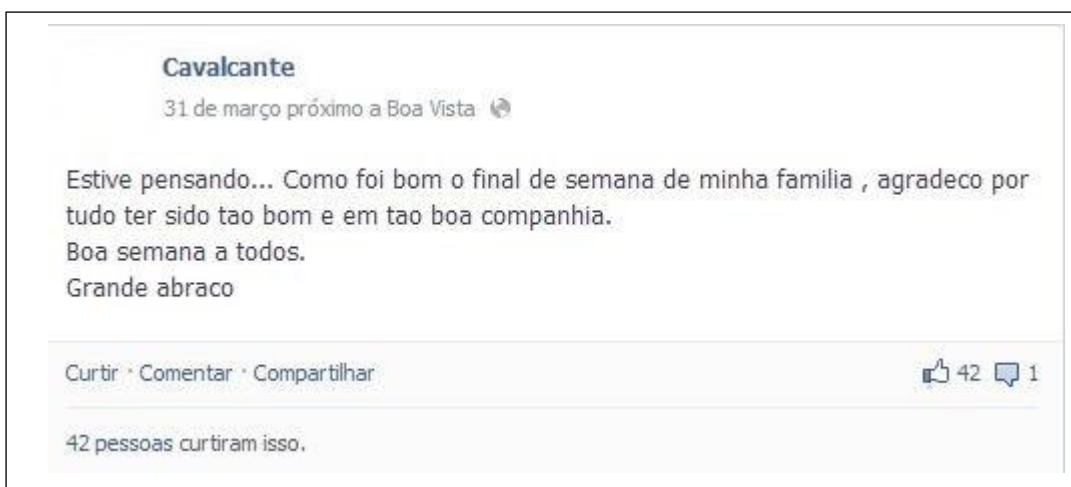
1. L1 – Trovoadas, relâmpagos e muita **chuva**,
2. fazia tempo que vi uma **chuva** assim

Em seguida, temos um caso de heterorrepetição do mesmo item lexical “chuva” em um comentário feito por um sujeito não nativo digital.

3. L2 – Tomara que eu pegue uma **chuva** dessas aí quando eu for.

Tanto a auto-repetição quanto a heterorrepetição têm a função de organizar o tópico discursivo por meio da condução e manutenção do tópico. Essa função, como afirma Marcuschi (2006), é desencadeada por repetições constantes de itens lexicais em posição de tópico sentencial, além de ser acompanhada de outros itens correlacionados ao fenômeno como “Trovoadas” e “relâmpagos”.

NND2 – Texto 20



No texto 20, NND2, após uma reflexão declarada em “Estive pensando...”, procura externar seu contentamento por causa do “bom final de semana de minha família” e faz um agradecimento. Nesse *post*, NND2 compartilha com os amigos da rede comentários sobre questões familiares. Em seguida, ele deseja uma “Boa semana a todos” os que fazem parte de sua rede de contatos e recebe uma boa a quantidade de “curtidas” (42).

Temos dois casos de auto-repetição de item lexical “bom” nas linhas 1 e 2 e “boa” nas linhas 2 e 3. Em ambos os casos, na segunda ocorrência, há o acréscimo do advérbio “tão”, intensificando os adjetivos já citados.

1. L1 – Estive pensando... Como foi **bom** o final de semana de minha família, agradeço
2. por tudo ter sido **tao bom** e em **tão boa** companhia.
3. **Boa** semana a todos.

O sujeito se vale da repetição para reafirmar sua posição diante dos interlocutores que, de fato, teve alguns dias realmente positivos.

Nesse exemplo, as repetições assumem a função interativa de expressar uma opinião pessoal e incorporar sugestões, por meio da conclusão da unidade. Esse

tipo de repetição, de acordo com Marcuschi (2006), estabelece um envolvimento maior por parte dos usuários da rede no processamento textual.

NND3 – Texto 21



No texto 21, NND3 publica um texto em que procura aconselhar seus amigos da rede de contato sobre a transitoriedade das coisas e a necessidade em se aprender com quem aparentemente não tem nada a ensinar: “as crianças”. O sujeito, no meio do texto, faz uso de um recurso que é típico do *internetês*: a abreviação. O uso desse recurso se deve à dinamicidade das interações pela rede e também para economizar toques no teclado.

Na mensagem 1, NND3 faz uma auto-repetição de construção suboracional, com a expressão “te ensinar”. A repetição exerce a função de reafirmar a argumentação em curso. NND3 prefere repetir material linguístico existente “te ensinar” do que apresentar material linguístico novo.

1. L1 – Tenhas dúvidas, nda e certo e pra sempre... Aprenda com quem não quer
te ensinar ou
2. com quem nda tem para **te ensinar**.

NND3 – Texto 22



No texto 22, NND3 procura externar seu contentamento em sua atividade profissional que, no caso, é produzir livros. Nesse *post*, NDD3 faz o que se espera dele por conta das atividades de seu cotidiano profissional como gestor: produzir material escrito para as futuras gerações.

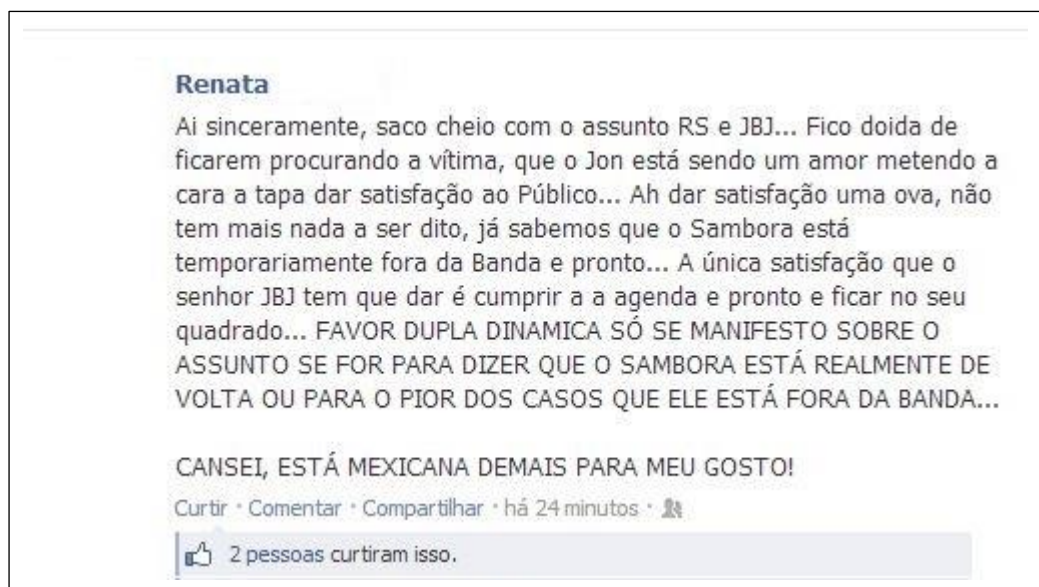
Temos casos de auto-repetição de item lexical (*tanta*” nas linhas 1, 2, 3 e 4, que cumpre a função de intensificar o segmento por meio do que Marcuschi (2006, p. 239) denominou como “iconicidade”, ou seja, facilitar a compreensão por meio da repetição de “maior número de linguagem idêntica em posição idêntica”.

1. L1 – “De repente, não mais que de repente”, vem **tanta** felicidade do trabalho,
2. **tanta**,
3. **tanta**,
4. **tanta!**,

Há também um caso de auto-repetição de construção suboracional “Que vontade de...” (linhas 5 e 6) que cumpre a função coesiva denominada por Marcuschi (2006) como listagem, gerando maior envolvimento na interação por parte das pessoas presentes na rede.

5. que fico sem fôlego. **Que vontade de** trabalhar mais e melhor, sempre!
6. **Que vontade de** fazer livros que as pessoas leiam e engulam,

NND4 – Texto 23



O sujeito NND4, no texto 23, procura mostrar sua insatisfação em relação a algumas atitudes dos integrantes de um conjunto musical que demonstra gostar, levando em conta que trabalha como assessor de imprensa de um fã clube da banda “Bon Jovi”. A informação citada foi mencionada no perfil de NND4, o que auxilia na construção de uma imagem sobre quem é o sujeito em questão. Sendo assim, é esperado de NND4 que publique textos relacionados ao trabalho. Nesse texto, há uma quebra de expectativa, pois NND4 se manifesta sobre o tema de forma crítica, diferentemente do que costumam fazer outros assessores de imprensa que buscam preservar a face dos contratantes.

Temos um caso de auto-repetição de item lexical da palavra “Sambora”.

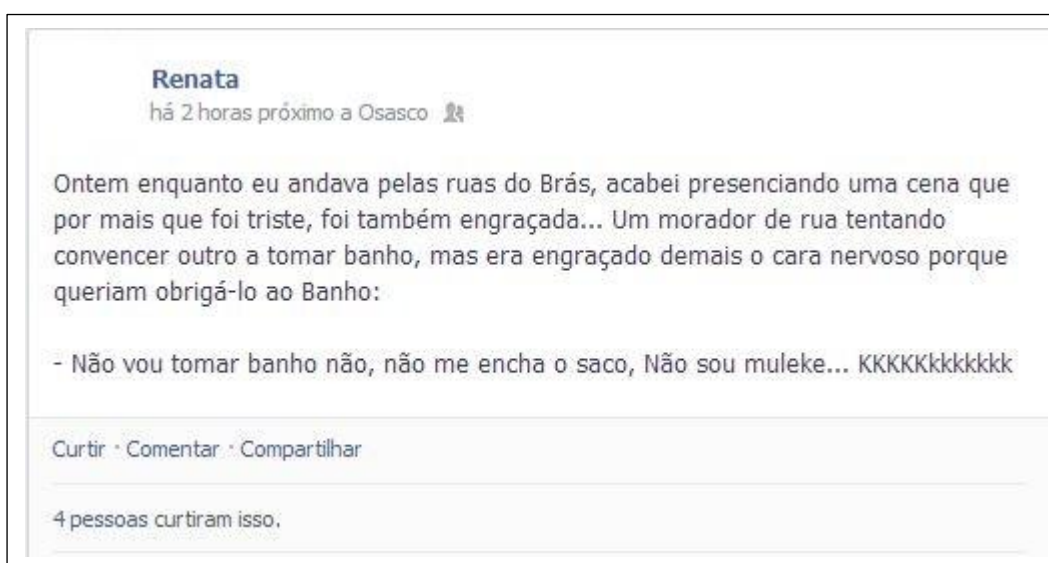
4. dar satisfação uma ova, não tem mais nada a ser dito, já sabemos que o **Sambora** está
8. **SAMBORA** ESTÁ REALMENTE DE VOLTA OU PARA PIOR DOS CASOS QUE ELE

Há também casos de auto-repetição de construção suboracional em “dar satisfação” (linhas 3 e 4) e “fora da banda” (linhas 5 e 9).

3. **dar satisfação** ao Público... Ah
4. **dar satisfação** uma ova, não tem mais nada a ser dito, já sabemos que o Sambora está
5. temporariamente **fora da Banda** e pronto... A única satisfação que o senhor JBJ tem
9. **ESTÁ FORA DA BANDA...**

As repetições foram utilizadas com a função de contestar a argumentação. NND4 comenta uma suposta afirmação dada por algum veículo de comunicação de que “Jon (Bom Jovi) está sendo um amor dando a cara a tapa para dar satisfação...” e, em seguida, contesta essa afirmação repetindo a palavra “satisfação”, acrescentando a expressão típica da oralidade: “uma ova”. O sujeito finaliza o *post* dando seus motivos para não aceitar tais colocações. Trata-se, nesse caso, como pontuou Marcuschi (2006, p. 249), de contestar em situações de relações interativas simétricas, com menor grau de polidez.

NND4 – Texto 24



No texto 24, NND4 relata algo que observou durante uma caminhada por um bairro muito tradicional do Estado de São Paulo: o Brás. NND4 comenta que viu dois

moradores de rua discutindo, porque um deles não queria tomar banho e o outro queria que ele o fizesse.

Há uma ocorrência de auto-repetição da construção suboracional “tomar banho” nas linhas 3, 4 e 5, com a supressão do verbo “tomar” na linha 4.

3. convencer outro a **tomar banho**, mas era **engraçado** demais o cara nervoso
4. porque queria obriga-lo ao **banho**:
5. - Não vou **tomar banho** não, não me encha o saco, Não sou muleke...

Temos um caso curioso, pois o sujeito representa, por meio da escrita, a fala de um terceiro, gerando um caso de heterorrepetição da construção suboracional “tomar banho” dentro do *post*. Essas repetições possuem como função organizar o tópico discursivo por meio da condução e da manutenção do tópico em destaque.

NND5 – Texto 25



NND5, no texto 25, faz um comentário sobre o comportamento da “criança que faz birra” (linha 1). Em seguida, estabelece uma comparação entre os diferentes tempos e o comportamento que tinha na “época” em que era criança. Esse tipo de

mensagem é comumente publicada por NDD5 e cumpre as expectativas que os amigos da rede possuem sobre ele e seus *posts*.

Nesse exemplo, há uma auto-repetição morfológica da desinência verbal “va” em “bastava” e “passava”.

1. irritados com tamanha teimosia!!! Eu hein, na minha época ***bastava*** um olha e a birra
2. ***passava...***

Ao utilizar esse tipo de repetição, NND5 estrutura uma argumentação com base no tempo verbal, que, de acordo com Marcuschi (2006, p. 225), atua com a função de temporalização.

NND5 – Texto 26

Delter
16 de Junho

Eu estou cansado. Cansado de aumento de tarifa, cansado de gente folgada que não respeita fila. Cansado de político corrupto e cansado de gente que mata o tempo no emprego fazendo coisas nas quais não são pagos para fazer. Cansado de desculpa de governante que não faz as obras necessárias e cansado de gente que não cumpre os prazos dos trabalhos que foram confiados. Cansado de uma imprensa que só mostra o que quer e cansado de gente que fofoca e fala mal dos outros, por trás. Cansado de uma polícia que age com brutalidade sobre manifestações e cansado de gente que bate deliberadamente nos filhos, sem motivos. Cansado de propaganda política mentirosa e cansado de gente que não cumpre sua palavra. Esse desabafo não é por R\$ 0,20. É pra dizer que gostaria de ver TODOS envolvidos em melhorar nosso país, não jogando lixo no chão, não difamando pessoas (inclusive o chefe), não furando filas, não passando em farol vermelho, parando na faixa de pedestre, não dando o jeitinho na declaração do IRRF, entre outras várias coisas. Cidadania não é apenas criticar. É fazer nossa parte. Não é apenas falar mal do governo. É saber escolher nossos representantes. Mais uma vez, não é por R\$ 0,20...

Boa semana e que sejamos exemplos de cidadãos, honestos, dignos...

Curtir · Comentar · Compartilhar

 44  11

O texto 26 foi produzido na época das manifestações que ocorreram no Brasil em junho de 2013, haja vista a data em que foi publicada. Nela NND5 expressa um descontentamento por meio das expressões “Eu estou cansado...” (linha 1) e também por “Esse desabafo...” (linha 15). Em seguida, ele lista uma série de situações que revelam esse cansaço.

Ao publicar essa mensagem, NND5 comenta o comportamento das pessoas nas manifestações. As pessoas que fazem parte de sua rede no Facebook, em sua maioria, conhecem suas posições ideológicas que servem como pista para compreender o enunciado.

Para NND5, é relevante comentar que as pessoas procuram mudar o país por meio dos protestos, mas ele as considera, em certa medida, hipócritas, pois não realizam ações bem mais simples como não jogar lixo nas ruas ou atuar como cidadão honesto e digno.

Há casos de auto-repetição morfológica em verbos no gerúndio (linhas 17, 18, 19, 20 e 21), que acabam estabelecendo um movimento contínuo, revelando o que deveria ser praticado pelas pessoas segundo NND5.

- 17. **não difamando** pessoas (inclusive o chefe),
- 18. **não furando** filas,
- 19. **não passando** em farol vermelho,
- 20. **parando** na faixa de pedestre,
- 21. **não dando** o jeitinho na declaração do IRRF, entre outras várias coisas.

Temos nesse caso um exemplo claro de auto-repetição de item lexical por meio da palavra “cansado” que vai sendo repetida ao longo do texto, construindo uma cadeia coesiva por meio de uma listagem aberta. Essa função facilita o envolvimento dos participantes da interação e a adesão ao que está sendo proposto por NND5.

- 1. Eu estou **cansado**.

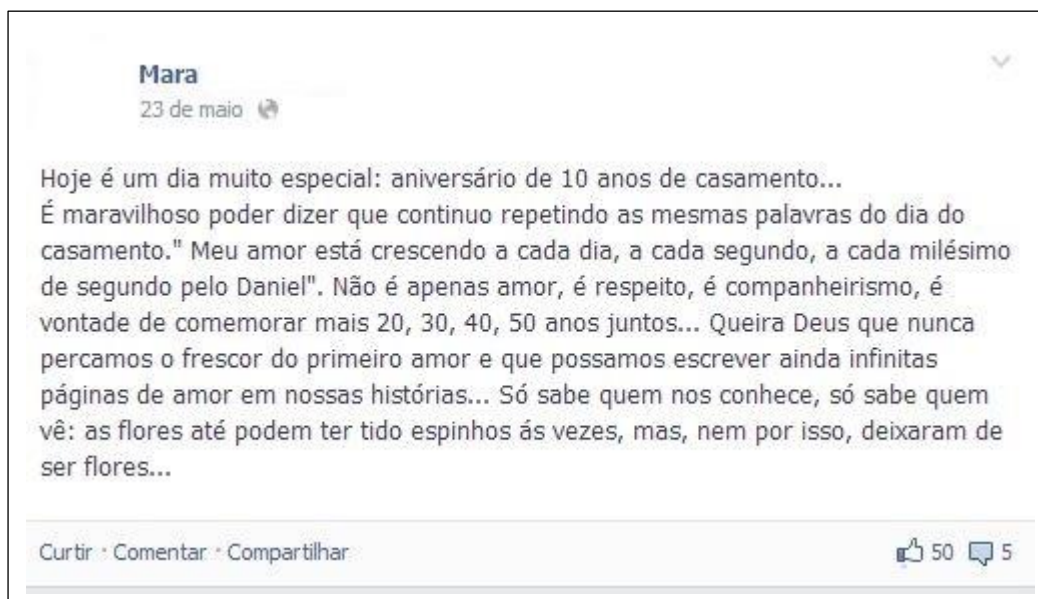
2. **Cansado** de aumento de tarifa,
3. **cansado** de gente folgada que não respeita fila.
4. **Cansado** de político corrupto e
5. **cansado** de gente que mata o tempo no emprego fazendo coisas nas quais
6. não são pagos para fazer.
7. **Cansado** de desculpa de governante que não faz as obras necessárias e
8. cansado de gente que não cumpre os prazos dos trabalhos que foram confiados.
9. **Cansado** de uma imprensa que só mostra o que quer e cansado de gente
10. que fofoca e fala mal dos outros, por trás.
11. **Cansado** de uma polícia que age com brutalidade sobre manifestações e
12. **cansado** de gente que bate deliberadamente nos filhos, sem motivos.
13. **Cansado** de propaganda política mentirosa e
14. **cansado** de gente que não cumpre sua palavra.

Esse recurso, segundo Marcuschi (2006), cria um ritmo na interação facilitando um envolvimento maior entre NND5 e os possíveis leitores (amigos da rede e outros, pois a mensagem pode ser compartilhada).

Além desses casos já citados, o exemplo também apresenta casos de auto-repetição da construção suboracional “não é”, criando juntamente com a repetição lexical “é” uma listagem aberta, que também trabalha a construção da argumentação por contrastes, além de facilitar o envolvimento das partes.

22. Cidadania **não é** apenas criticar.
23. **É** fazer nossa parte.
24. **Não é** apenas falar mal do governo.
25. **É** saber escolher nossos representantes. Mais uma vez,
26. **não é** por **R\$ 0,20...**

NND6 – Texto 27



NND6, no texto 27, procura compartilhar com seus amigos a felicidade que sente por conta do aniversário de casamento. NND6 informa que ainda se sente capaz de repetir “as mesmas palavras do dia do casamento”. O sujeito revela que deseja comemorar muitos anos ainda e que não quer perder no tempo o “frescor do primeiro amor...”.

Dentre seus múltiplos papéis sociais, NND6 é esposa e isso é conhecido por todos de sua rede de contatos, uma vez que a informação está presente em seu perfil. Essa informação funciona como pista para a compreensão do texto que foi publicado pelo sujeito.

Além dessa informação, os amigos da rede de contatos que acompanham as publicações de NND6 também sabem que este, costumeiramente, compõe *post* em que procura exaltar o convívio familiar. Sendo assim, por se tratar de uma data importante, é esperado por parte dos amigos da rede que NND6 publique algo relacionado ao evento: aniversário de casamento.

Nesse exemplo temos um caso de auto-repetição do item lexical “casamento” que possui como função fazer a condução e a manutenção do tópico posto em relevância por NND6.

1. Hoje é um dia muito especial: aniversário de 10 anos de **casamento**...
2. **casamento**. “Meu amor está crescendo a cada dia, a cada segundo, a cada
3. milésimo de

Há também a repetição do item lexical “é” que estabelece uma lista aberta, facilitando o envolvimento dos amigos da rede de contatos e a adesão a seu texto, haja vista a quantidade de “curtidas” que a mensagem recebeu até o momento da coleta do exemplo (50).

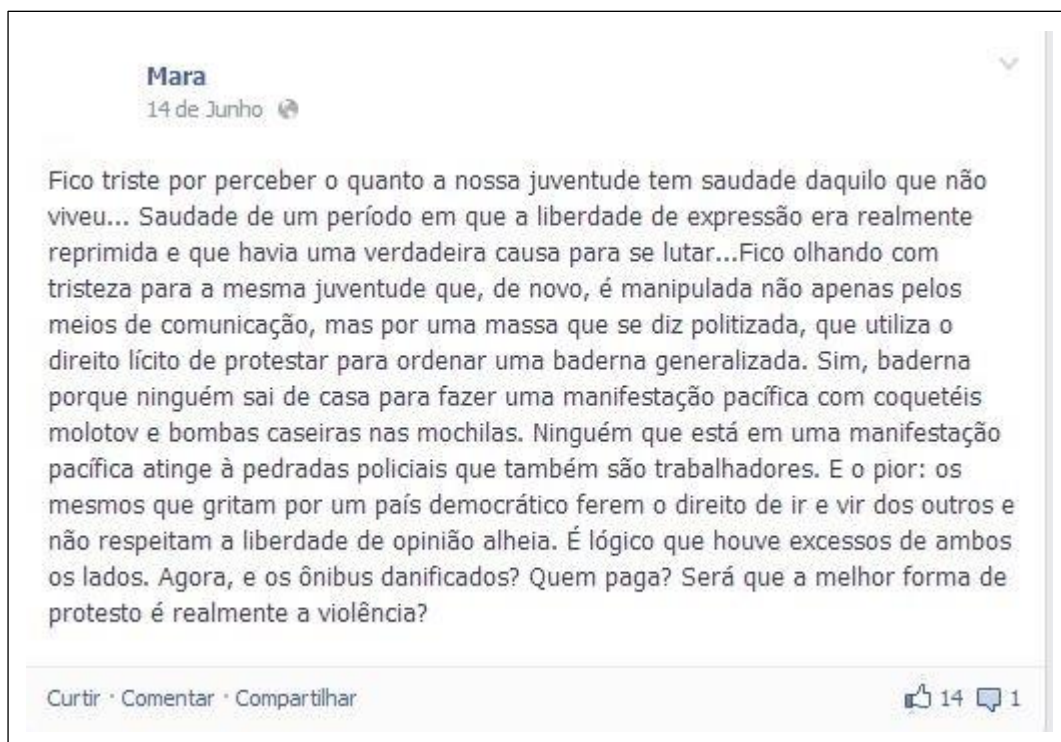
4. Não **é** apenas amor,
5. **é** respeito,
6. **é** companheirismo,
7. **é** vontade de comemorar mais 20, 30, 40, 50 anos juntos...

Também há auto-repetição de construção suboracional por meio das expressões “só sabe quem...”.

9. ainda infinitas páginas de amor em nossas histórias... **Só sabe quem** nos conhece,
10. **só sabe quem** vê:

As repetições de construções suboracionais funcionam para estabelecer a coesividade, criando uma pequena lista, que indica como sentido que somente pessoas que convivem com o casal podem compreender como eles estão felizes.

NND6 – Texto 28



O texto 28 de NND6 foi publicado na época das manifestações populares, ou seja, em junho de 2013. Esse tipo de publicação é esperado por parte dos amigos da rede de NND6, pois, em outras mensagens, ele sempre se posicionou criticamente diante de situações como as vividas à época. Esse posicionamento funciona como pista para a compreensão do que vai sendo desenvolvido no decorrer do texto.

O sujeito procura comentar que a juventude do Brasil “tem saudade” de um regime de repressão que não conheceu, pois, para ele, é nessa época que havia de fato “verdadeira causa para se lutar.”. Em seguida, o autor do *post* externa sua “tristeza” por causa dos manifestantes que, segundo ele, estão sendo manipulados pelos “meios de comunicação” e por uma “massa que se diz politizada”. O sujeito finaliza seu *post* questionando o valor que será gasto para reconstruir o que foi destruído pelos manifestantes como “ônibus danificados” e também questionando se “a violência” é de fato o melhor jeito de protestar.

O *post* possui alguns casos de auto-repetição de ordem lexical como:

- 1) “saudade...” em:

1. Fico triste por perceber o quanto a nossa juventude tem **saudade** daquilo que não
2. viveu... **Saudade** de um período

2) “juventude...” em:

1. Fico triste por perceber o quanto a nossa **juventude** tem saudade daquilo que não
4. causa para se lutar...Fico olhando com tristeza para a mesma **juventude** que, de novo, é

3) “baderna...” em:

6. politizada, que utiliza o direito lícito de protestar para ordenar uma **baderna**
8. **baderna** porque

4) “ninguém...” em:

9. **ninguém** sai de casa para fazer uma manifestação pacífica com
11. **Ninguém** que está em uma manifestação pacífica atinge à pedradas

A mensagem também apresenta um caso de repetição da construção suboracional “manifestação pacífica...” em:

9. ninguém sai de casa para fazer uma **manifestação pacífica** com
11. Ninguém que está em uma **manifestação pacífica** atinge à pedradas

O sujeito, ao utilizar as repetições mencionadas, trabalha para reforçar a argumentação que está em curso, com o fim de defender sua tese inicial de que as manifestações não pacíficas são desnecessárias.

NND7 – Texto 29



No texto 29, NND7 comenta sobre o que costuma assistir em seu televisor. NND7 se mostra apreensiva sobre a possibilidade de não conseguir acompanhar todos os seriados ao afirmar “Agora é hora de começar a sofrer: a partir de outubro voltam todas as novas temporadas e você terá de dar conta de todaaaaaas...”. Diante de uma provável impossibilidade, o sujeito comenta que precisa “ganhar na loteria...” para poder cumprir com seu desejo de “ficar vadiando”.

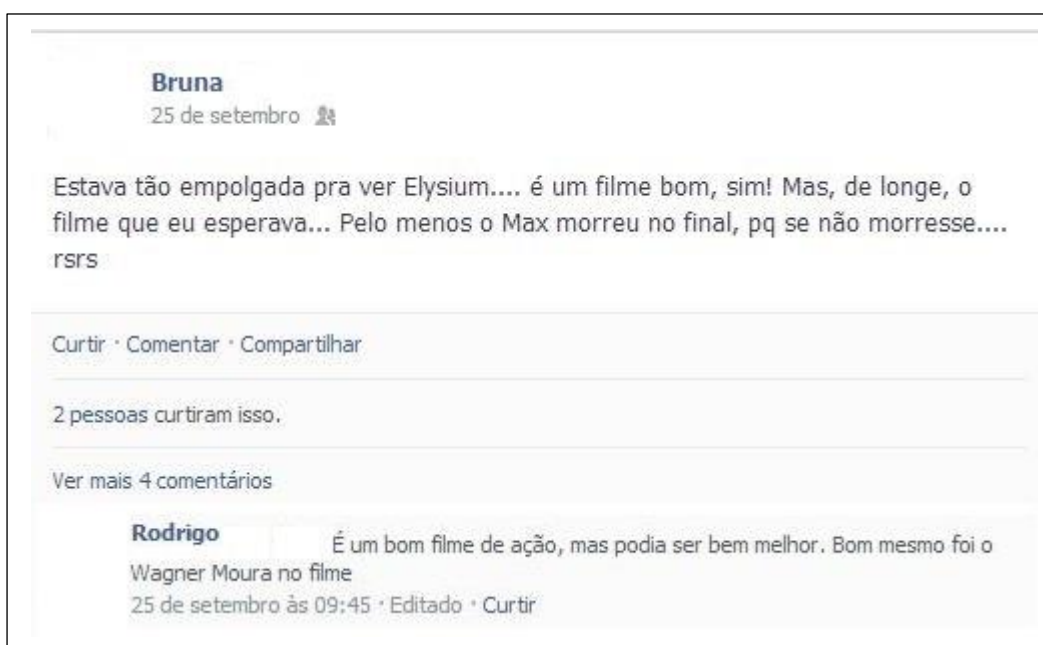
Quem conhece NND7 no ambiente da rede e costuma acompanhar suas publicações sabe que o sujeito é aficionado por seriados televisivos. Esse conhecimento, que é partilhado entre todos os participantes da rede de contatos de NND7, auxilia na compreensão do texto em análise e coloca em evidência o tema que é recorrente nos *posts* desse sujeito e faz parte de seu cotidiano.

Temos um caso de auto-repetição lexical da expressão “todas”, sofrendo um alongamento vocálico na segunda incidência da palavra.

1. Agora é a hora de começar a sofrer: a partir de outubro voltam **todas** as novas
3. **todaaaaaas**, inclusive daquelas que

Esse caso de repetição lexical com esse alongamento indica que a função exercida por essa expressão é a de intensificar o enunciado proferido anteriormente. Essa função, de acordo com Marcuschi (2006), tem como objetivo facilitar a compreensão do enunciado por meio do princípio da iconicidade que consiste na presença de um grande número de linguagem idêntica em posição semelhante, indicando mais informações.

NND7 – Texto 30



No texto 30, NND7 procura externar à sua rede de contatos um juízo de valor referente à obra de ficção que foi assistir em um cinema. Assim como o exemplo anterior, o tema tratado nesse *post* é esperado pela rede de contatos de NND7, uma vez que ele é recorrente em quase todas as publicações as quais tivemos acesso.

A rede de contatos de NND7 é formada por indivíduos que possuem interesses semelhantes e, por conta disso, a compreensão do texto é facilitada, pois quem não estiver familiarizado com o assunto terá problemas em compreender quem é “Max” e qual é a importância de ele ter morrido no final. A publicação apresentou duas “curtidas” e quatro comentários. Entretanto, somente um desses comentários ficou disponível para nós e é justamente o que apresenta uma

concordância com o que foi proposto por NND7 e que apresenta a repetição como recurso.

Temos um caso de auto-repetição do item lexical “filme” no *post* com a função de fazer a manutenção do foco discursivo. NND7 utiliza-se da repetição para manter o tópico discursivo, ou seja, é sobre “filme” que se comenta.

1. Estava tão empolgada pra ver Elysium.... é um **filme** bom, sim! Mas, de longe,
2. o **filme** que eu esperava... Pelo menos o

Em seguida, por meio de um comentário, há um caso de heterorrepetição de construção suboracional feita por um não nativo digital.

1. L1 – Estava tão empolgada pra ver Elysium.... é um **filme bom**, sim! Mas, de longe,
4. L2 – É um **bom filme** de ação, mas podia ser bem melhor.

O sujeito escreve em seu *post* a oração “Elysium... é um filme bom” que é repetida por uma pessoa da rede de contatos, porém com uma pequena inversão dos termos, ficando “É um bom filme”. Esse comentário mostra claramente que o indivíduo que comenta a primeira mensagem procura concordar com a opinião do outro, reforçando assim a argumentação de que o filme é bom, mas não atendeu a todas as expectativas nem de NND7 nem de quem comentou o texto que foi publicado. Essa repetição também apresenta uma função interativa, buscando expressar uma opinião pessoal sobre o tema em relevo: a qualidade do filme. Essa função, como bem nos lembra Marcuschi (2006), se manifesta na maioria das vezes por meio de heterorrepetição.

NND8 – Texto 31



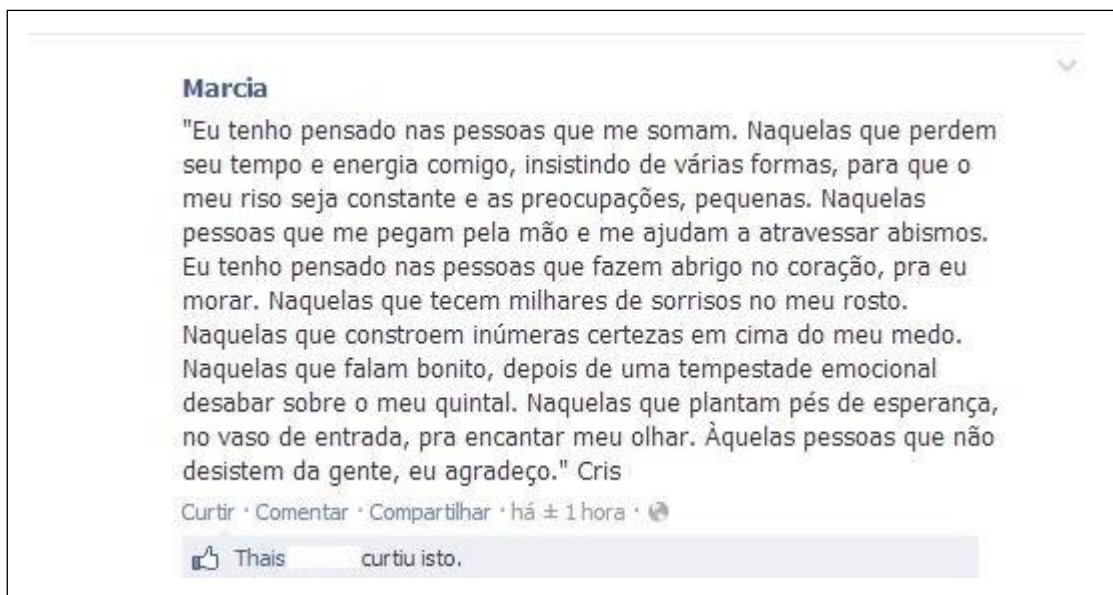
NND8, no texto 31, faz um elogio a si mesmo, pois durante muito tempo só olhou defeitos, sentindo-se culpado. Em seguida, passa a agradecer a si mesmo “pela força, paciência e coragem” para “mudar minhas escolhas.”.

No texto, temos alguns casos de auto-repetição lexical expressos por meio das palavras “Chega” (linhas 1 e 2), “só” (linhas 1 e 2) e “pela” (linhas 3, 4 e 5).

1. Bem, hoje quero elogiar e agradecer a mim. **Chega** de olhar só os defeitos,
2. **chega** de culpas, de só me detonar.
3. Agradeço a mim **pela** força de vontade que sempre consegui ter,
4. **pela** paciência para recomeçar tantas vezes,
5. **pela** coragem de mudar minhas escolhas.

Essas repetições têm como função estabelecer a coesividade, por meio da criação de uma lista aberta, gerando um paralelismo que facilita a interação entre NND8 e sua rede de contatos. Essa função, segundo Marcuschi (2006), cria um ritmo especial durante a interação entre dois ou mais sujeitos, possibilitando um maior envolvimento entre os interlocutores.

NND8 – Texto 32



No texto 32, NND8 faz um agradecimento às pessoas que “perdem o seu tempo e energia comigo”. NND8 enumera uma sequência de ações feitas por outra pessoa que considera importante para a manutenção do seu bem estar. O sujeito demonstra toda sua gratidão para com essa pessoa que NND8 denomina como “Cris”.

Temos um caso de auto-repetição de construção suboracional das expressões “Naquelas que” e das variações “Naquelas pessoas” e “àquelas”.

1. Eu tenho pensado nas pessoas que me somam. **Naquelas que** perdem seu
2. e as preocupações, pequenas. **Naquelas pessoas** que
3. Eu tenho pensado nas pessoas que fazem abrigo no coração, pra eu morar.
4. **Naquelas que** tecem milhares de sorrisos no meu rosto.
5. **Naquelas que** constroem inúmeras
6. certezas em cima do meu medo. **Naquelas que** falam bonito,
7. **Naquelas que** plantam pés de
8. **Àquelas pessoas** que não

Trata-se de um caso que procura estabelecer uma cadeia coesiva entre as partes do texto por meio de uma lista fechada, na qual se encerram diversos elementos sem permitir que se pressuponha o que vem a seguir. Além disso, com essa lista são estabelecidas situações e pessoas que fazem o bem para NND8.

Nesse exemplo há também a repetição de construção oracional com a função de fazer um enquadramento sintático discursivo. Essa função, de acordo com Marcuschi (2006, p. 238), sinaliza a “completude discursiva” e “a formulação discursiva”.

1. ***Eu tenho pensado nas pessoas*** que me somam.
5. ***Eu tenho pensado nas pessoas*** que fazem abrigo no coração, pra eu morar.

Os sujeitos não nativos digitais utilizam as repetições como estratégias de reformulação dos textos que são publicados no Facebook. No corpus analisado, encontramos mais casos de auto-repetição (13) do que de heterorrepetição (1) além de casos (2) em que encontramos as duas ocorrências. Encontramos repetições morfológicas, de itens lexicais, de construções suboracionais e de orações. Os sujeitos usam a repetição com as mais variadas funções como criar listas, reafirmar a argumentação, incorporar sugestões, conduzir e manter o foco discursivo, expressar opinião pessoal, contestar argumentos, intensificar a compreensão e fazer o enquadramento sintático-discursivo.

4.2 A correção

4.2.1 Correção em textos de sujeitos nativos digitais

ND1 – Texto 33



O texto 33 foi produzido tendo em vista que ND1 iria participar de um festival musical denominado “Rock in Rio 2013”. Nele, ND1 procura externar toda sua felicidade por participar de tal evento e compartilha essa alegria com pessoas que possivelmente vão com ele. Aproveita a ocasião para satirizar outras que não poderão comparecer ao evento.

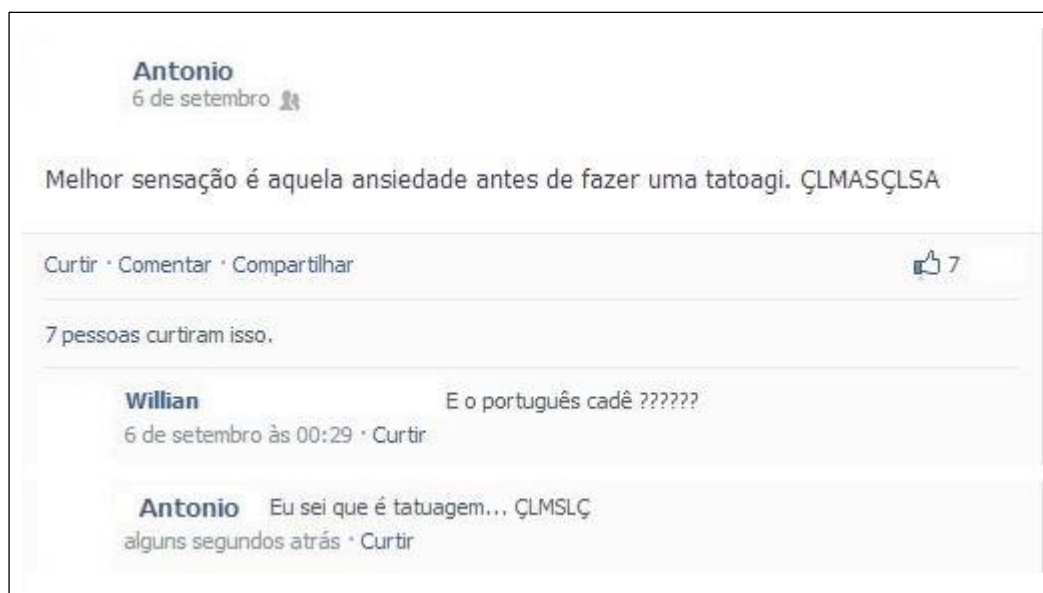
A correção ocorre por conta de um pequeno problema ortográfico “grassas” que é prontamente corrigido por um comentário feito por outra pessoa, também sujeito nativo digital. Ela salienta que é uma excluída por não ir ao evento, mas que não escreve “graças” com “ss”.

L1 – Agora eh oficial! Rock in rio 2013!! **Grassas** a Jessica e Elaine q vão tornar especialmente essa viagem a melhor de todas ;) dias 14, 15, 19, 22/09/13 agradeço muitoo a vcs duas, gatas da minha vida ^^!! E pros mlks (e excluída)... vai ser mto foda...

L2 – eu sou excluída, mas pelo menos não escrevo **graÇas** cm “ss” ;p

Temos nesse caso uma heterocorreção heteroiniciada, uma vez que o interlocutor interpela o outro sobre o desvio normativo e já faz uma correção, fazendo uma retificação na mensagem principal que foi postada. No exemplo, a correção assume a função de orientar o foco aos interlocutores, e também de revelar a relação entre eles. Quando ND1 é interpelado por outro, da forma como ocorreu, é possível observar que a face do sujeito foi colocada em risco. ND1 não procedeu, até o momento da coleta do *corpus*, a nenhum tipo de manifestação sobre o que foi reformulado, o que sugere que ND1 preferiu utilizar um processo para preservar sua face denominado por Goffman (2011) como “evitação”. Nesse processo, ND1 prefere evitar algum tipo de contato ou manifestação com relação ao comentário feito pelo indivíduo que o interpelou, evitando que mais ameaças aconteçam.

ND1 – Texto 34



No texto 34, ND1 estava prestes a fazer uma tatuagem. Por conta disso, ele resolve compartilhar com os amigos da rede a sensação de ansiedade que estava sentindo. Entretanto, logo após ter publicado seu *post*, ele é interpelado por alguém

que o questiona sobre o uso da norma culta com a pergunta: “E o português cadê?????”.

O que ocorre nesse exemplo é uma autocorreção heteroiniciada procurando retificar o enunciado. ND1 escreve “tatoagi” e é interpelado por um amigo da rede, não nativo digital, que o questiona. Em seguida, o sujeito mostra que de fato sabe que a grafia deveria ser “tatuagem”.

L1 – Melhor sensação é aquela ansiedade antes de fazer uma **tatoagi**. ÇLMASÇLSA

L2 – E o português cadê?

L1 – Eu sei que é **tatuagem**... ÇLMSLÇ

A correção assume a função de orientar o foco de atenção entre os interlocutores, deixando clara a posição social marcada pelo “registro sociolinguístico de bem falar”. Nesse exemplo, ND1 teve sua face ameaçada pelo comentário de um amigo da rede, isso se deve ao fato de que, por ser um comentário feito em um *post* público, todos os usuários que pertencem a sua rede de contato têm acesso, podendo gerar algum tipo de descrédito à ND1. Por conta disso, ND1 faz uma ressalva, procurando preservar sua face, e demonstrar que, apesar de as regras ortográficas terem sido quebradas, ND1 as conhece e as respeita.

ND2 – Texto 35



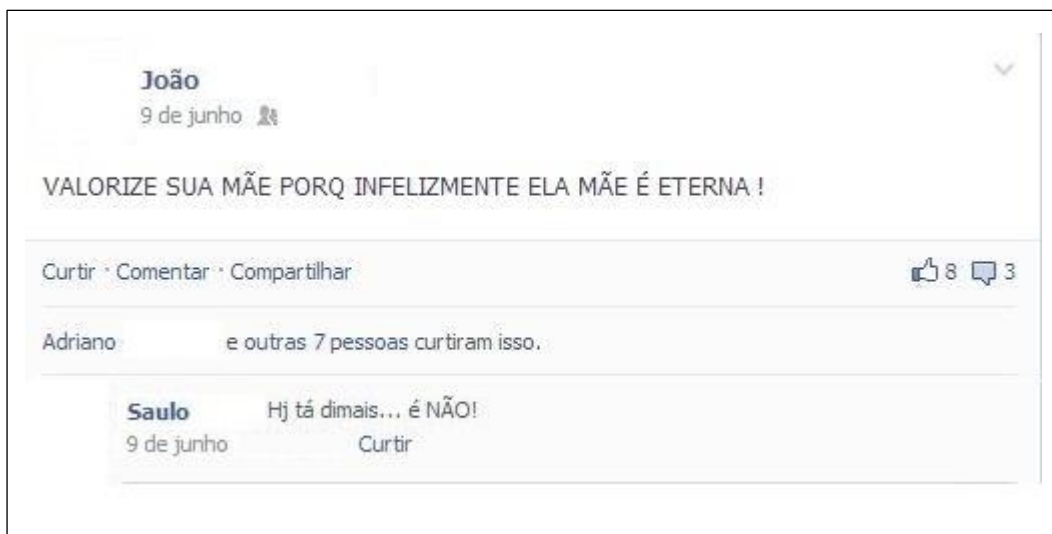
No texto 35, ND2 comenta com seus amigos virtuais que está ou provavelmente estará em um “role” com alguns amigos a quem ele chamou de “aliando”. Ao perceber que o que escreveu não era exatamente o que queria, ele procura reformular o enunciado por meio de um comentário: “Ops! Aliado.”.

L1 – Um rolê com os **aliando** já me faz feliz – mato seco logo menos (8

L1 – Ops! **Aliado**. rs

Temos nesse exemplo um caso de autocorreção auto-iniciada em que ND2 procura retificar o que considerou inadequado. Ao realizar essa atividade de reformulação, o sujeito procura resolver o problema que possa ameaçar sua face perante os amigos da rede. Isso se deve ao fato de que estes esperam que os textos publicados por ND2 não possuam nenhum tipo de inadequação ortográfica, uma vez que o sujeito publicou em seu perfil ser um conhecedor de alguns idiomas, como “o inglês, o português brasileiro e o portuñol”. Essa informação leva os participantes do Facebook, que possuem acesso aos textos, a construir uma imagem positiva sobre ND2, como sendo alguém que conhece a língua portuguesa e, portanto, não deveria cometer esse tipo de erro. Sendo assim, ND2, com o intuito de preservar a face, posta um comentário em que mostra estar atento às questões de ordem ortográfica, por meio da oferta de uma solução rápida que pode reestabelecer a ordem no evento, tirando o foco do problema e reafirmando a posição de ND2 de grande conhecedor da língua.

ND2 – Texto 36



No texto 36, ND2 decidiu fazer um comentário aos amigos do Facebook: “VALORIZE SUA MÃE PORQ INFELIZMENTE ELA MÃE É ETERNA!”. Contudo, ND2 sofre a interpelação de um amigo da rede, também nativo digital, que faz uma observação sobre a escrita do amigo, por meio do comentário: “Hj tá demais...” em provável referência a outras postagens que provavelmente tiveram algum tipo de problema. Por fim, um dos amigos da rede de ND2, sujeito nativo digital, reformula o texto, indicando que a grafia correta seria “Não!”.

L1 – VALORIZE SUA MÃE PORQ INFELIZMENTE ELA **MÃE** É ETERNA!

L2 – Hj tá demais... é **NÃO**!

Temos um caso de heterocorreção heteroiniciada retificando o texto publicado. Ou seja, o interlocutor encontra algum problema no texto do outro e o reformula por julgar o que seria mais adequado, porém não anula o sentido pretendido. A correção assume a função de orientar o foco por meio da relação entre os interlocutores, deixando clara a posição social marcada pelo “registro sociolinguístico de bem falar”.

ND2 tem sua face ameaçada por um participante, também nativo digital, de sua rede de contato. Ao fazer o comentário e a correção, esse participante expõe ND2 a uma situação de descrédito perante os demais participantes da rede de contatos no Facebook. Até o momento em que o texto foi selecionado para esta análise, não havia nenhum tipo de comentário retificador por parte de ND2, o que revela sua estratégia de preservar sua face por meio da evitação, ou seja, ND2, ao não retrucar o que foi proposto por seu amigo, faz com que o tópico em questão não receba atenção demasiada por parte dos interlocutores.

ND3 – Texto 37



ND3, no texto 37, tem como meta desejar coisas positivas aos amigos de sua rede de contato. Entretanto, por causa de um desvio ortográfico no enunciado "... eu desejo há você", esse *post* é contestado por um de seus amigos virtuais, sujeito não nativo digital, que indica que o "há" está errado e reformula dizendo que "é a". Em seguida, ND3 ironiza a amiga com a expressão "Falo o professor de portugueses...".

L1 – Toda positividade eu desejo **há** você, pois precisamos disso nos dias de luta.

L2 – Esse "há" tá errado, é "**a**"...

L1 – Falo professor de portugueses...

Temos uma heterocorreção heteroiniciada que busca retificar o texto publicado. A correção assume a função de orientar o foco para a relação entre os interlocutores, deixando clara a posição social marcada pelo “registro sociolinguístico de bem falar”. ND3 teve sua face ameaçada pelo comentário de um amigo da rede.

ND3 – Texto 38



A correção se dá por questões ortográficas. ND3 escreveu “o bondo passo...”. Um dos contatos da rede reformula o enunciado em um comentário, propondo: “o ‘bonde’ passou”.

L1 – O **bondo** passo, as novinha observo!!

L2 – O “**bonde**” passou.

Temos uma heterocorreção heteroiniciada retificadora que assume a função de orientar o foco para a relação entre os interlocutores. ND3 teve sua face ameaçada pelo comentário de um amigo da rede, pois, pelo fato de o comentário ter sido feito em um *post*, todos os usuários que pertencem a sua rede de contato têm acesso. Essa situação pode gerar algum tipo de descrédito para ND3, uma vez que seu perfil revela que estuda na USP. Até o momento em que a mensagem foi coletada, ND3 não publicou nenhum comentário referente à correção, evitando levar adiante algum tipo de discussão que poderia colocar sua face em riscos maiores.

ND4 – Texto 39



ND4, no texto 39, procura fazer um comentário sobre o cuidado que os indivíduos precisam ter sobre suas escolhas. ND4 parte de uma afirmação “Na vida TUDO são escolhas...” (linha 1), assevera que as “escolhas” (linha 1) são de cada um e finaliza ressaltando que “as consequência” também.

O texto apresenta um pequeno desvio referente à norma culta: a concordância nominal. Ao utilizar-se da expressão “as consequência”, ND4 flexionou o artigo enquanto o substantivo não foi flexionado. Esse desvio é apontado por um amigo da rede, também nativo digital, que já o reformula.

L1 – Na vida TUDO são escolhas, as escolhas são suas... mas, as **consequência** também.

L2 – **Consequências***

Temos um exemplo de heterocorreção heteroiniciada, com o objetivo de retificar o enunciado proposto por ND4 em seu *post*. A correção assume a função de orientar o foco para a relação entre os interlocutores, deixando clara a posição social marcada entre eles pelo “registro sociolinguístico de bem falar” (Fávero, Andrade e Aquino 2006, p. 272). Até o momento da coleta do texto para a análise, não havia nenhum tipo de comentário posterior sobre a correção, o que mostra que ND4 preferiu evitar qualquer tipo de confronto com o indivíduo que o corrigiu.

ND4 – Texto 40



No texto 40, ND4 procura externar suas impressões sobre pessoas que odeiam as outras sem motivo e sem as conhecer. O sujeito defende a ideia de que essa atitude nada mais é do que “uma inveja sem admitir”.

A retificação é feita pelo próprio sujeito em um comentário sem a necessidade de que outros a interpelem, revelando que se trata de uma autocorreção auto-iniciada. ND4 publicou “ê” (linha 1) e “Saidemimenvejosa” (linha 2) que é logo reformulada pelo comentário “ops! Ignorem o meu inveja com E, e o acento circunflexo no e”, sendo introduzido por um “ops”, numa manifestação de que percebeu que algo não estava de acordo. Além disso, ND4 solicita aos amigos que ignorem o “inveja com E, e o acento circunflexo no e.”.

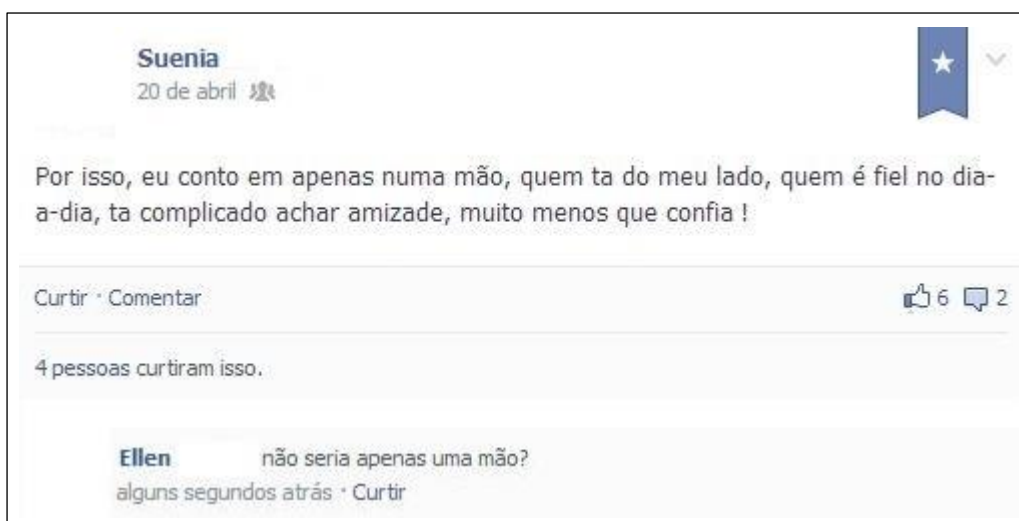
L1 – Odiar uma pessoa sem conece-la, ê uma inveja sem admitir... Saidemimen**vejosa**!

L1 – ops! Ignorem o meu **inveja com E**, e o acento circunflexo no **e**.

A correção procura orientar o foco para a relação que ND4 possui com seus amigos da rede, marcando sua posição social e revelando que é conhecedor das normas linguísticas do “falar bem” (Fávero, Andrade e Aquino, 2006). Ao publicar essa mensagem, ND4 logo observa que há duas inadequações de ordem ortográfica e acredita que manter a mensagem do jeito que está pode ameaçar sua face. Por

conta disso, ND4 faz uma ressalva, revelando sua reflexão sobre a língua e preservando a face perante os interlocutores.

ND5 – Texto 41



ND5 procura no texto 41 mostrar que poucas pessoas de fato são amigas, o que o sujeito afirma poder contar “em apenas uma mão”. Em seguida, defende que “achar amizade” é muito difícil e mostra que a confiança é o ponto chave para estreitar laços.

É possível perceber que ocorre um problema de regência verbal, em que o verbo “conto” acaba por reger a preposição “em” duas vezes: “eu conto **em** apenas **numa** mão”. Essa situação é questionada em um comentário feito por um não nativo digital: “não seria apenas uma mão?”, que já o reformula de acordo com que compreende como sendo a norma culta.

L1 – Por isso, eu conto em apenas **numa** mão, quem ta do meu lado, quem é fiel no dia-a-dia, ta complicado achar amizade, muito menos que confia!

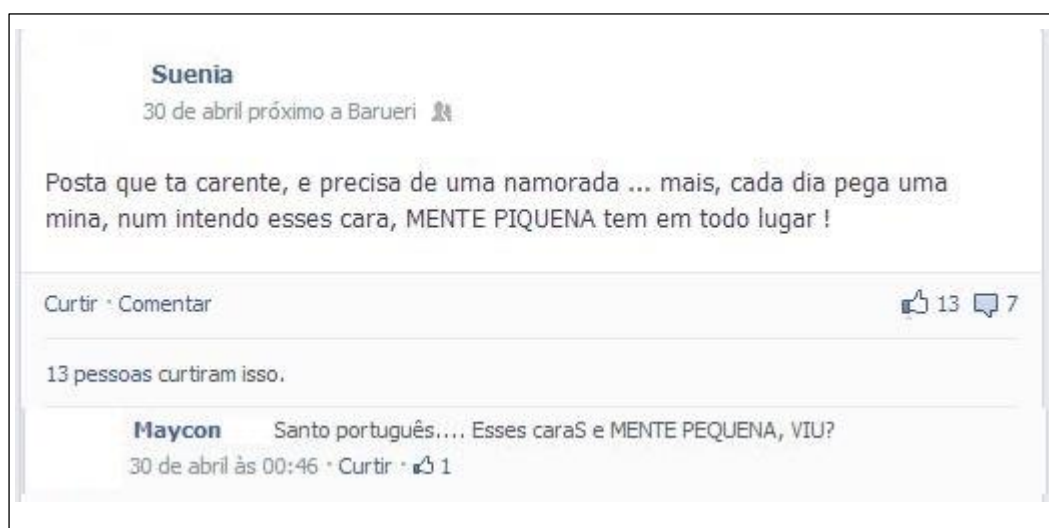
L2 – não seria apenas **uma** mão?

Temos uma heterocorreção heteroiniciada que busca retificar o enunciado anterior. A correção serviu para orientar o foco dos interlocutores para questões

referentes à língua, tirando a relevância sobre o sentido da mensagem. Além disso, por meio da correção é revelada a relação entre os interlocutores marcando a posição social entre eles em que um preza pelo “registro sociolinguístico de bem falar”.

O comentário reformulador pode se configurar em ameaça à face de ND5, isso se deve ao fato de que, por ser um comentário publicado logo após o texto de ND5, todos os usuários que pertencem a sua rede de contato podem ter acesso, o que pode levar o sujeito a algum tipo de descrédito quanto ao seu conhecimento da língua. Até o momento da coleta do corpus, ND5 não havia feito nenhum tipo de comentário, o que sugere uma manobra defensiva para preservar sua face denominada por Goffman (2011) de “evitação”.

ND5 – Texto 42



ND5, no texto 42, ironiza determinadas pessoas que postam mensagens sobre a situação afetiva em que se encontram: “carente, e precisa de uma namorada”. Logo em seguida, há um comentário feito por um amigo da rede que coloca em evidência alguns problemas relativos à norma culta: concordância nominal e ortografia.

Temos um caso de heterocorreção heteroiniciada com o intuito de retificar os problemas encontrados no *post*. ND5 escreve “esses cara” e “mente piquena” que é

reformulado em um comentário feito por um sujeito não nativo digital introduzido pela expressão “Santo português” e a concordância e a grafia corretas: “Esses caraS e mente pequena”.

L1 – Posta que ta carente, e precisa de uma namorada .. mais, cada dia pega uma mina, num intendo **esses cara**, **MENTE PIQUENA** tem em todo lugar.

L2 – Santo português... **Esses caraS** e **MENTE PEQUENA**, VIU?

A correção orienta o foco de atenção para a relação entre os interlocutores, marcando a posição social por meio da norma de prestígio social do “bem falar”. ND5 teve sua face ameaçada pelo comentário de um amigo da rede, que mostrou refletir sobre os usos da língua no contexto da rede.

Quando o texto foi coletado para a presente análise, não havia nenhum comentário por parte de ND5 contestando o comentário feito pelo interlocutor. Essa posição possibilita duas situações: ou ND5 não se importou com a correção ou evitou entrar em algum tipo de conflito com o outro e colocar sua face em risco de outra maneira, como alguém arrogante e que gosta de confusão.

ND6 – Texto 43



ND6, no texto 43, faz uma alusão aos amigos da rede que estão postando mensagens sobre o Oscar na TV., o que chamou de “liveblogging via Facebook”.

Temos um caso de autocorreção auto-iniciada que procura retificar o enunciado anterior por meio de um comentário. ND6 escreve no *post* “TV em cada” e logo em seguida o reformula “*casa”, colocando um asterisco (*) antes da palavra numa indicação de que está retificando uma palavra.

L1 – Vocês que estão fazendo liveblogging via Facebook do Oscar: que atitude nobre! É para manter informado que não tem TV em **cada**, né?

L1 - ***casa**

Ao publicar essa mensagem, ND6 logo observa que há algum tipo de inadequação de ordem ortográfica, revelando que procura refletir sobre os usos que são feitos da língua, principalmente nas redes sociais, onde o número de interlocutores é incomensurável. ND6 acredita que manter a mensagem do jeito que está pode ameaçar sua face e, por conta disso, faz um comentário reformulador preservando, perante seus amigos da rede, a imagem que construiu em seu perfil e em suas publicações anteriores.

ND6 – Texto 44



No texto 44, ND6 faz um *post* procurando demonstrar seu descontentamento com as manifestações feitas na rua e ocorridas em junho de 2013.

Temos um caso de autocorreção auto-iniciada que visa retificar o enunciado anterior por meio de um comentário. ND6 escreve no *post*: “O pessoal *deveriam*” e logo em seguida o reformula “*deveria”, colocando um asterisco (*) antes da palavra numa indicação de que está retificando uma palavra. Esse procedimento foi realizado de forma semelhante no texto anterior, o que sugere se tratar de um procedimento de ND6 quando corrige alguma coisa.

L1 – Que horror protestarem na rua. O pessoal ***deveriam*** ir pra casa e ficar compartilhando uma imagem no Facebook ate chegar em um milhão de compartilhamentos e assim o aumento não será tão grande. É assim que as pessoas civilizadas fazem.

L1 - ****deveria***

Ao publicar essa mensagem, ND6 logo observa que há algum tipo de inadequação de concordância verbal e o retifica. Ao realizar essa atividade, ND6 faz com que seus amigos da rede percebam o quanto é preocupado com as questões relativas à normatividade gramatical. ND6 acredita que manter a mensagem com a inadequação gramatical pode ameaçar sua face que foi construída por meio do relacionamento com os amigos da rede que sempre acompanham suas publicações. Por conta disso, ND6 faz uma ressalva, com o intuito de preservar a face construída, a de quem procura observar os registros do “bem falar”.

ND7 – Texto 45



ND7 apresenta, no texto 45, suas impressões sobre o dia que se inicia. Esse comentário responde ao que o Facebook propõe como pergunta inicial: “No que Você está pensando”. O sujeito comenta sobre as condições climáticas e como odeia “dia chuvoso”, numa clara demonstração de que seu cotidiano está relacionado às atividades que desenvolve durante o dia. Ele parte de uma afirmação “O dia começou chato” que já demonstra seu desagrado para com o dia que se inicia, seguindo para uma enumeração de situações que o desagrada como “chuva, nublado...” levando a uma conclusão “odeio dia chuvoso” seguida por um *Smile* “;I” indicando tédio, o que reforça a asserção inicial.

A reformulação ocorre por conta de um problema presente no texto. O enunciado fonte apresenta um pequeno desvio ortográfico, provavelmente gerado por algum erro de digitação, uma vez que as teclas dessas duas letras são muito próximas, seja no celular, seja no computador. O sujeito escreve “o dia hoje”, procurando estabelecer que se trata do dia em que ele escreve. Esse enunciado é questionado por um interlocutor, não nativo digital, que indica a falta de compreensão do texto por meio da expressão “Não entendi”, que leva ND7 à reformulação da expressão colocando “É dia” e indicando o erro na escrita.

L1 – O **dia** hoje já começou chato, chuva, nublado, odeio dia chuvoso! ;/

L2 – Não entendi...

L1 – **É dia**, escrevi errado.. rsrs

Temos uma autocorreção heteroiniciada retificadora com a função de orientar o foco para a correção. O interlocutor, ao indicar que não compreendeu o enunciado proposto por ND7, coloca a face que o sujeito construiu em seu perfil e em suas publicações em risco. Essa situação ocorre por conta do caráter público que possui o texto publicado no Facebook, ou seja, o texto, por estar no ambiente da rede, pode alcançar um número de pessoas muito grande, o que acarretaria em perda da face por parte de ND7.

Procurando manter a face perante os amigos, ND7 reformula o enunciado e deixa claro para o outro que havia escrito errado. A atitude de ND7 visa preservar a face perante os amigos, pois, ao publicar “escrevei errado” seguido de expressão

típica do *internetês* “rsrs”, o sujeito revela a aceitação da correção e acanhamento por ter cometido o desvio e por ter sido interpelado.

ND7 – Texto 46



No texto 46, ND7 faz um pedido junto aos amigos da rede social Facebook para que escrevam as palavras corretamente. ND7 justifica sua posição afirmando que o “Facebook é uma rede social e é visto por qualquer pessoa”.

Temos um caso de autocorreção auto-iniciada retificadora, uma vez que ND7 corrige por meio de uma mensagem o que considerou como um problema em sua mensagem: a concordância nominal. O sujeito escreve “escrever as postage correta” e, em um comentário, retifica o problema encontrado com a publicação da expressão “postagens”.

L1 - Gente, por favor antes de postar algo no face, fiquem sabendo que existe dicionário para saber como são escritas as palavras, pois Facebook é uma rede social e é visto por qualquer pessoa, então façam o favor de escrever as **postage** corretas.

L1 – Eu falo isso, mas ei tb rs... **postagens**...

No texto, ND7 revela aos seus amigos da rede a preocupação que possui com relação ao uso das normas sociolinguísticas. Entretanto, com a publicação do

post, ND7 acaba por cometer o desvio que tanto defendeu no corpo do texto, o que pode ameaçar a face que foi construída.

Com essa correção, ND7 mantém o foco na atividade reformuladora, mas usa um atenuante por meio da expressão “Eu falo isso, mas ei tb rs...”, com o intuito de preservar sua face perante sua rede de contatos, e tentar evitar algum tipo de interpelação feita por alguém.

ND8 – Texto 47



No texto 47, ND8, por meio do celular, faz uma série de afirmações sobre “a alma” e a “vida”, terminando com um questionamento: “O que será que a vida reservou para mim??”.

Temos um exemplo de autocorreção infirmativa auto-iniciada, pois há uma troca de um item lexical “calma” por outro “alma” que altera o sentido proposto inicialmente no texto.

L1 – A **calma** e grande, a vida e pequena. So alcancamos aonde nossa braço chega, e so vemos ate onde chega nosso olhar... porque sempre vao ter vários pra tentr te humilhar, não abaixa a caeça, LEVANTE ESSE OLHAR! Eu quero CALMA NA ALMA PRA PODER VIVER A VIDA! O que ser que a vida reservou para mim??

L1 – Não e “calma” e “**alma**”.

ND8, com essa correção, procura auxiliar seus amigos da rede quanto ao sentido do texto, pois percebeu que a compreensão poderia ser prejudicada. Ao realizar essa atividade, ND8 orienta o interlocutor para elementos específicos do tópico em questão.

ND8 – Texto 48



No texto 48, ND8 comenta sobre os momentos que viveu e que a memória não esquece, restando apenas a saudade. Temos um caso de autocorreção heteroiniciada retificadora, procurando não anular o enunciado e não alterar o sentido da mensagem. ND8 escreve em seu *post* “Ha” e “nao”, por duas vezes e o retifica afirmando “É mesmo” em concordância com o comentário, e escrevendo em outro comentário o que considera correto: “há, não, memória, não de novo”.

L1 – **Ha** momentos que o tempo **nao** apaga, a memoria **nao** esquece e saudade é o que resta.

L2 – Faltaram os acentos

L1 – É mesmo... **há, não, memória, não** de novo. rs

A correção assume a função de cooperar para o desenvolvimento da interação, possibilitando ao outro a participação no que está sendo publicado.

Favero, Andrade e Aquino (2006), afirmam que, esse tipo de correção também revela a atenção e o interesse pelo o que o outro está publicando.

No que se refere à correção, é possível perceber que, entre os sujeitos nativos digitais, ela ocorre por indicação ou iniciativa de terceiros, gerando autocorreções heteroiniciadas; por iniciativa do próprio sujeito, por meio de uma autocorreção auto-iniciada; e heterocorreções feitas por meio de comentários de amigos da rede.

Do ponto de vista do contexto, os comentários feitos acabam por permitir a abertura da informação à intervenção de outros sobre o que foi publicado, permitindo que a construção do conhecimento seja feita de forma coletiva. Essas correções analisadas são feitas por meio de comentários retificadores, ou seja, sem invalidar o sentido que se pretendia, ou por infirmação, invalidando o enunciado fonte.

As correções assumem, no material analisado referente aos sujeitos nativos digitais, a função de orientar o foco para elementos específicos como: o tópico discursivo, a adequação do conteúdo tópico, a relação entre os participantes da interação, a posição social entre os interlocutores e para colocar em risco ou fazer a manutenção da face do sujeito que publica no Facebook suas mensagens.

4.2.2 Correção em textos de sujeitos não nativos digitais

NND1 – Texto 49



No texto NND1 deseja que “as pessoas de fino trato, lindas e maravilhosas”, no caso seus amigos na rede social, tenham um bom dia. O sujeito em questão faz, com essa publicação, o que as pessoas que fazem parte de sua rede de contatos esperam dele nesse ambiente: passar mensagens de incentivo aos amigos virtuais. As mensagens com essa temática possibilitam que se construa uma face positiva de NND1.

É possível verificar nesse caso que há uma ocorrência de autocorreção auto-iniciada retificadora. No *post*, o sujeito escreve “pesdoas” e, ao perceber o problema, já o reformula de forma direta em uma mensagem colocando “pessoas”.

L1 – Bom dia, **pesdoas** de fino trato ...

Bom dia, pessoas lindas...

Bom dia, pessoas maravilhosas..

L1 - **pessoas**

Esse tipo de correção feita por NND1 assume a função de orientação do foco de atenção dos interlocutores para questões relativas à língua, procurando preservar a face. Isso se deve ao fato de que o sujeito, em seu perfil, informou que cursou o ensino superior e que trabalha para a secretaria da educação e é esperado que NND1 não tenha nenhum tipo de problema de ordem ortográfico.

Ao produzir um comentário retificador, NND1 promove a manutenção da face, levando em conta que, devido as informações mencionadas anteriormente, os amigos esperam que ele produza seus textos observando o padrão normativo, ou como salientaram Fávero, Andrade e Aquino (2006, p. 272), “o registro sociolinguístico do ‘bem falar’”.

NND1 – Texto 50

Silvana
18 de julho

Uma professora morreu no RJ. O que esperar de um governo que trata seus professores como bandidos?



Confirmado a morte da Professora de artes, Elizabete da Fonseca, (67) de infarto em decorrência da inalação de gás lacrimogênio e bombas lançadas pelo CBNP.

https://fbcdn-sphotos-e-a.akamaihd.net/hphotos-ak-prn1/11526_167460223447641_2024379292_n.jpg
fbcdn-sphotos-e-a.akamaihd.net

Curtir (desfazer) · Comentar · Compartilhar

Você e Eliana · curtiram isso.

Silvana
18 de julho · Curtir

Sobre a professora que morreu no Rio e eu compartilhei a notícia, estão dizendo que foi o Anonymous Rio que publicou e é boato.
Minha amiga T me alertou sobre isto. Eu comi bola e peço desculpas.

No texto 50, escrito por NND1, é possível verificar que se trata de uma autocorreção infirmativa. No *post*, o sujeito compartilha uma notícia sobre a morte de uma professora no Rio de Janeiro, por causa das manifestações ocorridas em junho

de 2013. Em seguida, NND1, por meio de um comentário, revela que foi interpelada por uma amiga de que a notícia era falsa e pede desculpas aos amigos da rede pelo ocorrido.

L1 – Uma professora morreu no RJ. O que esperar de um governo que trata seus professores como bandidos?

L1 – Sobre a professora que morreu no Rio e eu compartilhei a notícia, estão dizendo que foi o Anonymous Rio que publicou e é boato. Minha amiga T. me alertou sobre isto. Eu comi bola e peço desculpas.

Com essa correção, NND1 procura cooperar com seus amigos da rede orientando o foco para o tópico discursivo em relevância: as desculpas por ter publicado um notícia incorreta. O Facebook é uma rede social que permite ao seu usuário reformular ou retirar do mural textos a que considera inadequado, entretanto não foi o que ocorreu. NND1, ao perceber que compartilhou algo incorreto, demonstra sua preocupação para que os amigos da rede e outros, que, eventualmente, possam acessar seus textos, não façam um juízo de valor inadequado, colocando a face do sujeito em risco.

NND1 recorre ao recurso do “intercâmbio” (Goffman, 2011) para reestabelecer o equilíbrio na interação com os demais sujeitos. Esse recurso consiste em uma sequência de ações que tem como finalidade preservar a face que, possivelmente, foi colocada em risco, o que se observa no texto 50 por meio das expressões “comi bola” e “peço desculpas”.

NND2 – Texto 51

Cavalcante
31 de maio

Tenho vergonha de mim,
pois faço parte de um povo que não reconheço,
enveredando por caminhos
que não quero percorrer...

Tenho vergonha da minha impotência, da minha falta de garra,...
das minhas decepções e do meu cansaço.

Não tenho para onde ir, pois amo este meu chão,
Vibro ao ouvir meu Hino e jamais usei a minha
Bandeira para enxugar o meu suor ou enrolar meu corpo
Na pecaminosa manifestação de nacionalidade

Curtir · Comentar · Compartilhar

 5  6

5 pessoas curtiram isso.

Nazareth

Lembrou sabe o que? Aquela música lá do Vinicius com Chico, que é "e aí me dá uma tristeza no peito, feito um despeito de não ter como lutar... e eu que não creio peço a deus por minha gente"... Um negócio assim. Vou até dar um google pra ver se acho o nome dela porque faz um tempo que não ouço.



Cavalcante
31 de maio

Vc captou, linda... Estou emo como um despeito de não ter como lutar



Cavalcante
31 de maio

mesmo



Cavalcante
31 de maio

não



O texto apresenta um caso em que a retificação não está relacionada com a mensagem principal, mas sim com os comentários. NND2 posta um poema que é comentado por um interlocutor também não nativo digital que faz parte de sua rede de contatos. NND2 faz um comentário sobre o comentário feito, observando que este havia compreendido o que ele queria dizer. Entretanto, ao perceber problemas em sua escrita, NND2 escreve e publica dois comentários, procurando retificar dois problemas.

Temos um caso de autocorreção auto-iniciada que busca retificar o texto anterior. NND1 escreveu “emo” e “nõa” que são respectivamente corrigidos por “mesmo” e “não”.

L1 – Vc captou, linda... estou **emo** como um despeito de **nõa** ter como lutar

L1 – **mesmo**

L1 - **não**

Essa correção trabalha para orientar o foco de atenção dos envolvidos na interação para a posição social que NND2 possui e que está descrita em seu perfil: o fato de ser médico. Além disso, espera-se que alguém em sua posição reflita sempre sobre o uso da língua e siga às normas linguísticas e sociolinguísticas instituídas pelo grupo, mesmo que em ambiente de rede, em que está inserido.

Esse fato nos leva a reflexão de que as atividades cotidianas e os papéis que os indivíduos representam nos inúmeros domínios discursivos presentes no mundo físico, também são representados no mundo virtual, levando consigo todas as regras de conduta linguística do “bem falar” que se espera de alguém na posição de NND2.

NND2 – Texto 52



No texto 52, NND2 publica aos amigos da rede que conhece alguém (não especificado) há algum tempo: 4 anos. Em seguida, por verificar um problema no

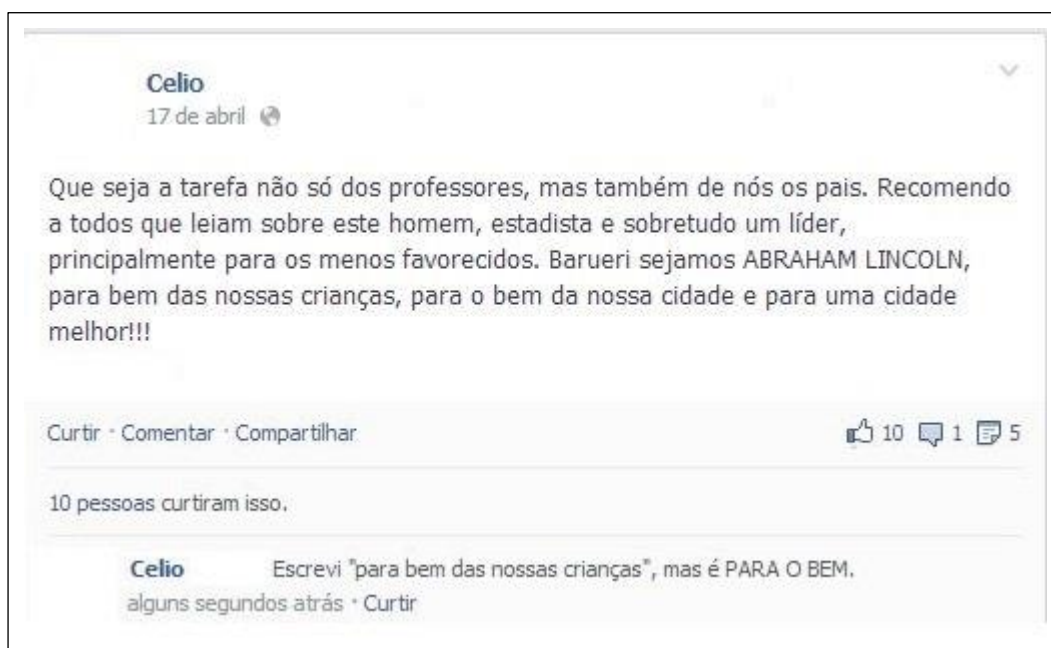
enunciado que pode comprometer a compreensão do texto, NND2 faz um comentário em que faz a troca de um item lexical, o numeral “4”, por outro, o “5”.

L1 – Hj fazem **4 anos** que nos conhecemos.

L1 – onde coloquei 4 entenda **5**, rs.

Temos uma autocorreção infirmativa em que NND2, com essa correção, orienta o interlocutor para elementos específicos do tópico em questão, no caso o tempo em que conhece determinada pessoa.

NND3 – Texto 53



No texto 53, NND3 recomenda a leitura da biografia de um homem: “Abraham Lincoln”. Nessa mensagem ocorre um exemplo de autocorreção auto-iniciada com o objetivo de retificar o problema identificado, no caso, a ausência do artigo definido “o”. Essa correção ocorreu em um comentário e foi introduzida pela construção “Escrevi para bem das nossas crianças”. Antes da expressão reformuladora “PARA

O BEM”, há a presença da conjunção “mas” que prepara o leitor para a reformulação.

L1 – Que seja a tarefa não só dos professores, mas também de nós os pais. Recomento a todos que leiam sobre este homem, estadista e sobretudo um líder, principalmente para os menos favorecidos. Barueri sejamos ABRAHAM LINCOLN, **para bem** das nossas crianças, para o bem da nossa cidade e para uma cidade melhor!!!

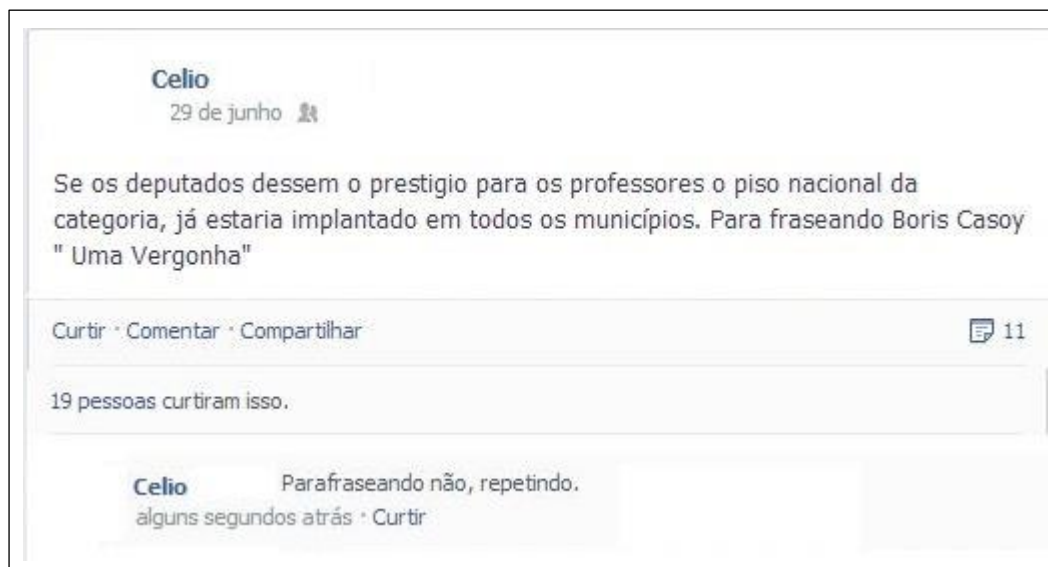
L1 – Escrevi “para bem das nossas crianças”, mas é **PARA O BEM**.

No exemplo, a correção tem como função orientar o foco dos interlocutores para a relação que existe entre NND3 e os amigos da rede de contato e respaldar sua posição social. NND3 possui uma imagem que foi construída pelas informações do perfil e pelos textos que costuma publicar em seu mural.

Além dessas informações mencionadas, há outra pista importante para a construção da imagem de NND3: ter concluído o ensino superior e trabalhar em uma escola. Sendo assim, não se espera que um indivíduo que tenha algum tipo de atividade vinculada ao ensino apresente em seus textos desvios relativos à norma culta da língua.

Diante do “problema”, NND3, acreditando que pode ter sua face ameaçada, faz, por meio de um comentário, uma autocorreção que vai funcionar como um recurso para preservar sua imagem perante a rede.

NND3 – Texto 54



No texto 54, produzido por NND3, há uma autocorreção infirmativa. No *post*, o sujeito inicialmente propõe que está “Para fraseando” de um jornalista chamado “Boris Casoy” a expressão “Uma Vergonha”. Ao perceber o problema, NND3 já reformula o texto por meio de um comentário: “Parafraseando não, repetindo.”, anulando parte da mensagem anterior.

L1 – Se os deputados desse o prestígio para os professores o piso nacional da categoria, já estaria implantado em todos os municípios. ***Para fraseando Boris Casoy “Uma Vergonha”***
L1 – ***Parafraseando não, repetindo.***

No texto 54, NND3 sujeito procura orientar o foco de atenção e preservar sua face perante seus amigos da rede de contato que o enxergam como alguém que possui uma posição social e intelectual privilegiada. Essa imagem foi construída por meio das informações presentes no perfil em que se denomina como alguém que deseja “construir um futuro melhor...”, por ter formação superior e por trabalhar em uma instituição de ensino.

O problema verificado é de seleção lexical. NND3 propõe em seu texto que está parafraseando, mas, ao verificar que a expressão possa, eventualmente, ser

questionada por alguém, numa clara ameaça à sua face, o sujeito reformula o enunciado substituindo “parafraseando” por “repetindo”.

NND4 – Texto 55



The screenshot shows a Facebook post from a user named Renata, located in Osasco, posted 2 hours ago. The post text is "Adoro essa canção: lembrada pelo meu gato". It features a video player for the song "A tua presença" by Fernanda Abreu. Below the video, there are two comments from Renata: "Gostri do clipe!" and "Gostei", both timestamped as "Quinta às 16:24".

Renata
há 2 horas próximo a Osasco

Adoro essa canção: lembrada pelo meu gato

Fernanda Abreu - A tua presença
www.youtube.com

A Tua Presença Morena Caetano Veloso A tua presença Entra pelos sete buracos da minha cabeça A tua presença Pelos olhos, boca, narinas e orelhas A tua presen...

Curtir · Comentar · Compartilhar

Renata Gostri do clipe!
Quinta às 16:24 · Curtir

Renata Gostei
Quinta às 16:24 · Curtir

NND4, No texto 55, afirma gostar de uma canção que compartilhou no *post*. Em seguida, comenta também ter gostado do *clip*. NND4 publica o que se espera dele por conta de suas atribuições profissionais como “assessora de imprensa” de um conjunto musical. Por fazer parte do cotidiano de NND4 o trabalho com música, seus amigos da rede lhe atribuíram uma face positiva, como alguém que possui uma posição social de destaque.

O problema ortográfico não ocorre no *post*, mas nos comentários. O sujeito escreve “gostri” no enunciado fonte que é logo reformulado no comentário a seguir, colocando “gostei”.

L1 – **Gostri** do clipe!

L1 - **Gostei**

Temos um exemplo de autocorreção auto-iniciada retificadora cumprindo a função de orientar o foco de atenção dos interlocutores da rede para a reflexão sobre o uso da língua. NND4, por conta de sua posição social já mencionada anteriormente, ao verificar as inadequações já indicadas, procura reformular o enunciado com o objetivo de preservar sua face que poderia ser ameaçada por um comentário feito por um terceiro.

NND4 – Texto 56



No texto 56, NND4 comenta sobre um videoclipe que marcou a vida dele, respondendo a pergunta inicial que o Facebook faz a todos antes de postar alguma mensagem: “O que você está pensando?”.

Temos um caso de autocorreção auto-iniciada que possui como atribuição retificar o enunciado anterior com um comentário. Esse tipo de correção não anula o

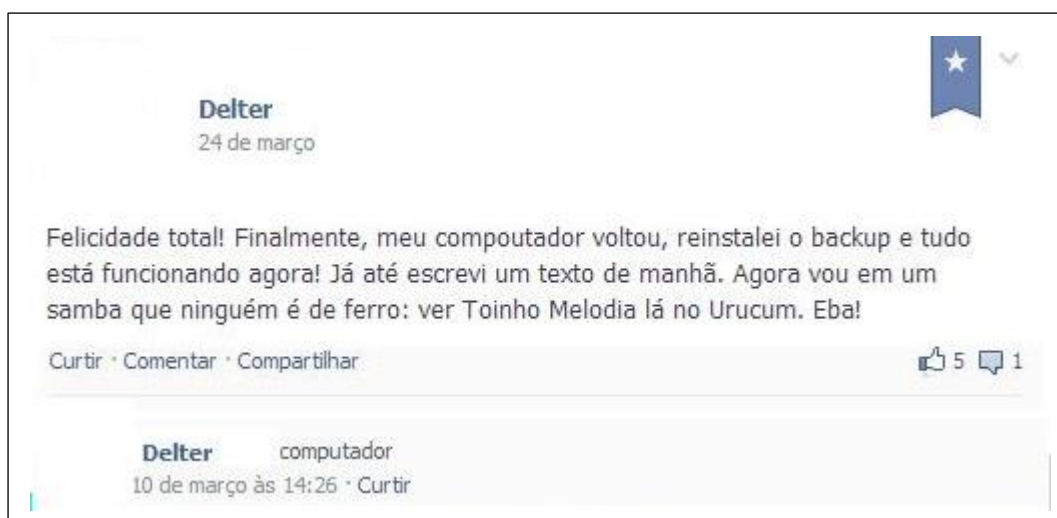
sentido do que foi dito, mas apenas retifica algum problema na mensagem. NND4 escreve no *post*: “...minha vida esta fase também” e logo em seguida o reformula “Nesta*”, colocando um asterisco (*) após a expressão reformulada, numa indicação de que está retificando uma palavra.

L1 - videoclipe até clichê, mas esta música me marcou para a vida toda... Oh 18 anos volta... (E pessoas que estiveram na minha vida **esta** fase também) tantas coisas aconteceram... Tantas coisas mudaram...

L1 – **Nesta***

NND4 possui uma face positiva que foi atribuída por seus amigos da rede. Essa face foi construída com base nas informações que já foram mencionadas presentes no perfil de NND4 e que são base para a construção de um modelo de contexto para a interação entre o sujeito e seus amigos da rede. Por conta disso, é esperado de alguém que trabalha como assessor de imprensa que não tenha em seus textos nenhum desvio referente à norma culta. NND4, ao perceber esse problema, reformula seu texto e corrige o problema, para tentar preservar sua face.

NND5 – Texto 57



NND5, no texto 57, comenta com os amigos da sua rede de contatos sua “felicidade total!” com o retorno do computador que havia dado problema e estava no conserto. Ele lista também uma série de atividades que já desenvolveu com o equipamento, além de indicar onde estará: vendo um show do cantor “Toinho Melodia” num local denominado “Urucum”.

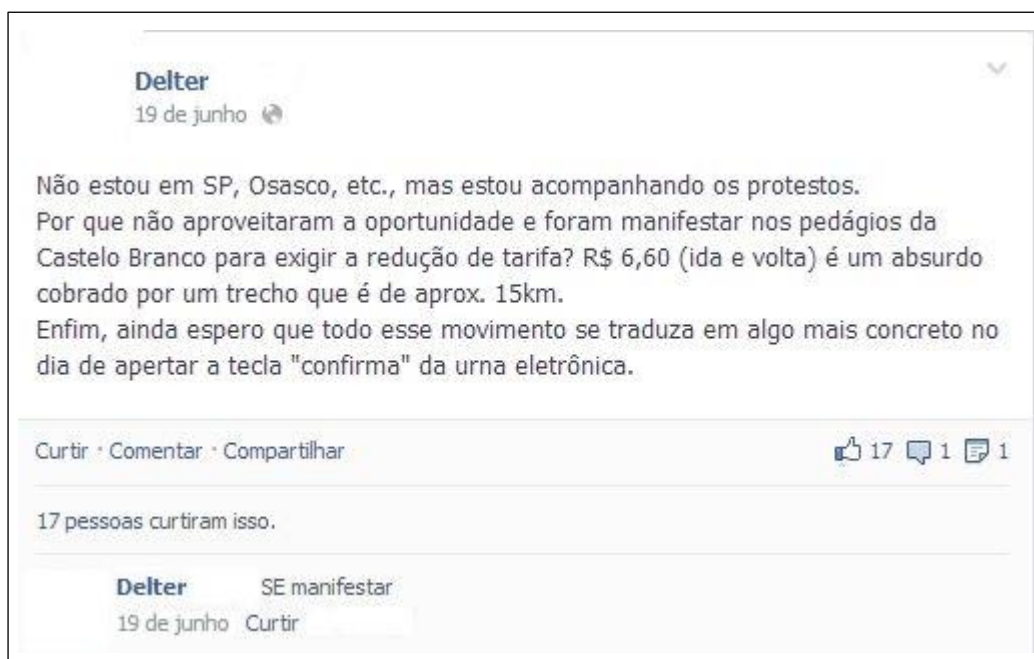
O *post* apresenta um problema ortográfico que é prontamente reformulado em um comentário posterior. O sujeito escreveu “compoutador” em seu enunciado fonte e reformulou escrevendo “computador” em um comentário, num exemplo de autocorreção auto-iniciada.

L1 – Felicidade total! Finalmente, meu **compoutador** voltou, reinstalei o backup e tudo está funcionando agora! Já até escrevi um texto de manhã. Agora vou em um samba que ninguém é de ferro: ver Toinho Melodia lá no Urucum. Eba!

L1 - **computador**

A correção ocorreu de forma direta, com a reescrita da palavra e sem indicação de um marcador discursivo. Essa correção cumpre a função de orientar o foco do interlocutor para a reflexão que NND5 fez sobre os usos da língua, com o objetivo de marcar sua posição social perante os amigos da rede, revelando que o pequeno desvio ortográfico não é uma constante, mas que foi verificado e reformulado.

NND5 – Texto 58



O texto 58 de NND5 comenta sobre as manifestações populares de junho de 2013 e sugere que a população proteste contra a cobrança de pedágio na rodovia Castelo Branco.

Temos um caso de autocorreção auto-iniciada retificadora em que o enunciado anterior é reformulado por meio de um comentário.

L1 – Não estou em SP, Osasco, etc., mas estou acompanhando os protestos. Por que não aproveitaram a oportunidade e foram **manifestar** nos pedágios da Castelo Branco para exigir a redução da tarifa? R 6,60 (ida e volta) é um absurdo cobrado por um trecho que é de aprox.. 15km. Enfim, ainda espero que todo esse movimento se traduza em algo mais concreto no dia de apertar a tecla “confirma” da urna eletrônica.

L1 – **SE manifestar**.

Esse tipo de correção não anula o sentido do que foi dito, mas apenas retifica algum problema na mensagem. NND5 escreve no *post*: “foram manifestar” e logo em seguida o reformula “SE manifestar”, acrescentando o pronome reflexivo “SE” ao

verbo manifestar, indicando uma reflexão sobre o uso da língua. A correção nesse exemplo cumpriu a função de orientar o foco de atenção e auxiliar na preservação da face atribuída pelos amigos da rede de contatos que construíram uma imagem positiva de NND5 a partir das informações do perfil e pelas mensagens publicadas.

NND6 – Texto 59



NND6 compartilhou, em 15 de abril, um link referente a uma reportagem onde o cantor Caetano Veloso afirma que o Deputado Federal à época, Feliciano, havia mentido sobre o sucesso de determinada música. Acima do link, o sujeito fez um comentário sobre a matéria, onde critica determinado deputado brasileiro sobre a veracidade de algumas informações.

É possível observar que há um comentário que procura retificar uma expressão escrita no post: “pertende”. Ao perceber a ocorrência do desvio relativo à ortografia, o sujeito retifica o “erro” escrevendo somente a palavra “pertence”.

L1 – Caetano desanca Feliciano – não que a criatura mereça, de fato, qualquer atenção inteligente...

Larga esse corpo parlamentar que não lhe ***pertende***, Feliciano! Aleluia!

L1 - ***pertence***

Temos uma autocorreção auto-iniciada, cumprindo a função de orientar o foco de atenção para a relação entre os interlocutores bem como fazer a manutenção da face construída por meio das informações do perfil e pelas mensagens publicadas.

NND6 –Texto 60



No texto 60, NND6 comenta com seus amigos da rede de contatos sobre o feriado que estava para ocorrer: dia do trabalho. Essa informação funciona como pistas contextuais que vão contribuir para que os interlocutores compreendam seus textos.

Nesse exemplo, temos um caso de autocorreção auto-iniciada retificadora em que o enunciado anterior é reformulado por um comentário. NND6 escreve no *post*: “mas só de dormir até mais tarde” e logo em seguida o reformula em um comentário constituído apenas pela palavra “Depois”, para indicar que está retificando uma expressão presente no texto.

L1 – Feriado, feriado, feriado!!! Tenho mil coisinhas para fazer, mas só **de** dormir até mais tarde...

L1 – **Depois**.

A correção funcionou para orientar o foco de atenção para a relação entre os interlocutores, trabalhando para que NND6 tenha sua face, que foi construída pelas informações do perfil e pelas mensagens publicadas, preservada.

NND7 – Texto 61



No texto 61, NND7, revela seu ponto de vista sobre um filme que foi assistir no cinema: “Meu namorado é um zumbi”.

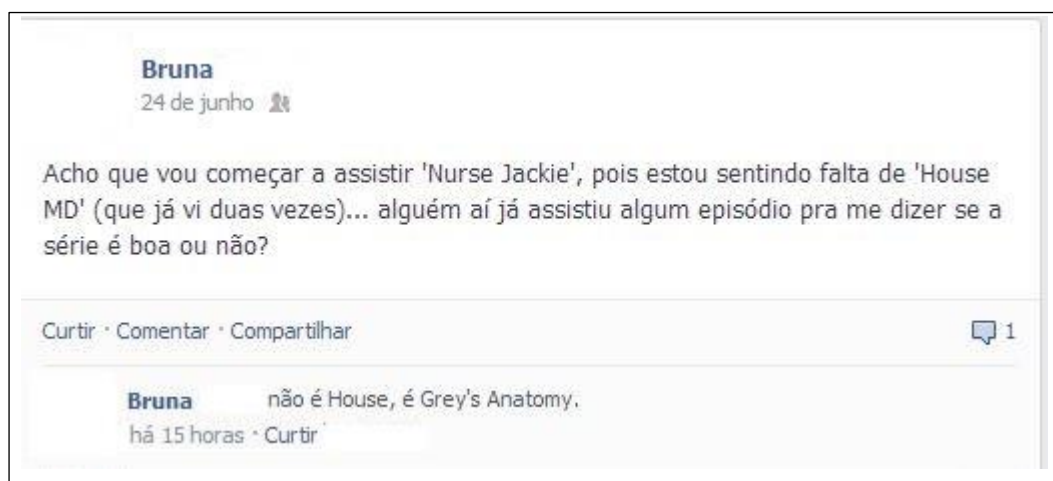
Temos um caso de autocorreção auto-iniciada que visa retificar um problema de ordem morfosintática encontrada no texto: a flexão do substantivo composto “mortos-vivos”. NND7 escreve no post: “mortos-vivo” e logo em seguida o reformula em um comentário publicando a expressão com a correção “os mortos vivos”.

L1 – Acabei de assistir "Meu namorado é um zumbi", que venho adiando há tempos pois achei o título hi-lá-rio, pra dizer o mínimo... hahaha Apesar de ser um filme 'surrealista' se tratando de zumbis, creio que foi uma das melhores formas encontradas para 'curar' os **mortos-vivo**.. pelo menos criativa! É bacaninha, e só. Uma pena sair tanto da linha George Romero... rsrs... dizem que o livro é bem melhor que a adaptação; vou ler para conferir! Mas que eu ri a maior parte do filme, eu ri! E que eu ri de desgosto, eu ri! Hahahaha

L1 – **os mortos vivos**

Assim como em outros casos mencionados anteriormente, temos uma correção que funciona como elemento orientador do foco para a relação entre os interlocutores. Além disso, essa correção também serve como atividade para preservar a face de NND7 perante sua rede de contatos.

NND7 – Texto 62



No texto 62, NND7 comenta com sua rede de contatos do Facebook uma ação que provavelmente ele iria realizar: “começar a assistir ‘Nurse Jackie’”. Ela justifica a escolha desse seriado por sentir “falta de ‘House MD’”, outro seriado que possui como pano de fundo situações vivenciadas dentro de um hospital

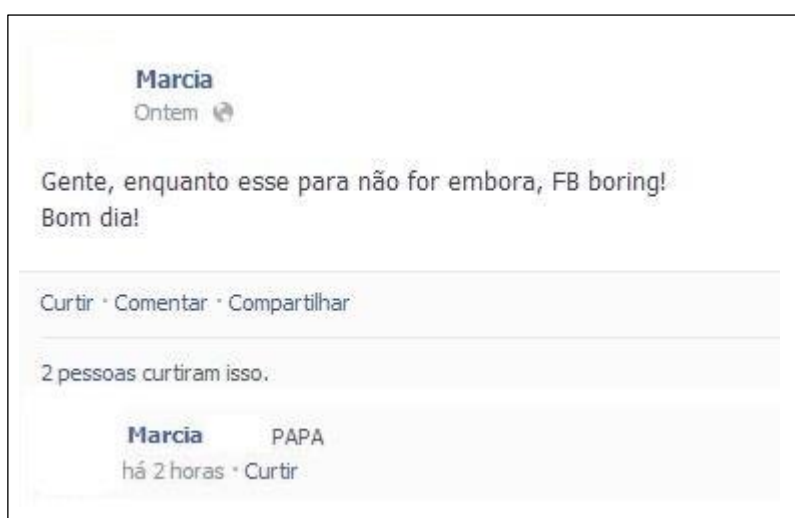
Temos um caso de autocorreção auto-iniciada infirmativa. No post, o sujeito inicialmente propõe que está “sentindo falta de ‘House MD’”. Ao perceber que o seriado de televisão citado não era o pretendido, o sujeito já o reformula o texto com a substituição de “House” por “Grey’s Anatomy”, anulando a mensagem anterior. Cabe ressaltar a presença de um advérbio de negação em “não é House”, que funciona como um indicativo de que alguma alteração será feita na mensagem anterior.

L1 – Acho que vou começar a assistir 'Nurse Jackie', pois estou sentindo falta de **'House MD'** (que já vi duas vezes)... alguém aí já assistiu algum episódio pra me dizer se a série é boa ou não?

L1 – ***não é House, é Grey's Anatomy.***

A correção assume a função de orientar o foco de atenção para o tópico discursivo em questão, tendo como meta fazer a precisão referencial para auxiliar seus amigos da rede quanto ao que NND7 quis informar em seu *post*.

NND 8 – Texto 63



O texto 63 NND8 está diretamente relacionado com a visita do Papa Francisco ao Brasil. O sujeito inicia sua mensagem procurando chamar a atenção do interlocutor com a expressão “Gente” e, em seguida, introduz sua mensagem referente ao Papa, finalizando com a expressão em inglês “*FB boring!*”, demonstrando que o Facebook está entediante.

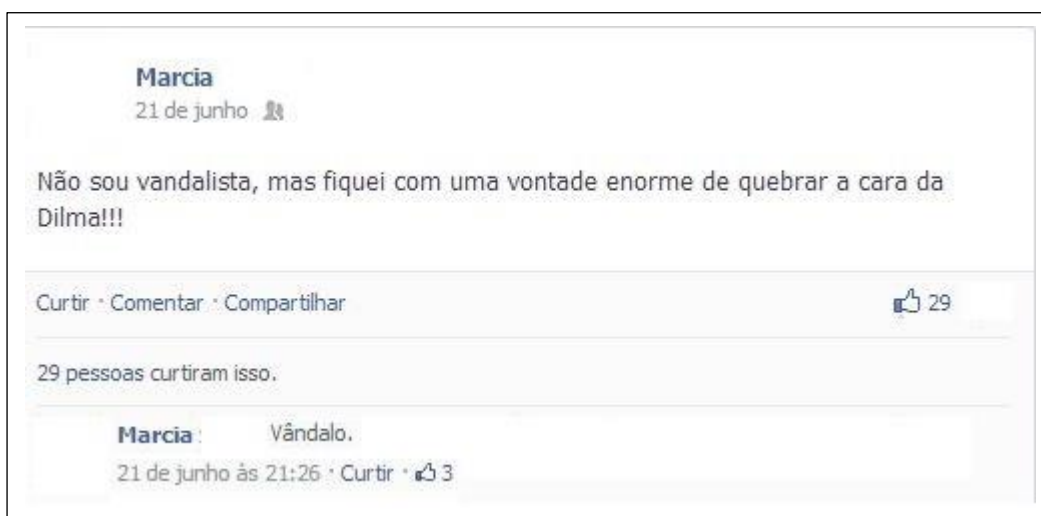
O *post* apresenta um problema ortográfico que é prontamente reformulado em um comentário posterior. O sujeito escreveu “para” em seu enunciado fonte e reformulou escrevendo “PAPA” em um comentário, num claro exemplo de autocorreção auto-iniciada. A correção se deu de forma direta, com a reescrita da palavra e sem indicação de um marcador discursivo, e não anulou o sentido pretendido no enunciado fonte.

L1 – Gente, enquanto esse **para** não for embora, FB boring!

L1 – **PAPA**

A correção cumpriu uma função importante para a interação entre NND8 e os demais participantes da rede: orientou o foco de atenção dos interlocutores para a reflexão que fez sobre o uso da língua. Com isso, NND8 ratifica sua posição perante os amigos que participam do Facebook de que é uma empresária com formação superior e que procura adequar seus textos às normas sociolinguística do “falar bem” (Fávero, Andrade e Aquino, 2006).

NND 8 – Texto 64



No texto 64, NND8, por conta das manifestações ocorridas em junho de 2013, demonstra um sentimento de revolta, pois NND8 afirma que tem “uma vontade enorme de quebrar a cara da Dilma!!!”. Nesse exemplo, temos um caso de autocorreção auto-iniciada para retificar o enunciado anterior por meio de um comentário. NND8 escreve no *post*: “não sou vandalista” e logo em seguida o reformula em um comentário com a palavra “Vândalo”, numa indicação de que está retificando apenas a palavra em questão.

L1 – Não sou **vandalista**, mas fiquei com uma vontade enorme de quebrar a cara da Dilma!!!

L1 – **Vândalo**.

Assim como em outros exemplos de outros sujeitos não nativos digitais, a correção cumpre a função de orientar o foco de atenção para a relação que os interlocutores possuem no ambiente da rede.

No que se refere à correção, é possível perceber que, entre os textos de sujeitos não nativos digitais, a correção ocorre por iniciativa do próprio sujeito em uma autocorreção auto-iniciada. Essas correções analisadas são feitas por meio de comentários para retificar o texto, ou seja, sem invalidar o sentido que se pretendia,

ou por infirmação, invalidando o enunciado fonte. As correções entre os não nativos digitais, semelhantemente ao que ocorre com os nativos, cumprem a função de orientar o tópico discursivo e manifestar a relação entre os interlocutores como mecanismos para preservar a face construída pelas informações presentes no perfil e em textos publicados anteriormente.

5. Considerações finais

Neste trabalho, analisamos a repetição e a correção em textos no Facebook, dentro do processo de reformulação, entendendo-se reformulação como uma estratégia de processamento textual. Para a realização dessa investigação, fizemos as seguintes questões: como os nativos e os não nativos digitais produzem a repetição e a correção em suas mensagens no Facebook? Que funções essas estratégias assumem no contexto dessa mídia social?

Para a análise pretendida, baseamo-nos em estudos do texto na perspectiva sociocognitiva e interacional. Nesse quadro, destacam-se as reflexões teóricas de Beaugrande (1997), para quem o texto é visto como um “evento comunicativo” que envolve aspectos linguísticos, cognitivos, sociais, culturais e interacionais; de Koch (2008), que entende o texto como o “lugar da interação” entre interlocutores, bem como de van Dijk (2012) que compreende o contexto como um “modelo mental”. Para o autor:

Os modelos mentais são representações cognitivas de nossas experiências. Num certo sentido, eles são as nossas experiências se assumirmos que experiências são interpretações pessoais daquilo que acontece conosco. (van Dijk, 2012, p. 94)

Os sujeitos da pesquisa foram divididos em dois grupos: **os nativos digitais** e **os não nativos digitais**, conforme estudos de Prensky (2001). De ambos os grupos, selecionamos mensagens produzidas no Facebook, para a análise das estratégias de reformulação: repetição e correção.

O resultado da análise do *corpus* sobre **os casos de repetição no grupo de sujeitos nativos digitais** são sintetizados nos quadros a seguir:

Quadro 1

Casos de repetição quanto à produção	Textos
Auto-repetição	1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15 e 16
Heterorrepetição	4, 6 e 14

Quadro 2

Casos de repetição levando em conta as categorias linguísticas	Textos
Repetição morfológica	3, 12 e 13
Repetição de item lexical	1, 2, 3, 5, 7, 9, 11, 13, 15 e 16.
Repetição de construção suboracional	4, 5, 6, 8, 13, 14 e 16
Repetição de construção oracional	10 e 15

Quadro 3

Casos de repetição quanto à função	Textos
Estabelecer a Coesividade	3, 7, 12, 13, 14, 15 e 16
Reafirmar argumentos	2, 7 e 8
Contrastar argumentos	10 e 11
Contestar argumentos	9 e 14
Esclarecer o tópico para auxiliar a compreensão	1 e 8
Expressar opinião pessoal	4 e 6
Conduzir e manter o tópico	5 e 6

O resultado da análise do *corpus* sobre **os casos de repetição no grupo de sujeitos não nativos digitais** são sintetizados nos quadros a seguir:

Quadro 4

Casos de repetição quanto à produção	Textos
Auto-repetição	17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31 e 32
Heterorrepetição	19, 24 e 30

Quadro 5

Casos de repetição levando em conta as categorias linguísticas	Textos
Repetição morfológica	25
Repetição de item lexical	17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30 e 31
Repetição de construção suboracional	17, 21, 22, 23, 24, 26, 27 e 30
Repetição de construção oracional	32

Quadro 6

Casos de repetição quanto à função	Textos
Estabelecer a coesividade	17, 22, 26, 27 e 31
Reafirmar argumentos	17, 21, 28
Contestar argumentos	23
Intensificar a compreensão	22 e 29
Expressar opinião pessoal	20 e 30
Conduzir e manter o tópico	19, 24, 27, 30 e 32
Incorporar sugestões	18
Estruturar a argumentação com base na temporalização	25

Comparando o resultado da análise sobre os casos de repetição em textos de sujeitos nativos digitais com os textos de sujeitos não nativos digitais, observamos que:

- 1) tanto os nativos digitais quanto os não nativos digitais recorrem à repetição como uma das estratégias para reformular seus *posts* no Facebook;
- 2) tanto os nativos digitais quanto os não nativos digitais realizam a auto-repetição e a heterorrepetição, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 7

Casos de repetição quanto à produção	Total de textos de nativos digitais	Total de textos de não nativos digitais	Total de textos de nativos e não nativos digitais
Auto-repetição	13	15	28
Heterorrepetição	3	3	6

- 3) tanto os nativos digitais quanto os não nativos digitais promovem repetições manifestadas por meio de repetições de morfemas; de itens lexicais; de construções suboracionais; e de construções oracionais, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 8

Casos de repetição quanto à produção	Total de textos de nativos digitais	Total de textos de não nativos digitais	Total de textos de nativos e não nativos digitais
Repetição morfológica	3	1	4
Repetição de item lexical	10	13	23
Repetição de construção suboracional	7	8	15

Repetição de construção oracional	2	1	3
-----------------------------------	---	---	---

4) tanto os nativos digitais quanto os não nativos digitais recorrem a repetições que assumem as mais variadas funções como:

- construir listas para estabelecer a coesividade que foi verificada em ambos os sujeitos.
- reafirmar argumentos que foi verificada em ambos os sujeitos.
- contestar argumentos que foi verificada em ambos os sujeitos.
- contrastar argumentos que só foi verificada entre os nativos digitais.
- manter o tópico discursivo que foi verificado em ambos os sujeitos.
- esclarecer informações que só foi verificada entre sujeitos nativos digitais.
- expressar uma opinião pessoal que foi verificada em ambos os sujeitos.
- incorporar sugestões que só foi verificada em texto de sujeito não nativo digital.
- intensificar a compreensão que foi verificada em ambos os sujeitos.
- estruturar a argumentação com base na temporalização que só foi verificada em texto de sujeito não nativo.

O quadro que segue pontua essas ocorrências:

Quadro 9

Casos de repetição quanto à produção	Total de textos de nativos digitais	Total de textos de não nativos digitais	Total de textos de nativos e não nativos digitais
Coesividade	7	5	12
Reafirmar argumentos	3	3	6
Contrastar argumentos	2	0	2
Contestar argumentos	2	1	3

Esclarecimentos	2	0	2
Expressar opinião pessoal	2	2	4
Conduzir e manter o tópico	2	5	7
Intensificação	0	2	2
Incorporar sugestões	0	1	1
Estruturar a argumentação com base na temporalização	0	1	1

O resultado da análise do *corpus* sobre **os casos de correção no grupo de sujeitos nativos digitais** são sintetizados nos quadros a seguir:

Quadro 10

Casos de correção quanto à ocorrência	Textos
Autocorreção auto-iniciadas	35, 40, 43, 44, 46 e 47
Autocorreção heteroiniciada	34, 45 e 48
Heterocorreções heteroiniciada	33, 36, 37, 38, 39, 41 e 42

Quadro 11

Casos de correção quanto ao tipo	Textos
Retificar	33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46 e 48
Infirmar	47

Quadro 12

Casos de correção quanto às funções	Textos
Orientar o foco para evidenciar a relação entre os interlocutores	33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46 e 48
Orientar o foco para elementos específicos	35 e 47

Quadro 13

Casos de correção quanto à manifestação	Textos
Correção de elementos morfossintáticos	33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46 e 48
Correção por substituição lexical	47

O resultado da análise do *corpus* sobre **os casos de repetição no grupo de sujeitos não nativos digitais** são sintetizados nos quadros a seguir:

Quadro 14

Casos de correção quanto à ocorrência	Textos
Autocorreção auto-iniciadas	49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63 e 64
Autocorreção heteroiniciada	Nenhum caso.
Heterocorreções heteroiniciada	Nenhum caso.

Quadro 15

Casos de correção quanto ao tipo	Textos
Retificar	49, 51, 53, 55, 56, 57, 59, 59, 61, 63 e 64
Infirmar	50, 52, 54, 60 e 62

Quadro 16

Casos de correção quanto às funções	Textos
Orientar o foco para evidenciar a relação entre os interlocutores	49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 63 e 64
Orientar o foco para elementos específicos	60 e 62

Quadro 17

Casos de correção quanto à manifestação	Textos
Correção de elementos morfossintáticos	49, 51, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63 e 64
Correção por substituição lexical	50, 52, 54 e 62

Comparando as análises sobre os casos de correção em textos de **sujeitos nativos digitais** com os textos de **sujeitos não nativos digitais**, observamos que:

- 1) tanto os nativos digitais quanto os não nativos digitais recorrem à correção como estratégia de reformulação de seus *posts* no Facebook;

- 2) os nativos digitais realizam mais heterocorreções ou autocorreções heteroiniciadas do que autocorreções auto-iniciadas, como nos mostra o quadro a seguir:

Quadro 18

Casos de correção quanto à manifestação	Total de textos de nativos digitais	Total de textos de não nativos digitais	Total de textos de nativos e não nativos digitais
Autocorreção auto-iniciadas	6	16	22
Autocorreção heteroiniciada	3	0	3
Heterocorreção heteroiniciada	7	0	7

- 3) tanto nos textos de nativos digitais quanto nos textos de não nativos digitais, as correções referem-se a aspectos linguísticos como a morfossintaxe e a seleção lexical, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 19

Casos de correção quanto à manifestação	Total de textos de nativos digitais	Total de textos de não nativos digitais	Total de textos de nativos e não nativos digitais
Correção de elementos morfossintáticos	15	12	27
Correção por substituição lexical	1	4	5

- 4) nos textos de nativos digitais quanto nos textos de não nativos digitais, a correção tem a função de orientar o foco de atenção ao tópico discursivo, bem como de orientar o foco de atenção para a relação entre os participantes da interação, como indicado no quadro a seguir:

Quadro 20

Casos de correção quanto às funções	Total de textos de nativos digitais	Total de textos de não nativos digitais	Total de textos de nativos e não nativos digitais
Orientar o foco para evidenciar a relação entre os interlocutores	14	14	28
Orientar o foco para elementos específicos	2	2	4

- 5) nos textos dos sujeitos nativos digitais e dos sujeitos não nativos digitais a maior parte das correções ocorreu para retificar algum problema encontrado, mas também houve casos em que o conteúdo foi substituído por outro, como mostra o quadro:

Quadro 20

Casos de correção quanto ao tipo	Total de textos de nativos digitais	Total de textos de não nativos digitais	Total de textos de nativos e não nativos digitais
Retificar	15	11	26
Infirmar	1	5	6

Em relação aos resultados gerais, observamos que tanto sujeitos nativos digitais quanto sujeitos não nativos recorrem à repetição e à correção interativas como estratégia para a reformulação dos textos que são publicados no Facebook.

Sobre a repetição, conforme o *corpus* analisado, os sujeitos, tanto nativos digitais quanto não nativos digitais, utilizam mais a auto-repetição do que a heterorrepetição. Do ponto de vista da produção, entre os sujeitos, a repetição de itens lexicais foi maior, seguida da repetição das construções suboracionais, das morfológicas e das construções oracionais.

Do ponto de vista das funções, de acordo com o analisado, tanto nos textos dos sujeitos nativos digitais quanto nos textos dos sujeitos não nativos, houve repetição que trabalhou para a construção da coesão por meio de listas; para reafirmar argumentos; para contestar argumentos; para expressar opinião pessoal; e para conduzir e manter o tópico em questão. Nos textos analisados, chamou nossa atenção que os nativos digitais utilizaram mais repetições para estabelecer a coesão enquanto os sujeitos não nativos digitais utilizaram mais repetição como orientador do foco para elementos específicos.

Ainda de acordo com as funções, chamou a nossa atenção o fato de que, nas mensagens de nativos digitais, algumas repetições funcionaram para construir a argumentação por meio de contraste de ideias, o que não ocorreu em nenhuma mensagem de sujeitos não nativos digitais.

Também importa destacar que, nas mensagens de sujeitos não nativos digitais, encontramos repetições que funcionaram para intensificar a compreensão; incorporar sugestões; e estruturar a argumentação com base na temporalização. Essas funções não foram encontradas em nenhum dos textos de nativos digitais que analisamos.

Sobre a correção, o que nos chamou a atenção na análise do *corpus* foi o fato de os sujeitos não nativos digitais se preocuparem mais com a correção de seus textos. Essa afirmação é revelada pela quantidade de correções que são iniciadas pelos próprios sujeitos: todos os textos que analisamos dos sujeitos não nativos digitais foram corrigidos pelos próprios sujeitos, enquanto nos textos dos sujeitos

nativos digitais, a maior parte das correções ocorreu por iniciativa de outra pessoa que ora indicava a necessidade de correção, ora promovia a devida correção.

Nos textos dos sujeitos nativos digitais, os casos de heterocorreções heteroiniciadas apresentaram algum tipo de comentário anteposto à expressão reformulada como, por exemplo, o texto 42 em que o indivíduo que o reformula escreve antes “Santo português”, revelando a influência do contexto de produção, marcado pelo imediatismo e rapidez das redes sociais, no processo de (re) formulação do texto.

Na maior parte dos textos que foram analisados nesta pesquisa, a correção foi feita de forma direta, ou seja, somente a palavra foi reescrita em um comentário, sem a presença de um marcador discursivo. Em alguns casos, houve a presença de um asterisco anteposta ou posposta à expressão reformulada, numa indicação que é comum ao *internetês* de que algo está sendo alterado.

Com a análise do *corpus*, podemos concluir que os usuários do Facebook, tanto nativos quanto não nativos digitais, revelam cuidado com a escrita por entenderem que seus textos podem trabalhar para a construção e a preservação de uma face positiva perante os inúmeros interlocutores. Os sujeitos compreendem também que a inadequação, seja por conta de textos com problemas de ordem morfossintática, seja por problemas na formulação, podem colocar sua face em risco ou a perda total da credibilidade alcançada ao longo do tempo em que participa do Facebook.

Esses resultados, ainda, revelam a necessidade de mais pesquisas com foco no uso da língua nas redes sociais. Há, para os estudiosos do texto, um campo de trabalho fértil.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras coesão e coerência*. 3 ed., São Paulo: Parábolas, 2005.

ARAÚJO, Júlio César, BIASI-RODRIGUES, Bernadete (orgs.). *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins fontes, 2006.

BEAUGRANDE, Robert de. *New foundations for a science of text and discourse: communication and freedom of Access to knowledge and society*. Norwood, New Jersey, Ablex Publishing Corporation, 1997.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Procedimentos de reformulação: a correção*. In: PRETI. Dino Fioravante (org.) 5 ed., São Paulo: Humanistas FFLCH/USP, 2001.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. In: DIONISIO, Angela Paiva, HOFFNAGEL, Judith Chambliss (org.) 5 ed., São Paulo: Cortez, 2009.

BECHARA, Evanildo Cavalcante. *Moderna gramática portuguesa*. 37. Ed., Rio de Janeiro: lucerna, 2006.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. Por um interacionismo sociodiscursivo. 2 ed. São Paulo: EDUC, 2009.

CARVALHO, Nelly & KRAMER, Rita. *A Linguagem no Facebook*. In. SHEPHERD, Tania G. & SALIÉS, Tania G. org. *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, 2013.

CAVALCANTE, Mônica Cavalcante et al. Dimensões textuais na perspectiva sociocognitiva interacional. In: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros (orgs). *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CRYSTAL, David. *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GAZETA, Sônia Maria Mastrocola. *A interação na internet: a influência das novas tecnologias da comunicação na constituição de novos gêneros discursivos*. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2001.

FAVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira & AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira. *Correção*. In: JUBRAN, Célia Cândia Abreu Spinardi. & KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*: Editora Unicamp. Campinas: UNICAMP, 2006, v. 1.

FREITAS, Fernanda Gonzaga Maia de. *Redes sociais: Facebook – uma nova plataforma de comunicação institucional*. Dissertação de Mestrado para o programa de Tecnologia da Inteligência e Design Digital, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP, 2011.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. *Ritual de Interação*. Petrópolis: Vozes, 2011.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HERRING, Susan. *Piso conversacional e gênero na CMC*. In: SHEPHERD, Tania G. & SALIÉS, Tania G. org. *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, 2013.

HILGERT, José Gaston. *Procedimento de Reformulação: a paráfrase*. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações, 1999

_____. *A paráfrase na construção do texto falado: O caso das paráfrases em relação paradigmática com suas matrizes*. In: JUBRAN, Célia Cândia Abreu Spinardi. & KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*: Editora Unicamp. Campinas: UNICAMP, 2006, v. 1.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 10 ed., São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 9 ed., São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Introdução à Linguística Textual*. 2 ed., São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____.; Souza e Silva, Maria Cecília Pérez. *Atividades de composição do texto falado: a elocução formal*. In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (Org.). *Gramática do português falado: estudos descritivos*. 2. ed. Campinas: UNICAMP. 2002d, v. 6. p. 371-404.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3 ed. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Repetição*. In: JUBRAN, Célia Cândia Abreu Spinardi. & KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Editora Unicamp. Campinas: UNICAMP, 2006, v. 1.

RAJAGOPALAN, K. *Como o Internetês desafia a Linguística*. In: SHEPHERD, Tania G. & SALIÉS, Tania G. org. *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, 2013.

RAMAL, Andrea Cecilia. *“Educar um novo estilo de humanidade”*. In Jornal Tema Livre, Secretaria de Educação da Bahia, setembro/2001, p. 04 e 05.

RIBEIRO, Nilsa Brito. *A paráfrase: uma atividade argumentativa*. 2001. 159f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

SANDIG, Barbara. *O texto como conceito prototípico*. In: WIESER, Hans Peter; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Linguística Textual: perspectivas alemãs*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. *Redes Sociais: a cognição cognitiva do Twitter*. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Lilian Mara Dal Cin dos. *O Pio do Pássaro: Uma Análise Das Funções Prototípicas Do Tweet*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2012.

SANTOS, Ruth Léa. *Paráfrase: uma questão de discurso e sujeito*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, 2008.

XAVIER, Antonio Carlos. *A (in)sustentável leveza do internetês. Como lidar com essa realidade na escola*. In: Elias, V. M. S. *Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2011.

VAN DIJK, Teun Adrianus. *Cognição, discurso e interação*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. *Discurso e Contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. *Testo e contesto*. Bologna: Mulino, 1980.

Fontes digitais

LIMA, Fabio Fernando. *Reformulação e retórica*. Caderno de estudos linguísticos, v.36, n. 3, p.217-226, set/dez. 2007, Disponível em: <http://www.gel.org.br/4publica-estudos-2007/sistema06/100.PDF>>. Acesso em: Maio 2013.

PARENTE, André. *Rede e subjetividade na filosofia francesa contemporânea*. In. *RECIIS – Revista Eletrônica de comunicação e Informação em Saúde*. Disponível em: www.reciis.cict.fiocruz.br ISSN 1981-6278

PESCADOR, Cristina Maria. *Tecnologias digitais e ações de aprendizagem dos nativos digitais*. Disponível em:
http://www.ucs.br/ucs/tplcinfo/eventos/cinfo/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico

PRENSKY, Marc. *Digital Natives Digital Immigrants*. In: PRENSKY, Marc. *On the Horizon*. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, October (2001a). Disponível em <<http://www.marcprensky.com/writing/>>. Acesso em 13/Agosto/2012.

<http://www.tecmundo.com.br/brasil/39797-ibge-uso-de-celular-e-internet-cresceu-mais-de-100-no-brasil-em-seis-anos.htm#ixzz2WTZ3nj3K> - Acessado em 10/06/13, às 12h.

http://www.avellareduarte.com.br/projeto/conceituacao/conceituacao1/conceituacao14_internetBrasil2011.htm - Acessado em 10/06/13, às 12h.

<http://www.tecmundo.com.br/internet/30315-acesso-a-internet-no-brasil-cresceu-39-8-entre-2009-e-2011.htm> - Acessado em 10/06/13, às 12h.

<http://aulete.uol.com.br/nativo> - Acessado em 21/08/2013.

<http://olhardigital.uol.com.br/noticia/facebook-tem-751-milhoes-de-usuarios-em-plataformas-moveis/34286> - Acessado em 21/08/2013.